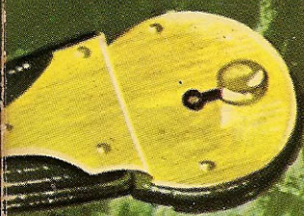


007

IAN
FLEMING

20 WE
PAPA

PARA VOCÊ,
SOMENTE





IAN FLEMING

PARA VOCÊ, SOMENTE

tradução de

AYDANO ARRUDA

BESTSELLER

o fator invisível

Os olhos por trás dos grandes óculos pretos de borracha eram frios como gelo. No torvelinho criado pela ululante velocidade de um BSA M20 correndo a 120 quilômetros, eram as únicas coisas paradas na mistura de carne e metal em alta velocidade. Protegidos pelo vidro dos óculos, fitavam fixamente à frente, colocados pouco acima do centro do guidom. Sua fixidez sombria e inabalável assemelhava-se à da boca de um revólver. Abaixo dos óculos, o vento penetrara através da boca e abrira os lábios para trás em uma careta quadrada que mostrava grandes dentes tumulares e tiras de gengiva esbranquiçada. De ambos os lados da boca, as bochechas haviam sido sopradas para fora pelo vento, formando bolsas que trepidavam ligeiramente. À direita e à esquerda do rosto deformado sob o capacete, as compridas luvas pretas, dobradas sobre os comandos, pareciam as garras de um grande animal pronto para atacar.

O homem vestia o uniforme de mensageiro do Real Corpo de Sinalização e sua máquina, pintada de verde-oliva, era, com certas modificações nas válvulas e no carburador, além da remoção de algumas placas do silenciador para dar mais velocidade, idêntica à motocicleta padronizada do Exército Britânico. No homem e em seu equipamento, nada havia capaz de sugerir que êle não fosse o que parecia ser, exceto uma Luger plenamente carregada presa por um grampo sobre o tanque de gasolina.

Eram sete horas de uma manhã de maio e a estrada que cortava em

reta a floresta cintilava sob a luminosa garoa da primavera. De ambos os lados da estrada, o terreno atapetado de musgo e flores que se afundava entre os grandes carvalhos tinha o teatral encanto das florestas reais de Versalhes e St. Germain. A estrada era a D98, rodovia secundária que dava vazão ao tráfego local na região de St. Germain. O motociclista acabara de passar por baixo da auto-estrada Paris-Nantes, já movimentada pelos veículos que se dirigiam à capital. Seguiu para o norte, rumo a St. Germain, e não havia mais ninguém à vista em direção alguma, exceto, talvez um quilômetro à frente, outra figura quase idêntica — outro mensageiro do Real Corpo. Era um homem mais moço e mais magro, sentado confortavelmente em sua máquina, desfrutando a manhã e mantendo sua velocidade aí pelos 65 quilômetros por hora. Tinha muito tempo e era um belo dia. Pensava se iria comer ovos fritos ou mexidos quando voltasse ao quartel-general lá pelas oito horas.

Quinhentos metros, quatrocentos, trezentos, duzentos, cem. O homem que vinha atrás reduziu sua velocidade para oitenta. Pôs a luva direita entre os dentes e puxou-a da mão. Enfiou a luva entre os botões da túnica, abaixou a mão e desprendeu a arma.

Agora devia estar aparecendo bem no espelho retrovisor do moço à frente, pois este de repente virou a cabeça para trás, surpreendido por encontrar outro mensageiro em seu trajeto a essa hora da manhã. Pensou que fosse alguém da polícia militar americana ou talvez francesa. Poderia ser alguém de qualquer das oito nações da OTAN que constituíam o pessoal do SHAPE. Mas quando reconheceu o uniforme do Corpo, ficou admirado e encantado. Quem poderia ser?

Ergueu jovialmente o polegar direito como sinal de reconhecimento e diminuiu sua velocidade para quarenta, esperando que o outro homem o alcançasse. Com um olho na estrada à frente e outro na silhueta que se aproximava no espelho, lembrou os nomes dos mensageiros britânicos da Unidade de Serviço Especial de Transporte à disposição do Comando do Quartel-General. Albert, Sid, Wally — poderia ser Wally, que era assim encorpado. Bom encontro! Poderia brincar um pouco com êle a respeito daquela franguinha na cantina — Louise, Elise, Lise, como era mesmo seu nome?

O homem com a arma diminuía bem a velocidade. Estava agora a cinqüenta metros de distância. Seu rosto, não deformado pelo vento, apresentava linhas grosseiras e rudes, talvez eslávicas. Uma faísca ver-

melha ardia no fundo dos olhos pretos, que pareciam canos de revólver. Quarenta metros, depois trinta. Uma gralha solitária saiu voando da floresta, à frente do mensageiro mais moço. Atravessou desajeitadamente a estrada e entrou no mato atrás de um cartaz da Michelin, que anunciava faltar ainda um quilômetro para St. Germain. O jovem sorriu e ergueu ironicamente um dedo como saudação e autoproteção — “Uma gralha sozinha dá azar.”

Vinte metros atrás, o homem com a arma tirou ambas as mãos do guidom, ergueu a Luger, descansou-a cuidadosamente no antebraço esquerdo e disparou um tiro.

As mãos do jovem soltaram os comandos e encontraram-se no centro de sua espinha, que se curvava para trás. Sua máquina atravessou a estrada, saltou uma estreita vala e mergulhou em uma área de capim e lírios do vale. Lá se ergueu sobre a rangente roda traseira e vagarosamente caiu para trás por cima do mensageiro morto. A BSA tossiu e sacudiu-se rasgando as roupas do jovem e as flores. Depois ficou imóvel.

O assassino fez uma curva fechada e parou com sua máquina voltada para o lado de onde viera. Abaixou o suporte da roda, puxou a máquina sobre ele e penetrou entre as flores silvestres sob as árvores. Ajoelhou-se ao lado do homem morto e ergueu bruscamente uma de suas pálpebras. Com igual brutalidade arrancou a pasta de couro preto do cadáver e abriu os botões da túnica para retirar uma velha carteira de couro. Arrancou tão bruscamente um relógio barato do pulso esquerdo que a pulseira elástica de cromo partiu-se em duas. Levantou-se e pendurou a pasta no ombro. Enquanto guardava a carteira e o relógio no bolso da túnica, escutava. Havia apenas sons vindos da floresta e o lento estalar do metal quente da BSA desmantelada. O assassino voltou para a estrada. Caminhou vagarosamente, jogando folhas sobre as marcas dos pneus na terra e musgo moles. Deu-se ainda ao trabalho de apagar as profundas marcas na vala e na beirada da grama. Depois, ficou em pé ao lado de sua motocicleta, olhando para o lugar coberto de lírios do vale. Não estava mau! Provavelmente só os cães policiais descobririam. E, com quinze quilômetros de estrada para esquadrinhar, demorariam horas, talvez dias — tempo mais que suficiente. O principal nesses trabalhos era ter uma boa margem de segurança. Poderia ter atirado no homem a quarenta metros, mas preferia fazê-lo a trinta. E tirar o relógio e a carteira fora um belo remate — remate de profissional.

Satisfeito consigo mesmo, o homem levantou a máquina de seu suporte, saltou agilmente sobre o selim e apertou a partida. Vagarosamente, para não deixar marcas de derrapagem, acelerou de volta pela estrada. Um minuto depois, estava novamente fazendo cento e vinte e o vento tornou a estampar em seu rosto a careta vazia de nabo.

Em torno da cena do assassinio, a floresta, que prendera a respiração enquanto aquilo acontecia, vagarosamente começou a respirar de novo.

James Bond tomou seu primeiro trago da noite no “Fouquet’s”. Não foi um trago sólido. Não se pode beber seriamente em cafés franceses. Ao ar livre na calçada sob o sol não é lugar para vodka, uísque ou gim. Um *fine à l’eau* é bastante sério, mas embriaga sem ter bom gosto. Um *quart de champagne* ou um *champagne à l’orange* é muito bom antes do almoço, mas à tarde um *quart* leva a outro *quart*, e uma garrafa de champanha indiferente é base ruim para a noite. *Pernod* é possível, mas deve ser bebido com companhia e, na verdade, Bond nunca gostara daquilo porque o sabor licoroso lembrava-lhe a infância. Não, em cafés a gente tem de beber a menos ofensiva das bebidas de comédia musical que combina com eles e Bond sempre tomava a mesma coisa: um *Americano* — *Bitter Campari*, *Cinzano*, uma grande fatia de casca de limão e soda. Quanto à soda, sempre exigia *Perrier*, pois em sua opinião soda cara era o meio mais barato de melhorar uma bebida ruim.

Quando estava em Paris, Bond invariavelmente mantinha o mesmo endereço. Ficava no “Terminus Nord”, porque gostava de hotéis de estação e porque esse era o menos pretensioso e o mais anônimo deles. Almoçava no “Café de la Paix,” na “Ronde” ou no “Dôme”, porque a comida era bem boa e agradava-lhe observar as pessoas. Se desejava uma bebida sólida, tomava-a no “Harry’s Bar”, tanto por causa da solidez das bebidas como porque, em sua primeira e ignorante visita a Paris com dezesseis anos de idade, fizera o que o anúncio do “Harry’s” no “Continental Daily Mail” lhe dissera para fazer e dissera ao motorista do táxi: “Sank Roo Doe Noo”. Isso dera início a uma das noites memoráveis de sua vida, que culminara com a perda, quase simultânea, de sua virgindade e de sua carteira. Para jantar, Bond ia a um dos grandes restaurantes — “Véfour”, “Caneton”, “Lucas Carton” ou “Cochon d’Or.” Considerava que esses, apesar de tudo quanto o “Michelin” pudesse dizer sobre o “Tour d’Argent”,

o “Maxims” e outros semelhantes, tinham de alguma maneira evitado o deslumbre da conta de despesas e do dólar. Fosse como fosse, preferia a comida deles. Depois do jantar, geralmente ia à Place Pigalle para ver o que lhe aconteceria. Quando, como de hábito, nada acontecia, atravessava Paris a pé até a Gare du Nord e ia para a cama.

Nessa noite, Bond decidira rasgar seu empoeirado livrinho de endereços e fazer um baile à moda antiga. Estava de passagem por Paris, depois de uma missão lamentavelmente malograda na fronteira austro-húngara. Tratava-se de tirar certo húngaro de seu país. Bond fora mandado de Londres especialmente para dirigir a operação, passando por cima da Estação V. Isso não agradara à Estação de Viena. Houvera mal-entendidos — propositais. O homem fora morto no campo de minas da fronteira. Ia haver um tribunal de inquérito. Bond devia voltar ao seu quartel-general em Londres no dia seguinte para fazer o relatório, e pensar nisso tudo deprimia-o. O dia fora tão belo — um daqueles dias em que a gente acredita que Paris é linda e alegre — e Bond resolvera dar à cidade mais uma oportunidade. Arranjaria uma garota que fosse uma verdadeira garota e a levaria jantar em algum lugar falsificado no Bois, como o “Armenonville”. Para tirar de seus olhos a expressão de dinheiro — que certamente lá estaria — dar-lhe-ia logo que possível cinquenta mil francos. Diria a ela: “Pretendo chamá-la de Donatienne ou possivelmente de Solange, porque esses são nomes que combinam com minha disposição e com a noite. Já nos conhecemos antes e você me emprestou este dinheiro porque eu estava em dificuldades. Aqui está e agora vamos contar um ao outro o que estivemos fazendo desde quando nos encontramos pela última vez em St. Tropez exatamente há um ano. Enquanto isso, aqui está o cardápio e a lista de vinhos. Você deve escolher o que a deixe feliz e gorda.” E ela pareceria aliviada por não precisar mais esforçar-se e diria rindo: “Mas, James, eu não quero ser gorda.” E lá estariam eles, começando com o mito de “Paris na Primavera”. Bond ficaria sóbrio e se interessaria por ela e por tudo quanto ela dissesse. E, por Deus, no fim da noite não seria culpa sua se transpirasse que não restava realmente um fiapo de recheio na velha e encanecida história de fadas de “Uma noite alegre em Paris”.

Sentado no “Fouquet’s, esperando o *Americano*, Bond sorriu de sua veemência. Sabia que estava apenas brincando com essa fantasia pela satisfação de dar um último pontapé na cidade pela qual tinha cordial aversão desde a Guerra. Desde 1945, nunca passara um dia feliz em

Paris. Não era pelo fato de a cidade ter vendido seu corpo. Muitas cidades fizeram isso. Era seu coração que se fora — penhorado aos turistas, penhorado aos russos, rumenos e búlgaros, penhorado à ralé do mundo que gradualmente tomara conta da cidade. E, naturalmente, penhorado aos alemães. Podia-se ver isso nos olhos do povo — sombrios, invejosos, envergonhados. Arquitetura? Bond olhou através da calçada para as brilhantes tiras pretas de carros nos quais o sol cintilava dolorosamente. Por toda parte era a mesma coisa, como nos Champs-Élysées. Havia apenas duas horas nas quais se podia ver a cidade — entre as cinco e as sete da manhã. Depois das sete, ela mergulhava em uma trovejante corrente de metal preto com a qual nenhum belo edifício, nenhum bulevar espaçoso e ladeado de árvores podia competir.

A bandeja do garçom bateu sobre o mármore da mesa. Com uma só mão, em um movimento rápido, que Bond nunca fora capaz de imitar, o abridor de garrafas do garçom tirou a tampa da *Perrier*. O homem enfiou a ficha embaixo do balde de gelo, disse um mecânico “Voilà, M’sieur” e afastou-se rapidamente. Bond pôs gelo na bebida, encheu o copo até em cima com soda e tomou um longo trago. Encostou-se para trás na cadeira e acendeu um *Laurens jaune*. Naturalmente, a noite seria um desastre. Mesmo supondo que encontrasse a garota dentro de uma hora mais ou menos, o conteúdo certamente não corresponderia ao envoltório. Examinada mais de perto, ela mostraria ter a pele grossa, úmida e porosa da francesa burguesa. Os cabelos louros por baixo da atrevida boina de veludo seriam castanhos nas raízes e grossos como cordas de piano. O cheiro de menta no hálito não esconderia o alho do meio-dia. A atraente figura seria complicadamente escorada com arame e borracha. Ela seria de Lille e lhe perguntaria se era americano. E, Bond sorriu consigo mesmo, ela ou seu *maquereau* provavelmente lhe roubaria a carteira. *La ronde*. Êle voltaria ao lugar onde começara. Isto é, mais ou menos. Bem, que fosse tudo para o diabo!

Um maltratado Peugeot 403 preto saiu repentinamente da corrente central de tráfego, atravessou a linha interior de carros e parou em fila dupla na esquina. Houve o costumeiro ranger de freios, buzinas e gritos. Absolutamente impassível, a moça desceu do carro e, deixando que o trânsito se arranjassem sozinho, atravessou decididamente a calçada. Bond endireitou-se na cadeira. Ela tinha tudo, mas absolutamente tudo quanto existia em sua fantasia. Era alta e, embora seu corpo estivesse escondido

por uma capa leve, a maneira como se movia e a maneira como se portava prometiam que seria belo. O rosto tinha a alegria e o arrojo que combinavam com sua maneira de guiar. Mas agora havia impaciência nos lábios apertados e os olhos agitavam-se quando abriu caminho diagonalmente através da multidão que se movia na calçada.

Bond observou-a cuidadosamente quando chegou à beira das mesas e subiu pelo corredor. Naturalmente, não havia esperança. Ela ia encontrar-se com alguém — seu amante. Era a espécie de mulher que sempre pertence a outro homem. Estava atrasada para o encontro. Por isso é que tinha tanta pressa. Que azar miserável! Correspondia em tudo, até mesmo nos compridos cabelos louros por baixo da atrevida boina! E estava olhando diretamente para ele. Estava sorrindo. . .!

Antes que Bond pudesse refazer-se, a moça chegara à sua mesa, puxara uma cadeira e sentara-se.

Sorriu tensamente para dentro dos olhos admirados de Bond.

— Sinto muito ter chegado tarde e acho que temos de partir imediatamente. Você está sendo procurado no escritório.

Em voz baixa, acrescentou:

— Mergulho-relâmpago.

Bond sacudiu-se e voltou à realidade. Fosse quem fosse, ela certamente pertencia à “firma”. “Mergulho-relâmpago” era uma expressão de gíria que o Serviço Secreto tomara emprestada do Serviço de Submarinos. Significava más notícias — o pior. Bond enfiou a mão no bolso e tirou algumas moedas, que pôs sobre a mesa. Disse: “Certo. Vamos.” Levantou-se e seguiu-a através das mesas e até seu carro. Este ainda estava obstruindo a fila interna do tráfego. A qualquer momento apareceria um guarda. Fisionomias coléricas voltaram-se para eles quando entraram no carro. A moça deixara o motor funcionando. Engatou em seguida e mergulhou no trânsito.

Bond olhou de lado para ela. A pele pálida era como veludo. Os cabelos louros eram como seda — até as raízes. Disse:

— De onde você é e de que se trata?

Ao mesmo tempo que prestava atenção ao trânsito, ela respondeu:

— Da estação. Assistente grau dois. Em serviço, número 765. Fora do serviço, Mary Ann Russell. Não tenho a menor idéia do que se trata. Vi apenas o aviso do QG — pessoal de M para o Chefe da Estação. Muito urgente e tudo o mais. Ele devia encontrá-lo imediatamente e, se neces-

sário, pedir o auxílio do Deuxième. O chefe da F disse que você sempre ia aos mesmos lugares quando estava em Paris. Eu e outra moça recebemos uma lista. Sorriu e prosseguiu:

— Eu só havia tentado o “Harry’s Bar” e, depois do “Fouquet’s”, ia começar pelos restaurantes. Foi maravilhoso encontrá-lo assim.

Dando um rápido olhar a Bond, acrescentou:

— Espero não ter sido muito inábil.

— Você foi magnífica — respondeu Bond. — Que faria se houvesse uma garôta comigo?

— Faria a mesma coisa que fiz, só que o chamaria de senhor — disse ela rindo. — Eu só estava preocupada em pensar como você se livraria da gorôta. Se ela comesse uma cena, eu me prontificaria a levá-la para casa em meu carro e você tomaria um táxi.

— Você parece muito engenhosa. Há quanto tempo está no Serviço?

— Cinco anos. Esta é a primeira vez que trabalho em uma Estação.

— Que está achando?

— Gosto muito do trabalho. As noites e os dias de folga aborrecem um pouco. Não é fácil fazer amigos em Paris sem — sua boca virou-se para baixo com um ar de ironia — sem tudo o resto. Quero dizer — apressou-se em acrescentar — eu não sou pudica e tudo o mais, mas os franceses tornam o negócio muito aborrecido. Quero dizer que precisei deixar de tomar o metrô ou ônibus. Seja qual fôr a hora do dia, a gente acaba sempre com o traseiro preto e azul.”

Riu enquanto continuava:

— Além da caceteação de não saber o que dizer ao homem, alguns dos beliscões doem realmente. É o máximo. Para evitar tais coisas, comprei este carro barato e os outros carros parecem afastar-se do meu caminho. Desde que não olhe nos olhos do outro motorista, a gente pode levar vantagem mesmo sobre o mais miserável deles. Sentem medo de que a gente não os tenha visto. E ficam preocupados com o ar arrebatado do carro. Dão todo o espaço para a gente.

Haviam chegado à Rond Point. Como para demonstrar sua teoria, ela deu a volta em disparada e avançou diretamente para a corrente de tráfego que vinha da Place de la Concorde. Milagrosamente, a corrente se abriu e deixou-a entrar na Avenue Matignon.

— Muito bem — disse Bond. — Mas não faça disso um hábito.

Pode haver por aí algumas Mary Anns francesas.

Ela riu. Entrou na Avenue Gabrielle e parou diante do quartel-general parisiense do Serviço Secreto.

— Só tento essa espécie de manobra no cumprimento do dever.

Bond desceu e deu a volta até o outro lado do carro.

— Bem — disse êle. — Obrigado por ter ido buscar-me. Quando esta complicação terminar, posso ir buscá-la em troca? Eu não recebo beliscões, mas estou tão aborrecido em Paris quanto você.

Seus olhos, azuis e bem separados, procuraram os dele, enquanto ela dizia:

— Gostaria disso. A telefonista daqui poderá encontrar-me sempre.

Bond estendeu a mão através da janela e apertou a mão que repousava sobre o volante.

— Ótimo — disse, virando-se e caminhando rapidamente para o arco de entrada.

O comandante de ala Rattray, chefe da Estação F, era um homem gorducho de face rosadas e cabelos louros penteados para trás. Vestia-se de maneira afetada, com punhos virados e aberturas duplas no paletó, gravata borboleta e colete exagerado. Dava impressão de boa vida, de quem frequenta a sociedade dos vinhos e comidas, na qual só os olhos azuis, vagarosos e quase ardilosos, punham uma nota falsa. Fumava *Gauloises* sem parar e o cheiro deles enchia sua sala. Cumprimentou Bond com alívio.

— Quem o encontrou?

— Russell. No “Fouquet’s”. Ela é nova?

— Seis meses. É muito eficiente. Mas sente-se. Há uma complicação dos diabos e tenho de transmitir-lhe as informações para que você se ponha em ação.

Curvou-se para seu aparelho de comunicação interna e baixou uma chave, dizendo depois:

— Comunique-se com M, por favor. Pessoal do Chefe da Estação. “007 localizado agora recebendo instruções. Okay?”

Soltou a chave.

Bond puxou uma cadeira para perto da janela aberta a fim de fugir à fumaça dos *Gauloises*. O trânsito nos Champs-Élysées era um ronco surdo no fundo. Meia hora antes, sentia-se cheio de Paris, ansioso por ir embora. Agora, esperava ficar.

O chefe da F disse: — Alguém pegou o mensageiro da madrugada do SHAPE para a Estação de St. Germain ontem de manhã. Era a remessa semanal da Divisão de Informações do SHAPE com os Sumários, documentos do serviço secreto conjunto, Ordem de Batalha da Cortina de Ferro — tudo coisa importante. Um tiro nas costas. Tiraram sua pasta, assim como a carteira e o relógio.

— Isso é ruim — disse Bond. — Não poderia ter sido um assalto comum? Ou eles pensam que a carteira e o relógio foram disfarce?

— O pessoal da Segurança do SHAPE não consegue decidir-se. De maneira geral, acham que foi disfarce. Sete horas da manhã é uma hora pouco conveniente para assalto. Mas você poderá discutir isso com eles se for até lá. M vai mandá-lo como seu representante pessoal. Êle está preocupado como o diabo. Além da perda de documentos do serviço secreto, o pessoal da Divisão de Informações jamais gostou de ter uma de nossas Estações fora da “Reserva”, por assim dizer. Há anos eles vêm tentando incorporar a unidade de St. Germain ao conjunto de serviço secreto do SHAPE. Mas você sabe como é M, aquele velho diabo independente. Nunca esteve muito contente com a Segurança da OTAN. Mesmo porque, não apenas há um par de franceses e um italiano dentro da Divisão de Informações do SHAPE, mas também o chefe de sua seção de contraespionagem e segurança é alemão!

Bond assobiou.

— O mal é que o SHAPE não precisa senão deste maldito negócio para fazer M curvar-se. Seja como fôr, êle disse para você ir lá imediatamente. Arrumei tudo para você. Já obtive os passes. Deve apresentar-se ao coronel Schreiber, no Setor de Segurança do Comando do Quartel-General. É americano. Cara eficiente. Está cuidando do negócio desde o começo. Pelo que pude saber, já fêz quase tudo quanto podia ser feito.

— Que fez êle? Que aconteceu realmente?

O chefe da F apanhou um mapa em sua mesa, levantou-se e abriu-o. Era o “Environs de Paris” de Michelin em grande escala. Apontou com um lápis, dizendo:

— Aqui está Versalhes e aqui, logo ao norte do parque, fica a grande junção das auto-estradas Paris-Nantes e Versalhes. Uns duzentos metros ao norte, na N184, fica o SHAPE. Toda quarta-feira, às sete da manhã, um mensageiro dos Serviços Especiais deixa o SHAPE com a remessa semanal de material do serviço secreto de que lhe falei. Deve ir a esta pequena

aldeia chamada Fourqueux, pertinho de St. Germain, entregar seu material ao oficial de serviço em nosso QG e estar de volta ao SHAPE às sete e meia. Por motivos de segurança, ao invés de passar por toda esta área construída, tem ordem de tomar esta N307 até St. Nom, virar à direita para entrar na D98, passar por baixo da auto-es-trada e atravessar a floresta de St. Germain. A distância é mais ou menos de doze quilômetros e, indo devagar, êle faz o trajeto em menos de um quarto de hora. Bem, ontem era um cabo do Corpo de Sinalização, homem bom e sólido chamado Bates. Quando não se apresentou de volta ao SHAPE até sete e quarenta e cinco, mandaram outro mensageiro procurá-lo. Não havia traços dele. Não se apresentara também em nosso QG. Às oito e quinze o Setor de Segurança estava em ação e às nove já haviam sido estabelecidas barreiras rodoviárias. A polícia e o Deuxième foram informados, organizando-se então grupos de busca. Os cães encontraram-no, mas só ao cair da tarde, mais ou menos às seis horas. A essa hora, se houvesse alguma pista na estrada, teria sido apagada pelo trânsito.

O chefe da F entregou o mapa a Bond e voltou para sua mesa, enquanto prosseguia:

— E isso é praticamente tudo, só que foram também adotadas todas as providências habituais — fronteiras, portos, aeroportos etc. Mas coisas dessa espécie não ajudam. Se foi um trabalho profissional, quem o executou poderia estar com o material fora do país ao meio-dia ou em uma embaixada em Paris uma hora depois da ocorrência.

Bond disse impacientemente:

— Exatamente! E nesse caso que diabo M espera que eu faça? Que diga à Segurança do SHAPE para fazer tudo de novo, mas melhor! Coisa dessa espécie absolutamente não é minha função. Maldito desperdício de tempo.

O chefe da F sorriu com uma expressão de simpatia.

— Para dizer a verdade, expus o mesmo ponto de vista a M pelo aparelho. Com muito tato. O velho foi perfeitamente razoável. Disse que desejava mostrar aos homens do SHAPE que levava o negócio tão a sério quanto eles. Por acaso, você estava disponível e mais ou menos no local. Êle disse que você tem a espécie de cérebro capaz de apanhar o fator invisível. Perguntei-lhe o que queria dizer e êle respondeu que em todo quartel-general cuidadosamente guardado há sempre um homem invisível — um homem cuja presença todos acham tão natural que não

lhe prestam atenção — jardineiro, limpador de vidraças, entregador de correspondência. Expliquei-lhe que o SHAPE pensava nisso e que todos os serviços dessa espécie eram executados por homens alistados. M disse-me para não ter mentalidade tão literal e desligou.

Bond riu. Podia ver a testa franzida de M e ouvir sua voz ríspida. Disse:

— Então, está muito bem. Verei o que posso fazer. Para onde devo mandar minhas informações?

— Para cá. M não quer que a unidade de St. Germain se envolva no caso. Tudo quanto você tiver a dizer mandarei pelo teletipo diretamente para Londres. Mas posso não estar aqui quando você chamar. Destacarei alguém para servir como seu oficial de plantão, com quem você poderá entender-se a qualquer momento nas vinte e quatro horas do dia. Russell poderá fazer isso. Ela o encontrou e pode continuar trabalhando com você. Serve-lhe assim?

— Sim — respondeu Bond. — Está tudo certo.

O maltratado “Peugeot”, posto à disposição de Bond por Rattray, tinha o cheiro dela. Havia restos dela no porta-luvas — meio pacote de chocolate “Suchard”, um embrulho de papel com grampos para cabelos, uma brochura de John O’Hara e uma luva de camurça preta. Bond pensou nela até chegar à Etoile, depois expulsou-a da mente e fez o carro correr velozmente através do Bois. Rattray havia dito que levaria quinze minutos a oitenta por hora. Bond pedira para reduzir a velocidade à metade e dobrar o tempo, dizendo ao coronel Schreiber que o procuraria às nove e meia. Depois da Porte de St. Cloud havia pouco trânsito e Bond manteve o carro a mais de cem na auto-estrada até aparecer o desvio onde havia uma flecha vermelha indicando o SHAPE. Bond subiu a ladeira e entrou na NI84. Duzentos metros adiante, no meio da estrada, estava o guarda de trânsito que haviam dito a Bond para procurar. O guarda fez-lhe sinal para entrar pelo grande portão à esquerda. Bond entrou e parou no primeiro posto de inspeção. Um policial americano em uniforme cinzento pendurou-se para fora da cabina e olhou de relance para seu passe. Disse-lhe que entrasse e parasse. Depois um policial francês tomou seu passe, anotou os detalhes em uma fórmula impressa grampeada em uma tábua, deu-lhe um grande número de plástico para o pára-brisa e mandou-o prosseguir. Quando Bond entrou no pátio de estacionamento, com teatral instantaneidade, uma centena de luzes brilhou e iluminou as numerosas

barracas baixas à sua frente como se fosse dia. Sentindo-se nu, Bond atravessou a área pedregulhada descoberta sob as bandeiras dos países da OTAN e subiu os quatro degraus baixos até as largas portas de vidro que davam entrada para o Supremo Quartel-General das Potências Aliadas na Europa (SHAPE). Agora ali estava a mesa principal de Segurança. Polícias militares americanos e franceses conferiram seu passe e anotaram os detalhes. Bond foi entregue a um polícia militar britânico de quéri vermelho e levado pelo corredor principal, passando por intermináveis portas de escritórios. Nelas não havia nomes, mas o habitual abracadabra alfabético de todos os quartéis-generais. Um deles dizia “CONSTRIKFLTLANT AND SACLANT LIAISON TO SACEUR”.

Bond perguntou o que significava. O polícia militar, por ignorância ou, mais provavelmente, por mentalidade de segurança, respondeu fleugmáticamente:

— Não sei dizer ao certo, senhor.

Por trás de uma porta que dizia “Coronel G. A. Schreiber, Chefe de Segurança, Comando do Quartel-General”, estava um americano de meia idade, reto como uma vareta de fuzil, com cabelos grisalhos e as maneiras cortêsmente negativas de um gerente de banco. Em sua mesa havia várias fotografias de família em molduras prateadas e um vaso contendo uma única rosa branca. Na sala não havia cheiro de fumaça de tabaco. Depois de preliminares cautelosamente amáveis, Bond congratulou-se com o coronel por seu serviço de segurança.

— Todas essas inspeções e duplas inspeções — disse êle — fazem com que o negócio não fique fácil para a oposição. Já havia perdido alguma coisa anteriormente ou encontrado sinais de alguma tentativa séria de golpe?

— Não a ambas as perguntas, comandante. Estou perfeitamente satisfeito com o Quartel-General. São só as unidades externas que me preocupam. Além dessa seção de seu Serviço Secreto, temos várias unidades de sinalização separadas. Há também, naturalmente, os Ministérios do Interior de quatorze nações diferentes. Não posso responder pelo que venha a transpirar desses setores.

— Não deve ser um trabalho fácil — concordou Bond. — Agora, quanto a essa embrulhada. Apareceu alguma coisa desde quando o comandante Rattray falou consigo pela última vez.

— Recebi a bala. Luger. Cortou a medula espinhal. Disparada pro-

vavelmente de uns trinta metros, com uma margem de dez metros para mais ou para menos. Supondo-se que nosso homem estivesse correndo em linha reta, a bala deve ter sido disparada diretamente de trás em trajetória horizontal. Como não pode ter sido um homem em pé no meio da estrada, o assassino devia estar-se movendo dentro de um veículo ou sobre ele.

— Então seu homem o teria visto no espelho retrovisor?

— Provavelmente.

— Seus mensageiros têm instruções para executar uma ação evasiva no caso de perceberem que estão sendo seguidos?

O coronel sorriu ligeiramente.

— Claro. Têm ordem para correr como o diabo.

— E em que velocidade estava seu homem quando caiu?

— Eles acham que não ia muito depressa. Entre trinta e cinquenta.

Onde está querendo chegar, Comandante?

— Estava pensando se vocês já decidiram se foi um trabalho de profissional ou de amador. Se seu homem não estava tentando fugir e supondo-se que tenha visto o assassino em seu espelho, o que reconheço ser apenas uma probabilidade, isso sugere que aceitou o homem em sua cola como amigo e não como inimigo. Isso poderia significar alguma espécie de disfarce que se adaptasse ao ambiente daqui — algo que seu homem pudesse aceitar mesmo àquela hora da manhã.

Uma pequena ruga estava-se formando na testa lisa do Coronel Schreiber.

— Comandante — havia uma ponta de tensão em sua voz — estivemos, naturalmente, considerando todos os ângulos deste caso, também o que menciona. Ao meio-dia de ontem, o General-Comandante declarou emergência nessa questão, foram formadas comissões de atividades de segurança e, a partir daquele momento, em todos os ângulos, toda sugestão de indício foi sistematicamente investigada. E posso afirmar-lhe, Comandante, — o Coronel ergueu uma mão bem manicurada e deixou-a descer em suave ênfase sobre seu mata-borrão — que qualquer homem capaz de apresentar uma idéia mesmo remotamente original sobre este caso precisará estar intimamente ligado a Einstein. Não há nada, absolutamente nada, repito, de onde se possa partir neste caso.

Bond sorriu com uma expressão de simpatia e levantou-se.

— Nesse caso, Coronel, não tomarei mais seu tempo esta noite.

Se eu pudesse apenas obter as minutas das várias reuniões para pôr-me a par dos fatos e se um de seus homens pudesse mostrar-me o caminho para a cantina e para meu alojamento. . .

— Claro, claro — disse o Coronel, apertando uma campainha.

Um jovem ordenança entrou.

— Proctor — ordenou o Coronel — mostre ao Comandante seu quarto na ala de VIP e depois leve-o ao bar e à cantina.

Virando-se para Bond, acrescentou:

— Terei aqueles documentos prontos para o Senhor depois que tiver tomado uma refeição e uma bebida. Estarão em meu escritório. Não podem ser retirados de lá, naturalmente, mas encontrará tudo à mão na sala vizinha e Proctor poderá dar-lhe informações sobre qualquer coisa que esteja faltando.

Ergueu a mão e concluiu:

— Tudo certo? Então nós nos encontraremos de novo amanhã cedo.

Bond disse boa-noite e seguiu o ordenança. Enquanto caminhava ao longo dos corredores de côr neutra e cheiro neutro, refletiu que essa era provavelmente a missão mais sem esperança que já recebera. Se os melhores cérebros do serviço de segurança de quatorze países estavam desnorteados, que esperança poderia ter êle? Naquela noite, quando se deitou na cama, no luxo espartano do alojamento para pousada de visitantes, Bond já decidira que dedicaria ao caso mais uns dois dias — principalmente para manter-se em contato com Mary Ann Russell o mais tempo possível — e depois daria o fora. Com essa decisão, caiu imediatamente em profundo e tranqüilo sono.

Não dois, mas quatro dias depois, quando amanheceu na Floresta de St. Germain, James Bond estava deitado sobre o grosso galho de um carvalho montando guarda a uma pequena e vazia clareira, bem escondida entre as árvores que ladeavam a D98, a estrada do crime.

Estava vestido da cabeça aos pés com a camuflagem dos para-que-distas — verde, marrom e preto. Até mesmo as mãos estavam cobertas com o material e havia sobre sua cabeça um capuz com aberturas para os olhos e a boca. Era boa camuflagem que ficaria ainda melhor quando o sol estivesse mais alto e as sombras mais escuras. De lugar nenhum no solo, mesmo diretamente embaixo do alto ramo, poderia ser avistado.

Acontecera mais ou menos isto. Nos primeiros dois dias no SHAPE, havia sido a esperada perda de tempo. Bond nada conseguira, a não ser tornar-se mais ou menos impopular com a persistência de suas perguntas de reinvestigação. Na manhã do terceiro dia, estava para ir despedir-se quando recebeu um telefonema do Coronel.

— Oh, comandante, achei que devia comunicar-lhe que o último grupo de cães policiais voltou tarde da noite ontem. . . Foi sua idéia de que talvez valesse a pena rebuscar toda a floresta. Sinto muito — o tom da voz não indicava o menor pesar — mas foi negativo, absolutamente negativo.

— Oh! Foi por culpa minha a perda de tempo. Quase que só para aborrecer o Coronel, Bond acrescentou:

— Não se importa se eu tiver uma conversa com o treinador?

— Claro, claro. Tudo quanto quiser. A propósito, Comandante, até quando pretende ficar por aqui? Temos o maior prazer em que fique conosco quanto tempo quiser, mas o problema é seu quarto. Parece que dentro de poucos dias vai chegar da Holanda um grande grupo. Curso de Estado-Maior de alta categoria ou coisa semelhante e a administração diz que está com um pouco de falta de espaço.

Bond não esperara dar-se bem com o Coronel Schreiber e não se dera. Disse amavelmente:

— Vou ver o que meu chefe acha e falarei de novo consigo, Coronel.

— Faça isso, por favor.

A voz do Coronel era igualmente cortês, mas as maneiras de ambos os homens estavam-se tornando tensas e os dois fones interromperam a ligação ao mesmo tempo.

O treinador chefe era um francês das Landes. Tinha os olhos astuciosos de um caçador furtivo. Bond encontrou-o nos canis, mas a proximidade do treinador era demais para os alsacianos e, para fugir ao barulho, êle levou Bond à sala de serviço, minúsculo aposento com binóculos pendurados em pregos e impermeáveis, botas de borracha, arneses de cães e outros materiais empilhados ao longo das paredes. Havia duas cadeiras de madeira e uma mesa coberta por um mapa em grande escala da Floresta de St. Germain. O mapa estava marcado com quadrados traçados a lápis. O treinador fêz um gesto em sua direção.

— Nossos cães vasculharam isso tudo, Monsieur. Nada existe aí.

— Quer dizer que eles não pararam uma única vez?

O treinador coçou a cabeça.

— Tivemos dificuldades com alguns animais de caça, Monsieur. Havia uma ou duas lebres. Umas duas tocas de raposas. Demoramos um pouco para tirá-los de uma clareira perto do *Carrefour Royal*. Provavelmente ainda sentiram o cheiro dos ciganos.

— Oh — fez Bond, apenas ligeiramente interessado. — Mostre-me isso. Onde estavam esses ciganos?

O treinador apontou delicadamente com um dedo sujo.

— Esses são os nomes de antigamente. Aqui está a *Etoile Parfaite* e aqui, onde ocorreu o assassinio, é o *Carrefour des Curieux*. Ali, formando a base do triângulo, fica o *Carrefour Royal*. Forma — acrescentou dramaticamente — uma cruz com a estrada da morte.

Tirou um lápis do bolso e fez um ponto bem perto da encruzilhada.

— E aqui fica a clareira, Monsieur. Um trailer de ciganos esteve aqui durante a maior parte do inverno. Os ciganos partiram no mês passado. Limparam bem o lugar, mas, para os cães, seu cheiro ainda estará lá durante meses.

Bond agradeceu e, depois de examinar e admirar os cães, e conversar um pouco sobre a profissão de treinador, tomou o “Peugeot” e foi à gendarmaria em St. Germain. Sim, certamente tinham sabido da presença dos ciganos. Gente de aparência genuinamente romani. Mal falavam uma palavra de francês, mas comportaram-se bem. Não houve queixas. Eram seis homens e duas mulheres. Não. Ninguém os vira partir. Certa manhã, simplesmente não estavam mais lá. Poderiam ter partido uma semana antes, pelo que se sabia. Havia escolhido um local bem isolado.

Bond tomou a D98 através da floresta. Quando a grande ponte da auto-estrada apareceu uns quinhentos metros à frente, Bond acelerou e depois desligou o motor, deixando o carro correr silenciosamente até chegar ao *Carrefour Royal*. Parou e desceu do carro, sem fazer um som. Sentindo-se um pouco tolo, entrou quietamente na floresta e caminhou com grande cuidado na direção em que devia ficar a clareira. Vinte metros adiante, entre as árvores, encontrou-a. Ficou na orla de arbustos e árvores, e examinou-a cuidadosamente. Depois, entrou e atravessou-a de um lado para o outro.

A clareira era mais ou menos do tamanho de duas quadras de tênis. O chão estava coberto de mato cerrado e musgos. Havia um grande canteiro de lírios do vale e, embaixo das árvores circundantes, uma porção

de campainhas azuis. De um lado, havia um montículo baixo, completamente cercado e rodeado de espinheiros e roseiras bravas, agora todas floridas. Bond caminhou em roda e olhou entre as raízes, mas nada havia para ver exceto a terra do montículo.

Bond olhou em volta pela última vez e depois foi até o canto da clareira que ficava mais perto da estrada. Ali havia fácil acesso através das árvores. Haveria traços de uma trilha, folhas ligeiramente amassadas? Não mais do que teria sido deixado pelos ciganos ou pelos participantes de piqueniques do ano anterior. À beira da estrada havia uma estreita passagem entre duas árvores. Casualmente, Bond curvou-se para examinar os troncos. Enrijeceu-se e agachou-se. Com uma unha, raspou delicadamente uma pequena lasca de barro. Escondia um fundo raspão no tronco da árvore. Apanhou os pedacinhos de barro com a mão livre. Cuspiu e umedeceu o barro, que colocou de novo cuidadosamente sobre o raspão. Havia três raspões camuflados em uma árvore e quatro na outra. Bond caminhou rapidamente do meio das árvores para a estrada. Seu carro estava parado em uma ligeira inclinação que levava para debaixo da ponte da auto-estrada. Embora houvesse certa proteção com o ruído do trânsito na auto-estrada, Bond empurrou o carro, saltou para dentro e só ligou o motor quando já estava embaixo da ponte.

Agora, Bond estava de novo na clareira, acima dela, e ainda não sabia se seu palpite era certo. Fora a observação de M que o fizera sentir o faro — e era um faro — juntamente com a menção aos ciganos. “Foi o cheiro dos ciganos que os cães sentiram. A maior parte do inverno. . . partiram no mês passado. Não houve queixas.. . Certa manhã, simplesmente não estavam mais lá.” O fator invisível. O homem invisível. Pessoas que se harmonizam tão bem com o fundo a ponto de não se saber se lá estão ou não. Seis homens e duas mulheres, que mal falavam uma palavra de francês. Bom disfarce, ciganos. Pode-se ser um estrangeiro, sem ser estrangeiro, por ser apenas um cigano. Alguns deles haviam partido com o trailer. Outros teriam ficado, construído um esconderijo durante o inverno, um lugar secreto de onde a primeira sortida fora o roubo dos documentos altamente secretos? Bond pensara estar criando fantasias, até quando descobriu os raspões, os raspões cuidadosamente camuflados, nas duas árvores. Estavam exatamente na altura em que os pedais de uma bicicleta ou motocicleta poderiam raspar na casca das árvores. Tudo poderia não passar de um sonho fantástico, mas para Bond era o suficiente. A

única dúvida em seu espírito era se essa gente dera um único golpe ou se, confiada em sua segurança, tentaria de novo. Confidenciou apenas na Estação F. Mary Ann Russel disse-lhe para ter cuidado. O chefe da F, mais construtivamente, ordenou à sua unidade de St. Germain que cooperasse com êle. Bond despediu-se do Coronel Schreiber e transferiu-se para uma cama de campanha na sede da unidade — uma casa anônima em uma rua sem importância de uma aldeia anônima. A unidade fornecera o material para a camuflagem e os quatro homens do Serviço Secreto que a formavam puseram-se alegremente às ordens de Bond. Compreendiam, tanto quanto Bond, que se este conseguisse dar uma lição a toda a máquina de segurança do SHAPE, o Serviço Secreto conquistaria um triunfo inestimável em face do Alto Comando do SHAPE e M não precisaria mais preocupar-se com a independência de sua unidade.

Deitado sobre o galho do carvalho, Bond sorriu consigo mesmo. Exércitos privados, guerras privadas. Quanta energia sugavam da causa comum, quanto fogo disparavam para longe do inimigo comum!

Seis e meia. Hora do desjejum. Cautelosamente a mão direita de Bond rebuscou entre suas roupas e subiu para a abertura da boca. Bond fêz o tablete de glicose durar o mais possível e depois chupou outro. Seus olhos nunca se desviavam da clareira. O esquilo vermelho, que aparecera ao primeiro clarão do dia e que desde então vinha comendo sem parar brotos novos de faia, aproximou-se mais um pouco das roseiras que cresciam sobre o montículo e apanhou alguma coisa, que começou a virar em suas patas e morder. Dois pombos que se cortejavam ruidosamente entre o capim cerrado começaram a amar-se desajeitada e nervosamente. Um casal de pardais pôs a catar apressadamente lasquinhas para o ninho que estava tardiamente fazendo em um arbusto. O gordo tordo localizou finalmente sua minhoca e começou a puxá-la, com as pernas retesadas. Abelhas enxameavam entre as rosas sobre o montículo e de onde se encontrava, talvez a uns vinte metros longe e acima do montículo, Bond só podia ouvir seu zumbido estival. Era uma cena saída de uma história de fadas — as rosas, os lírios do vale, os pássaros e os grandes feixes de luz do sol que caíam através das altas árvores sobre o pequeno lago de um verde cintilante. Bond, que subira para seu esconderijo às quatro horas da madrugada, nunca havia examinado tão de perto ou por tanto tempo a transição da noite para um dia glorioso. De repente sentiu-se como um tolo. A qualquer momento um maldito pássaro viria pousar sobre sua ca-

beça!

Foram os pombos que deram o primeiro alarma. Com grande estardalhaço, levantaram vô e dispararam para dentro das árvores. Todos os pássaros seguiram o exemplo e o esquilo fêz o mesmo. Agora a clareira estava silenciosa, a não ser pelo suave zumbido das abelhas. Que provocara o alarma? O coração de Bond começou a bater forte. Seus olhos caçavam, esquadrinhando a clareira à procura de um indício. Alguma coisa estava-se movendo entre as rosas. Era um movimento minúsculo, mas extraordinário. Vagarosamente, centímetro a centímetro, um único caule espinhoso, um caule estranhamente reto e muito grosso, estava subindo através dos ramos superiores. Continuou subindo até ficar uns trinta centímetros acima da roseira. Então parou. Havia uma solitária côr de rosa na ponta do caule. Separada da roseira, parecia muito pouco natural, mas só para quem tivesse observado ocasionalmente todo o processo. A um olhar casual, era um caule desgarrado e nada mais. Silenciosamente, as pétalas da rosa pareceram girar e expandir-se, os pistilos amarelos separaram-se e o sol cintilou sobre uma lente de vidro do tamanho de uma pequena moeda. A lente parecia estar olhando diretamente para Bond. Depois, vagarosamente, muito vagarosamente, o olho da rosa começou a girar sobre seu caule. Continuou girando até a lente ficar novamente voltada para Bond e toda a clareira ter sido minuciosamente examinada. Como se estivessem satisfeitas, as pétalas giraram delicadamente para cobrir o olho e muito vagarosamente a rosa solitária desceu para juntar-se às outras.

Bond soltou a respiração de um jato. Fechou momentaneamente os olhos para descansá-los. Ciganos! Se aquela peça de máquina servia de indício, dentro do montículo, bem no fundo da terra, havia certamente a mais profissional unidade de espionagem que alguém já inventara para deixar atrás — muito mais brilhante que tudo quanto a Inglaterra preparara para operar depois de uma bem sucedida invasão alemã, muito melhor do que aquilo que os próprios alemães haviam deixado para trás nas Ardenes. Um calafrio de excitação e antecipação — quase de medo — correu pela espinha de Bond. Então tinha razão! Mas qual seria o próximo ato?

Da direção do montículo, saiu um zumbido agudo — o som de um motor elétrico em rotação muito alta. A roseira tremeu ligeiramente. As abelhas alçaram vô, pairaram no ar e pousaram de novo. Vagarosamente, uma fenda denteada formou-se no centro da grande roseira e alargou-

se suavemente. As duas metades da roseira estavam-se abrindo como portas duplas. A escura abertura alargou-se até Bond poder ver as raízes da roseira penetrando na terra de ambos os lados da porta. O zumbido da maquinaria estava mais alto e houve um brilho de metal nas beiradas das portas curvas. Era o mesmo que ver abrir um ovo de Páscoa com dobradiças. Em um momento, os dois segmentos estavam separados e as duas metades da roseira, ainda cheias de abelhas, ficaram completamente abertas. O interior do caixão de metal que sustentava a terra e as raízes da roseira ficou exposto ao sol. No buraco escuro entre as portas curvas surgiu o brilho pálido de uma lanterna elétrica. O zumbido do motor cessou. Uma cabeça e ombros apareceram, seguidos pelo resto do homem. Este subiu para fora cuidadosamente e se agachou, olhando atentamente a clareira em volta. Em sua mão havia uma arma — uma Luger. Satisfeito, virou-se e fez um gesto para dentro do buraco. Apareceram a cabeça e os ombros de um segundo homem, que estendeu o que parecia ser três pares de calçados para neve e desapareceu novamente. O primeiro homem escolheu um par, ajoelhou-se e amarrou-o sobre suas botas. Movia-se agora mais livremente, sem deixar pegadas, pois o capim só se achatava momentaneamente por baixo da tela grossa e depois subia de novo vagarosamente. Bond sorriu para si mesmo. Bastardos astuciosos!

O segundo saiu. Foi seguido por um terceiro. Os dois juntos tiraram uma motocicleta do buraco e seguraram-na no ar entre eles, enquanto o primeiro homem, que evidentemente era o chefe, se ajoelhava e amarrava os calçados de neve sob suas botas. Depois, em fila indiana, moveram-se através das árvores na direção da estrada. Havia algo de extraordinariamente sinistro na maneira como caminhavam através das sombras, erguendo e baixando cuidadosamente cada um dos pés com o grande calçado de neve.

Bond soltou um longo suspiro de alívio da tensão e descansou a cabeça sobre o galho para relaxar os músculos do pescoço. Então era essa a realidade! Até mesmo o pequeno detalhe podia agora ser juntado ao quadro. Enquanto os dois subalternos vestiam macacões cinzentos, o chefe usava o uniforme do Real Corpo de Sinalização e sua motocicleta era uma BSA M20 verde-oliva com um número de registro do Exército Britânico marcado sobre o tanque de gasolina. Não era de admirar que o mensageiro do SHAPE o tivesse deixado chegar bem perto. E que fazia a unidade com seu butim altamente secreto? Provavelmente irradiava a

nata dele à noite. Em lugar do periscópio, um caule erguer-se-ia da roseira para servir de antena, o gerador de pedal começaria a funcionar no fundo da terra e grupos de cifras seriam transmitidos em alta velocidade. Cifras? Haveria muitos bons segredos inimigos dentro daquele buraco se Bond pudesse apanhar a unidade quando estivesse fora do esconderijo. E que oportunidade de enviar informações falsas ao GRU, o Mecanismo de Informação Militar Soviético, que presumivelmente controlava a unidade! Os pensamentos de Bond disparavam.

Os dois subalternos estavam voltando. Entraram no buraco e a roseira fechou-se sobre eles. O chefe com sua máquina devia estar entre os arbustos à beira da estrada. Bond olhou para seu relógio. Seis e cinquenta e cinco. Era claro! Estaria esperando para ver se aparecia outro mensageiro. Ou não sabia que o homem por êle assassinado executava uma missão semanal, o que era improvável, ou presumia que o SHAPE agora modificaria sua rotina para maior segurança. Essa gente era cuidadosa. Provavelmente tinha ordem de conseguir o máximo possível antes que chegasse o verão e houvesse muitos veranistas na floresta. Depois a unidade poderia ser retirada para voltar no inverno. Quem poderia dizer quais eram os planos a longo prazo? Bastava saber que o chefe estava-se preparando para outro homicídio.

Os minutos demoraram a passar. Às sete e meia o chefe reapareceu. Ficou na sombra de uma grande árvore na beirada da clareira e assobiou uma nota breve e aguda, como um pássaro. Imediatamente a roseira começou a abrir-se. Os dois subalternos saíram e encaminharam-se para onde o chefe estava entre as árvores. Dois minutos depois estavam de volta, com a motocicleta suspensa entre eles. O chefe, depois de olhar cuidadosamente em roda para ver se não haviam deixado traços, seguiu-os para dentro do buraco e as duas metades da roseira fecharam-se rapidamente atrás deles.

Meia hora depois a vida recomeçou na clareira. Uma hora ainda depois, quando o sol alto aprofundava as sombras, James Bond escorregou devagar para trás sobre o galho, deixou-se cair silenciosamente sobre uma área coberta de musgo e afundou-se cuidadosamente na floresta.

Naquela noite o encontro rotineiro de Bond com Mary Ann Russell foi tempestuoso.

— Você está louco — disse ela. — Não permitirei que faça isso. Vou

fazer o chefe da F telefonar para o Coronel Schreiber e contar-lhe toda a história. Isso é trabalho para o SHAPE. Não para você.

Bond disse rispidamente:

— Você não vai fazer nada disso. O Coronel Schreiber disse que me deixava com muito prazer fazer uma remessa simulada amanhã cedo no lugar do mensageiro de serviço. É só o que ele precisa saber nesta fase. Uma espécie de reconstrução do crime. Ele não está dando importância a isso. Praticamente deu por encerrado esse caso. Agora, seja boazinha e faça o que eu digo. Ponha meu relatório no teletipo para M. Ele compreenderá porque devo liquidar este negócio. Não fará objeção.

— Maldito M! Maldito você! Maldito todo esse estúpido serviço! — exclamou Mary Ann, em cuja voz havia lágrimas de cólera. — Vocês não passam de um bando de crianças brincando de índios. Enfrentar essa gente sozinho! É... é exibicionismo. Só isso. Exibicionismo.

Bond estava começando a ficar aborrecido. Disse:

— Chega, Mary Ann. Ponha aquele relatório no teletipo. Sinto muito, mas é uma ordem.

Havia resignação na voz de Mary Ann quando disse:

— Oh, está bem. Não precisa abusar de seu posto para me fazer obedecer. Mas não se machuque. Pelo menos você terá os rapazes da Estação local para recolher os pedaços. Boa sorte.

— Obrigado, Mary Ann. E quer jantar comigo amanhã à noite? Em algum lugar como Armenonville. Champanha rosado e violinos ciganos. A rotina de Paris na primavera.

— Sim — respondeu ela seriamente. — Com todo o prazer. Mas então tome ainda mais cuidado, sim? Por favor!

— Claro que tomarei. Não se preocupe. Boa-noite.

— Boa-noite.

Bond passou o resto do tempo até deitar-se dando um último polimento em seus planos e transmitindo as instruções finais aos quatro homens da Estação.

Era outro belo dia. Sentado confortavelmente na vibrante BSA esperando o momento da partida, Bond mal podia acreditar na emboscada que o estaria esperando pouco além do Carrefour Royal. O cabo do Corpo de Sinalização que lhe entregara a pasta vazia e estava para dar-lhe o sinal de partida disse:

— O senhor parece ter estado a vida inteira no Real Corpo. Eu diria

que está quase precisando de um corte de cabelo, mas o uniforme assenta como uma luva. Está gostando da moto, senhor?

— Parece um sonho. Eu já havia esquecido como são divertidas estas malditas máquinas.

— Pois eu preferiria um pequeno e bonito “Austin A40”, senhor — disse o cabo, olhando seu relógio. — São quase sete horas. — Ergueu o polegar e acrescentou: — Pronto.

Bond puxou os óculos sobre os olhos, ergueu a mão para o cabo, engatou a máquina e rodou devagarinho sobre os pedregulhos até o portão principal.

Seguiu pela 184 e entrou na 307, atravessou Bailly e Noisy-le-Roi e chegou ao desvio de St. Nom. Ali devia fazer uma curva fechada para a direita a fim de entrar na D98 — a “route de la mort”, como o chamara o treinador de cães. Bond parou no acostamento gramado e examinou mais uma vez o Colt 45 cano longo. Tornou a pôr a arma morna encostada em seu estômago e deixou aberto o botão do blusão. Apontar! Preparar...!

Bond fêz a curva fechada e acelerou até oitenta. O viaduto da auto-estrada de Paris apareceu à sua frente. A boca negra do túnel embaixo dele abriu-se e engoliu-o. O barulho de seu escapamento era ensurdecedor e por um instante houve o cheiro frio e úmido de túnel. Depois saiu de novo para o sol e imediatamente chegou ao *Carrefour Royal*. À sua frente o asfalto oleoso estendia-se reto por mais de três quilômetros através da floresta encantada e havia um cheiro suave de folhas e orvalho. Bond reduziu a velocidade para sessenta e cinco. O espelho retrovisor à sua esquerda tremia um pouco com a velocidade. Nada mostrava além da vista livre e vazia da estrada entre fileiras de árvores que se estendiam às suas costas como uma esteira verde. Nem sinal do assassino. Estaria assustado? Teria tido alguma suspeita? Mas depois apareceu um minúsculo ponto preto no centro do vidro convexo — um mosquito-polvora, que se transformou em mosca, em seguida em abelha e depois em bezouro. Agora era um capacete curvado sobre o guidom entre duas patas grandes e pretas. Santo Deus, como vinha depressa! Os olhos de Bond desviavam-se do espelho para a estrada à frente e novamente para o espelho. Quando a mão direita do assassino estendeu-se para a arma. . .!

Bond reduziu a velocidade — cinquenta, quarenta, trinta. À frente o asfalto era liso como metal. Um último e rápido olhar ao espelho. A mão direita deixara o guidom. O sol batendo nos óculos do homem fazia

enormes e ferozes olhos por baixo da beirada do capacete. Agora! Bond brecou violentamente e fêz a BSA derrapar em um ângulo de 45 graus, ao mesmo tempo que parava o motor. Não foi suficientemente rápido no movimento. A arma do assassino disparou duas vezes e uma bala penetrou nas molas do assento ao lado da coxa de Bond. Mas depois o Colt disse uma única palavra, e o assassino e sua BSA, como se tivessem sido laçados de dentro da floresta, viraram loucamente para fora da estrada, saltaram a vala e colidiram de frente com um tronco de faia. Por um momento, a confusão de homem e máquina ficou grudada no grosso tronco. Depois, com um estertor metálico, virou-se para trás e caiu sobre o capim.

Bond saltou de sua máquina e caminhou em direção ao feio monte retorcido de tecido caqui e aço fumegante. Não havia necessidade de verificar o pulso. Onde a bala acertara, o capacete quebrara-se como uma casca de ovo. Bond virou-se e tornou a enfiar a arma na frente de sua túnica. Tivera sorte. Não devia abusar de sua sorte. Subiu na BSA e acelerou pela estrada, na direção contrária à que viera.

Encostou a BSA em uma das árvores raspadas logo na entrada na floresta e caminhou maciamente até a beirada da clareira. Assumiu sua posição na sombra da grande faia. Umideceu os lábios e deu, o mais parecido que pôde, o assobio de pássaro do assassino. Esperou. Teria assobiado errado? Mas então a roseira estremeceu e o zumbido alto e agudo começou. Bond enfiou o polegar direito por baixo da cinta a poucos centímetros da coronha da arma. Esperava não precisar matar mais. Os dois subalternos pareciam não estar armados. Com um pouco de sorte, eles se entregariam sem barulho.

As portas curvas abriram-se. De onde estava, Bond pôde ver o interior do buraco, mas segundos depois o primeiro homem saiu e pôs seus calçados para neve. Depois saiu o segundo homem. Calçados para neve! O coração de Bond parou de bater. Esquecera-se deles! Deviam estar escondidos lá atrás, entre os arbustos! Maldito tolo! Será que reparariam?

Os dois homens avançaram vagarosamente em sua direção, pisando com delicadeza. Quando estavam a uns cinco metros, o homem da frente disse algo baixinho em uma língua que parecia ser russa. Quando Bond não respondeu, os dois pararam onde estavam. Fitaram-no espantados, esperando talvez a resposta de uma senha. Bond sentiu o perigo. Sacou da arma e avançou na direção dos dois homens, agachando-se.

— Levantem as mãos — gritou, ao mesmo tempo que fazia um ges-

to com o cano do Colt.

O homem da frente deu uma ordem e jogou-se para diante. Ao mesmo tempo, o segundo homem disparou em direção ao esconderijo. Um fuzil roncou entre as árvores e a perna direita do homem dobrou-se embaixo dele. Os homens da Estação saíram de seus esconderijos e aproximaram-se correndo. Bond apoiou-se em um joelho e jogou o cano do revólver para cima contra o homem que saltava em sua direção. Acertou, mas o homem já estava em cima dele. Bond viu unhas saltando sobre seus olhos, mergulhou e desfechou um soco de baixo para cima. Uma mão segurava seu punho direito e sua arma estava sendo vagarosamente virada em sua direção. Não desejando matar, deixara a trava presa. Tentou alcançá-la com o polegar. Uma bota atingiu-o de um dos lados da cabeça. Bond soltou a arma e caiu para trás. Através de um nevoeiro vermelho viu o cano da arma apontando para seu rosto. Passou pela sua mente a idéia de que ia morrer — ia morrer por ter demonstrado piedade. . .!

De repente, o cano da arma desapareceu e o peso do homem saiu de cima de Bond. Bond ajoelhou-se e depois levantou-se. O corpo, caído na grama a seu lado, com os braços abertos, teve um último estremecimento. Havia buracos ensangüentados nas costas do macacão. Bond olhou em roda. Os quatro homens da Estação formavam um grupo. Bond desamarrou a tira de seu capacete e esfregou o lado da cabeça.

— Bem, muito obrigado — disse. — Quem fez isso? Ninguém respondeu. Os homens pareciam embaraçados. Bond caminhou em direção a eles, intrigado.

— Que há? — perguntou.

De repente, Bond percebeu um ligeiro movimento por trás dos homens. Apareceu mais uma perna — uma perna de mulher. Bond riu alto. Os homens sorriram encabulados e olharam para trás. Mary Ann Russel, com uma camisa parda e calça comprida, saiu de trás deles com as mãos para cima. Uma das mãos segurava o que parecia ser uma pistola 22 de tiro ao alvo. Baixou as mãos e enfiou a pistola na cintura da calça. Aproximando-se de Bond, disse ansiosamente:

— Você não vai pôr a culpa em ninguém, vai? Não deixei que eles saíssem hoje cedo sem mim.

Seus olhos imploravam, quando acrescentou:

— Foi sorte eu ter vindo, realmente. Quero dizer, aconteceu de eu atirar primeiro. Ninguém queria atirar com medo de atingi-lo.

Bond sorriu para os olhos dela e disse:

— Se você não tivesse vindo, eu seria obrigado a faltar àquele encontro para o jantar.

Virou-se para os homens e disse com voz prática: — Muito bem. Um de vocês toma a motocicleta e vai comunicar a essência disto ao Coronel Schreiber. Diga que estamos esperando sua gente antes de darmos uma olhada no esconderijo. E que êle inclua uns dois homens do serviço contra sabotagem. Esse buraco pode estar minado. Entendido? Bond tomou a moça pelo braço e disse:

— Venha cá. Quero mostrar-lhe um ninho de passarinho.

— Isso é uma ordem?

— É.

para você, somente

O mais belo pássaro da Jamaica, que alguns dizem ser o mais pelo pássaro do mundo, é o rabo-de-fitas ou beija-flor-médico. O macho tem uns vinte e três centímetros de comprimento, mas dezoito centímetros são da cauda — duas longas plumas pretas que se curvam, sobrepondo-se, e cujas orlas internas têm a forma de um desenho recortado. A cabeça e a crista são pretas, as asas verdes-escuras, o comprido bico é vermelho e os olhos, brilhantes e confiantes, são pretos. O corpo é verde-esmeralda, tão deslumbrante que, quando o sol bate sobre o peito, a gente vê o verde mais brilhante da natureza. Na Jamaica, os pássaros amados recebem apelidos. O *Trochilus polytmus* é chamado beija-flor-médico porque suas duas plumas pretas fazem lembrar a casaca preta do médico de antigamente.

A Sra. Havelock tinha particular dedicação por duas famílias desses pássaros porque os observara sugando mel, lutando, fazendo ninhos e amando desde quando se casara e viera para Content. Estava agora com mais de cinqüenta anos, de modo que muitas gerações dessas duas famílias haviam chegado e partido desde quando os dois pares originais receberam os nomes de Piramo e Tisbe e Dafne e Cloé. Casais sucessivos, porém, haviam conservado os nomes. Sentada agora diante de seu elegante jogo de chá na ampla e fresca varanda, a Sra. Havelock observou Piramo, com um feroz e gritante mergulho, investir contra Dafne que

acabara o mel de seu enorme arbusto de *Japanese Hat* e se introduzira furtivamente no vizinho *Monkeyfiddle* que era privativo de Piramo. Os dois minúsculos cometas pretos e verdes afastaram-se rodopiando sobre os belos acres de gramado, pontilhados de primaveras e hibiscos, até se perderem de vista nos laranjais. Logo voltariam. A constante batalha entre as duas famílias era um jogo. Naquele grande e bem tratado quintal havia mel suficiente para todos.

A Sra. Havelock descansou sua xícara de chá e apanhou um sanduíche de *Paím Peperium*, dizendo:

— Eles são realmente terríveis exibicionistas.

O Coronel Havelock ergueu os olhos por cima de seu “Daily Gleaner” e perguntou:

— Quem?

— Piramo e Dafne.

— Oh, sim — disse o Coronel Havelock, que achava os nomes idiotas. — Parece que Batista estará logo em fuga. Castro continua fazendo muita pressão. Um sujeito na “Barclay’s” contou-me hoje cedo que já está vindo para cá muito dinheiro fugido. Disse que Belair foi vendida a testas de ferro. Cento e cinquenta mil libras por mil acres de carrapicho e uma casa que as formigas vermelhas derrubarão antes do Natal! Alguém apareceu de repente e comprou o horrível hotel “Blue Harbour”. Fala-se até mesmo que Jimmy Farquharson encontrou um comprador para sua propriedade, com todas as pragas e pestes que tem, suponho eu.

— Será bom para Úrsula. A coitadinha não suporta isto aqui. Mas não posso dizer que me agrada a idéia de ver toda a ilha sendo comprada por esses cubanos. Escute, Tim, afinal de contas, onde é que eles arranjam todo esse dinheiro?

— Extorsões, fundos sindicais, dinheiro do governo... só Deus sabe. Aquilo está cheio de trapaceiros e bandidos. Precisam tirar seu dinheiro de Cuba e levá-lo depressa para algum outro lugar. Jamaica é tão boa quanto qualquer outro lugar, agora que temos essa convertibilidade com o dólar. Pelo que parece, o homem que comprou Belair tirou o dinheiro de uma maleta e jogou no chão do escritório de Aschenheim. Acho que ficará com a propriedade um ou dois anos, até passar a encrenca ou Castro tomar conta do governo e acabar com a limpeza. Depois, porá a propriedade novamente à venda, sofrerá um prejuízo razoável e irá para algum outro lugar. É uma pena, em certo sentido. Belair era antigamente

uma bela propriedade. Poderia ter sido recuperada se alguém da família se interessasse.

— Eram dez mil acres no tempo do avô de Bill. O administrador levava três dias para correr os limites.

— Bill pouco está ligando. Aposto como já reservou passagem para Londres. É mais uma das velhas famílias que se vai embora. Logo não restará ninguém senão nós. Graças a Deus Judy gosta daqui.

— É mesmo, querido — concordou a Sra. Havelock calmamente, ao mesmo tempo que tocava a campainha para que a criada tirasse as coisas do chá. Agatha, uma enorme negra de côr preta-azulada, usando um antiquado toucado branco que não se via mais em Jamaica, a não ser no interior, saiu da sala-de-estar pintada de branco e rosa, seguida por Fayprince, uma bela mestiça de Port Maria que estava treinando para ajudá-la. A Sra. Havelock disse:

— É tempo de começarmos a engarrafar, Agatha. As goiabas amadureceram cedo este ano.

A fisionomia de Agatha estava impassível, quando respondeu:

— Sim senhora. Mas precisamos de mais garrafas.

— Por quê? Ainda no ano passado eu trouxe duas dúzias das melhores que encontrei na “Henriques”.

— Sim, senhora. Alguém quebrou umas cinco ou seis.

— Mas, que coisa! Como foi isso?

— Não sei, não, senhora.

Agatha apanhou a grande bandeja de prata e esperou, observando o rosto da Sra. Havelock.

A Sra. Havelock não vivera a maior parte de sua vida na Jamaica sem aprender que uma coisa quebrada está quebrada e que de nada adianta procurar um culpado. Por isso, disse jovialmente:

— Está bem, Agatha. Trarei mais algumas quando fôr a Kingston.

— Sim, senhora.

Agatha, seguida pela moça, tornou a entrar na casa.

A Sra. Havelock apanhou um trabalho de *petit-point* e começou a costurar, com os dedos movendo-se automaticamente. Seus olhos voltaram-se para os grandes arbustos de *Japanese Hat* e *Monkeyjiddle*. Sim, os dois machos estavam de volta. Com suas caudas graciosamente empinadas moviam-se entre as flores. O sol estava baixo no horizonte e de vez em quando via-se um lampejo de um verde penetrantemente belo. Um

tordo, no galho mais alto de um jasmim, começou seu repertório vespertino. O coaxar de uma perereca mais apressada anunciou o início de um rápido e violento crepúsculo.

Content, vinte mil acres de terra nas encostas do pico de Candlefly, um dos mais orientais das montanhas Blue, no condado de Portland, fora dada a um antigo Haverlock por Oliver Cromwell como recompensa por ter sido um dos signatários da ordem de execução da sentença de morte contra o rei Carlos. Ao contrário de muitos outros colonizadores daquela e de épocas posteriores, os Havelocks haviam mantido a fazenda através de três séculos, enfrentando terremotos e furacões, altas e baixas do cacau, do açúcar, das laranjas e da copra. Agora cultivavam bananas e crivam gado. Sua fazenda era uma das mais ricas e bem administradas entre todas as propriedades privadas da ilha. A casa, consertada ou reconstruída depois de cada terremoto ou furacão, era um híbrido — um bloco central de dois andares com colunas de mogno e assentado sobre o velho alicerce de pedra, flanqueado por duas alas de um andar com telhados jamaicanos de tábuas de cedro prateado, baixos e bem salientes. Os Havelocks estavam sentados na funda varanda do bloco central, voltados para o jardim que descia suavemente em direção a uma vasta e cerrada floresta que se estendia por trinta quilômetros até o mar.

O Coronel Havelock abaixou seu “Gleaner”.

— Acho que ouvi barulho de um carro.

A Sra. Havelock disse em tom firme:

— Se forem aqueles horríveis Feddens de Port Antônio, você simplesmente tem de livrar-se deles. Não posso suportar mais suas choroadeiras sobre a Inglaterra. E da última vez os dois estavam completamente embriagados quando foram embora e o jantar ficou frio.

Levantou-se rapidamente, acrescentando:

— Vou mandar Agatha dizer que estou com enxaqueca.

Agatha entrou pela porta da sala-de-estar. Parecia agitada.

— Gente de Kingston. Querem ver o Coronel — disse apressadamente.

O homem da frente passou ao lado da criada. Ainda estava de chapéu, um panamá de aba estreita bem dobrada para cima. Tirou o chapéu com a mão esquerda e segurou-o encostado ao estômago. Os raios do sol cintilavam nos cabelos oleosos e na boca de dentes brancos e sorridentes. Avançou em direção ao Coronel Havelock com a mão estendida direta-

mente à sua frente.

— Sou o Major Gonzales. De Havana. Prazer em conhecê-lo, Coronel.

O sotaque era do patoá americano de um motorista de praça jamaicano. O Coronel Havelock levantou-se. Tocou de leve a mão estendida. Olhou sobre o ombro do major para os outros dois homens que haviam parado de cada um dos lados da porta. Cada um deles tinha um daqueles novos carrega-tudo dos trópicos — uma sacola da “Pan American”. As sacolas pareciam pesadas. Os dois homens curvaram-se ao mesmo tempo e colocaram as sacolas no chão, ao lado de seus sapatos amarelados. Depois se endireitaram. Usavam quepes brancos baixos com visores verdes, que lançavam sombras verdes nas maçãs de seus rostos. Entre as sombras verde seus inteligente olhos animais fixavam-se no major, acompanhando seu procedimento.

— São meus secretários — explicou o major.

O Coronel Havelock tirou um cachimbo do bolso e começou a enchê-lo. Seus olhos azuis e diretos registraram as roupas esmeradas, os sapatos lustrosos e as unhas brilhantes do Major, e as calças rancheiro e as camisas grosseiras dos outros dois. Pensou como poderia fazer esses homens entrarem em seu estúdio, até perto do revólver que estava na gaveta de cima de sua mesa.

— Que desejam? — perguntou.

Enquanto acendia o cachimbo, observou os olhos e a boca do Major através da fumaça.

O Major Gonzales abriu as mãos. A largura de seu sorriso mantinha-se constante. Os olhos líquidos, quase dourados, eram divertidos, amistosos.

— É uma questão de negócio, Coronel. Represento certo cavalheiro de Havana — disse êle, fazendo um gesto largo com a mão direita. — Um cavalheiro poderoso. Muito bom sujeito.

O Major Gonzales assumiu uma expressão de sinceridade ao crescer:

— O senhor gostaria dele, Coronel. Pediu-me para apresentar-lhes cumprimentos e perguntar-lhe o preço de sua propriedade.

A Sra. Havelock, que observava a cena com um cortês meio sorriso nos lábios, colocou-se ao lado de seu marido. Disse em tom bondoso, para não embaraçar o pobre homem:

— Que pena, Major. Percorrer todas essas poeirentas estradas! Seu amigo devia realmente ter escrito primeiro ou perguntado a alguém em Kingston ou no Palácio do Governo. O senhor compreende, a família de meu marido viveu aqui quase trezentos anos.

Olhava para o major bondosamente, quase com expressão de quem pede desculpas, quando prosseguiu:

— Acho que não se pode cogitar de vender Content. Nunca se cogitou. Não sei onde seu importante amigo pode ter arrumado essa idéia.

O Major Gonzales curvou-se um pouco. Seu rosto sorridente voltou-se de novo para o Coronel Havelock. Disse, como se a Sra. Havelock não tivesse aberto a boca:

— O cavalheiro que eu represento ouviu dizer que esta é uma das melhores estâncias da Jamaica. Êle é um homem muito generoso. O senhor pode pedir qualquer importância que seja razoável.

O Coronel Havelock falou firmemente:

— O senhor ouviu o que a Sra. Havelock disse. A propriedade não está à venda.

O Major Gonzales riu. Parecia uma risada genuína. Sacudiu a cabeça como se estivesse explicando alguma coisa a uma criança bastante tapada:

— O senhor entendeu-me mal, Coronel. O cavalheiro que represento deseja esta e nenhuma outra propriedade da Jamaica. Êle tem alguns recursos, alguns recursos extraordinários, para investir. Esses recursos estão procurando uma casa na Jamaica. O cavalheiro que represento deseja que esta seja sua casa.

O Coronel Havelock retorquiu pacientemente:

— Compreendo perfeitamente, Major. E sinto muito que tenha perdido seu tempo. Enquanto eu viver, Content nunca será posta à venda. E agora, se me dão licença.. . Minha esposa e eu sempre jantamos cedo e os senhores têm um longo caminho a percorrer.

Fazendo um gesto em direção à esquerda, ao longo da varanda, prosseguiu:

— Penso que por aqui é o caminho mais rápido até seu carro. Permita-me que lhes mostre o caminho.

O Coronel Havelock moveu-se convidando-os a segui-lo, mas parou, quando o major não saiu de onde estava. Os olhos azuis começaram a ficar frios.

Agora havia talvez um dente a menos no sorriso do Major Gonzales e seus olhos estavam vigilantes. Mas suas maneiras ainda eram joviais. Disse cordialmente:

— Um momento, Coronel.

Deu uma ordem rápida sem virar a cabeça. Os Havelocks notaram que a máscara jovial caiu quando as poucas palavras ásperas foram proferidas entre os dentes. Pela primeira vez, a Sra. Havelock pareceu ligeiramente insegura. Aproximou-se ainda mais de seu marido. Os dois homens apanharam suas sacolas azuis da “Pan American” e deram um passo à frente. O Major Gonzales segurou o zíper de cada uma delas por sua vez e puxou-o. As bocas apertadas abriram-se inteiramente. As sacolas estavam cheias até em cima de sólidos pacotes de dinheiro americano. O Major Gonzales abriu os braços.

— São só notas de cem dólares. Tudo genuíno. Meio milhão de dólares. Isto é, em seu dinheiro, digamos, cento e oitenta mil libras. Uma pequena fortuna. Existem no mundo muitos outros lugares para se viver, Coronel. E talvez o cavalheiro que represento acrescente mais umas vinte mil libras para arredondar a conta. O senhor saberá disso dentro de uma semana. Só preciso de meia folha de papel com sua assinatura. Os advogados poderão fazer o resto. Agora, Coronel — o sorriso estava voltando — vamos dizer sim e trocar um aperto de mão? Depois as sacolas ficarão aqui e nós deixaremos os senhores com seu jantar.

Os Havelocks olhavam para o major com a mesma expressão — uma mistura de raiva e repugnância. Podia-se imaginar a Sra. Havelock contando a história no dia seguinte. “Um homenzinho vulgar, oleoso. E aquelas sujas sacolas de plástico cheias de dinheiro! Timmy foi maravilhoso. Simplesmente disse ao homem que saísse e levasse consigo aquela sujeira.”

A boca do Coronel Havelock virou-se para baixo com repugnância.

— Pensei que tivesse sido claro, Major — disse. — A propriedade não está à venda por preço nenhum. E eu não partilho da sede popular por dólares americanos. Agora, preciso pedir-lhes que se retirem.

O Coronel Havelock pôs seu cachimbo frio sobre a mesa como se se estivesse preparando para arregaçar as mangas.

Pela primeira vez o sorriso do Major Gonzales perdeu sua cordialidade. A boca continuou a sorrir, mas agora o sorriso tomava a forma de uma careta raivosa. Os olhos líquidos e dourados ficaram de repente frios

e duros. Disse maciamente:

— Coronel, eu é que não fui claro. Não o senhor. O cavalheiro que represento deu-me instruções para dizer-lhe que, se não aceitar sua generosa oferta, teremos de passar a outras medidas.

A Sra. Havelock de repente começou a ter medo. Descansou a mão sobre o braço do Coronel Havelock e apertou-o bem. O Coronel pôs sua mão sobre a dela para tranquilizá-la. Com os lábios cerrados, disse:

— Por favor, retire-se. Major. Caso contrário, falarei com a polícia.

A ponta rosada da língua do major Gonzales saiu da boca e lambeu vagarosamente os lábios. Toda luz desapareceu de seu rosto, que se tornou tenso e duro. Disse asperamente:

— Então enquanto o senhor viver a propriedade não estará à venda, coronel? Essa é sua última palavra?

Sua mão direita colocou-se atrás das costas e seus dedos estalarão suavemente, uma vez. Atrás dele, os dois homens enfiaram a mão na abertura de suas camisas acima da cintura. Os vivos olhos animais observavam os dedos do major atrás de suas costas.

A Sra. Havelock levou a mão à boca. O Coronel Havelock tentou dizer sim, mas sua boca estava seca. Pigarreou barulhentemente. Não podia acreditar naquilo. Esse sórdido trapaceiro cubano devia estar blefando. Conseguiu dizer com voz rouca:

— Sim, é.

O major Gonzales fez uma rápida mesura.

— Nesse caso, Coronel, o cavalheiro que represento continuará as negociações com o próximo proprietário. . . com sua filha.

Os dedos estalarão. O Major Gonzales afastou-se para um lado a fim de deixar livre o campo de fogo. As mãos morenas de macaco saíram de dentro das camisas. Os feios pedaços de metal em forma de salsicha cuspiram e estrondaram — repetidas vezes, mesmo quando os dois corpos já estavam caindo.

O major Gonzales curvou-se e verificou onde as balas haviam acertado. Depois os três homens recuaram rapidamente através da sala-de-estar rosa e branca, atravessaram o escuro saguão do mogno lavrado e saíram pela elegante porta da frente. Subiram sem pressa no sedan preto “Ford Cônsul” com chapas da Jamaica. O Major Gonzales tomou a direção e os dois pistoleiros sentaram-se no banco traseiro. Desceram vagarosamente a comprida alameda ladeada de palmeiras reais. Na junção

da alameda com a estrada para Port Antônio, os fios telefônicos cortados pendiam através das árvores como cipós brilhantes. O Major Gonzales dirigiu o carro cuidadosa e habilmente pela acidentada estrada vicinal até chegar à pista asfaltada perto da praia. Então aumentou a velocidade. Vinte minutos depois do assassinio chegou ao pátio externo do pequeno porto de bananas. Estacionou o carro no acostamento gramado ao lado da estrada. Os três homens desceram e andaram quinhentos metros na mal-iluminada rua principal até as docas de bananas. A lancha estava esperando, com seu escapamento borbulhando. Os três homens embarcaram e a lancha disparou através das águas paradas do que uma poetisa americana chamou de a mais bela baía do mundo. A âncora já estava meio erguida no cintilante “Chriscraft” de cinqüenta toneladas. O barco desfraldava bandeira dos Estados Unidos. As duas graciosas hastes das varas de pesca de alto mar explicavam que se tratava de turistas — de Kingston, talvez, ou de Montego Bay. Os três homens subiram a bordo e a lancha foi recolhida. Duas canoas circundavam o barco, mendigando. O Major Gonzales jogou uma moeda de cinqüenta “cents” para cada uma delas e os homens nus mergulharam. Os dois motores diesel começaram a roncar gaguejantes. O “Chriscraft” abaixou um pouquinho a popa e rumou para o canal profundo abaixo do hotel “Titchfield”. De madrugada, estaria de novo em Havana. Os pescadores do cais, em terra, observaram-no partir e continuaram a discutir que estrelas cinematográficas eram essas que estavam passando as férias na Jamaica.

Na larga varanda de Content os últimos raios do sol refletiam-se sobre manchas vermelhas. Um dos pássaros-médicos esvoaçou sobre a balaustrada e pairou bem acima do coração da Sra. Havelock, olhando para baixo. Não, isso não era para êle. Partiu rápido para seu poleiro entre os hibiscos próximos.

Alguém dirigindo um carro esporte fêz uma barulhenta mudança de marcha na curva da alameda. Se a Sra. Havelock estivesse viva, estaria preparando-se para dizer: “Judy, eu sempre lhe digo para não fazer isso na curva. Espalha pedregulhos por todo o gramado e você sabe como isso estraga o cortador de grama de Joshua.”

Foi um mês depois. Em Londres, outubro começara com uma semana de brilhante verão. O barulho dos cortadores de grama subia de Regenf Park e entrava pelas largas janelas abertas do escritório de M.

Eram cortadores motorizados e James Bond refletiu que um dos mais belos ruídos do verão, a acalentadora canção de ferro das velhas máquinas, ia desaparecer para sempre do mundo. As crianças de hoje talvez sentissem o mesmo em relação ao bufar e trepidar dos pequenos motores de dois tempos. Pelo menos, o cheiro da grama cortada seria o mesmo.

Bond teve tempo para essas reflexões porque M parecia estar tendo dificuldade em entrar no assunto. Havia perguntado a Bond se estava fazendo alguma coisa no momento. Bond respondera alegremente que não e esperara que a caixa de Pandora se abrisse para êle. Sentia-se um pouco intrigado porque M o tratara por James e não por seu número — 007. Isso era incomum em horas de serviço. Dava a impressão de haver algum ângulo pessoal nessa missão — como se tivesse de ser apresentada a êle mais como um pedido do que como uma ordem. E parecia a Bond haver mais uma pequena ruga de preocupação entre os cinzentos olhos frios, terrivelmente claros. Além disso, três minutos eram sem dúvida tempo demais para pôr um cachimbo a funcionar.

M girou sua cadeira de modo que ficasse bem de frente para a mesa e jogou a caixa de fósforos, que deslizou sobre a superfície de couro vermelho na direção de Bond. Bond apanhou-a e cortêsmente fê-la escorregar de novo para o meio da mesa. M sorriu rapidamente. Parecia ter-se decidido. Com voz suave, disse:

— James, já lhe ocorreu alguma vez que em uma esquadra todo homem sabe o que fazer, exceto o almirante no comando?

Bond franziu a testa e respondeu:

— Nunca me ocorreu isso, senhor. Mas compreendo o que quer dizer. Os outros só precisam obedecer ordens. O almirante precisa decidir sobre as ordens. Acho que é o mesmo que dizer que o Supremo Comando é o posto mais solitário que existe.

M sacudiu seu cachimbo de lado.

— A mesma espécie de idéia. Alguém tem de ser duro. Alguém tem de decidir por fim. Se a gente manda uma mensagem balbuciante ao Almirantado, merece ser posto em terra. Algumas pessoas são religiosas... transferem a decisão para Deus. — Os olhos de M eram defensivos. — Tentei fazer isso algumas vezes no Serviço, mas Êle sempre me devolveu a bola, me disse para ir em rente e decidir por mim. É bom para a gente, acho, mas duro. O mal é que muito poucas pessoas continuam duras depois dos quarenta. Foram maltratadas pela vida — tiveram encrencas,

tragédias, doenças. Essas coisas amolecem a gente. — M olhou penetrantemente para Bond. — Qual é seu coeficiente de dureza, James? Você ainda não chegou à idade perigosa.

Bond não gostava de perguntas pessoais. Não sabia o que responder, nem sabia qual era a verdade. Não tinha esposa nem filhos — nunca sofrera a tragédia de uma perda pessoal. Não precisara enfrentar a cegueira ou uma doença mortal. Absolutamente não tinha idéia de como enfrentaria essas coisas que exigiam muito mais dureza do que até então precisara demonstrar. Disse hesitantemente:

— Acho que posso suportar a maioria das coisas, se precisar e se achar que é direito, Senhor. Quero dizer — não gostava de usar essas palavras — se a causa fôr. . . bem. . . fôr justa, Senhor.

Sentindo-se envergonhado de devolver a bola a M, continuou:

— Naturalmente, não é fácil saber o que é justo e o que não é. Presumo que quando me dão um serviço desagradável no Serviço a causa é justa.

— Diabo! — exclamou M, cujos olhos cintilavam impacientemente. — É exatamente o que eu queria dizer! Você confia em mim. Você não assume responsabilidade.

Empurrou o tubo do cachimbo em direção a seu próprio peito.

— Sou eu quem tem de fazer isso. Eu é que tenho de decidir se uma coisa é direita ou não.

A cólera desaparecera do olhar. A boca cruel curvou-se amargamente. M disse sombriamente:

— Oh, bem, acho que é para isso que me pagam. Alguém tem de dirigir o maldito trem.

M tornou a pôr o cachimbo na boca e chupou profundamente para aliviar seus sentimentos.

Agora Bond sentia pena de M. Nunca antes o ouvira dizer uma palavra tão forte quanto “maldito”. M nunca fizera também a qualquer membro de seu quadro de pessoal uma insinuação de que sentia o peso que estava carregando e que carregara desde quando abrisse mão da perspectiva garantida de tornar-se Quinto Lorde do Mar para assumir a direção do Serviço Secreto. M tinha um problema. Bond imaginou qual poderia ser. Não teria relação com perigo. Se pudesse conhecer mais ou menos as probabilidades, M arriscar-se-ia a qualquer coisa, em qualquer lugar do mundo. Não seria político. M não dava a menor importância às suceti-

bilidades de qualquer Ministério e não hesitava em passar por trás deles para obter uma ordem pessoal do primeiro-ministro. Poderia ser moral. Poderia ser pessoal. Bond disse:

— Há alguma coisa em que eu possa ajudar, Senhor?

M olhou pensativamente para Bond e depois girou sua cadeira de modo a poder olhar para fora da janela, para as altas nuvens estivais. Disse abruptamente:

— Lembra-se do caso Havelock?

— Só do que li nos jornais, Senhor. Um casal idoso na Jamaica. A filha chegou em casa certa noite e encontrou os dois cheios de balas. Falou-se um pouco em bandidos de Havana. A criada disse que três homens haviam chegado em um carro. Pensava que talvez fossem cubanos. Descobriu-se que o carro era roubado. Um iate partiu do porto local naquela noite. Mas, pelo que me lembro, a polícia nada conseguiu. É só isso, senhor. Não vi mensagem alguma transmitida sobre o caso.

M disse carrancudo:

— Não poderia ter visto. Eram pessoais para mim. Não nos pediram que cuidássemos do caso. Acontece apenas — continuou M, pigarreando, pois usar assim particularmente o Serviço pesava em sua consciência — que conheci os Havelocks. Para dizer a verdade, fui padrinho em seu casamento. Em Malta. Mil novecentos e vinte e cinco.

— Compreendo, Senhor. Isso é mau.

M prosseguiu com voz ríspida:

— Boa gente. Seja como fôr, disse à Estação C para dar uma olhada no caso. Nada conseguiram com a gente de Batista, mas nós temos um bom homem do outro lado, com esse sujeito chamado Castro. E o pessoal do serviço secreto de Castro parece estar bem infiltrado no governo. Obtive toda a história há umas duas semanas. Resume-se em que um homem chamado Hammerstein ou von Hammerstein mandou matar o casal. Há muitos alemães bem instalados naquelas repúblicas de bananas. São nazistas que escaparam da rede no final da guerra. Este pertenceu à Gestapo. Conseguiu um emprego como chefe da contra-espionagem de Batista. Ganhou muito dinheiro com extorsão, chantagem e proteção. Estava arrumado para o resto da vida, quando a sorte de Castro começou a virar. Foi um dos primeiros a dar o fora. Deu uma parte do produto de suas pilhagens a um seu oficial, um homem chamado Gonzales, que viajou então pelas Antilhas, com dois pistoleiros para protegê-lo, e começou

a tirar de Cuba o dinheiro de Hammerstein, empregando-o em imóveis e coisas semelhantes em nome de testas de ferro. Só comprava o que havia de melhor, mas por altos preços. Hammerstein podia dar-se a esse luxo. Quando o dinheiro não resolvia, empregava a força — seqüestrava uma criança, queimava alguns acres de lavoura, qualquer coisa que fizesse o proprietário ser razoável. Bem, esse Hammerstein ouviu falar na propriedade dos Havelocks, uma das melhores da Jamaica, e disse a Gonzales que a conseguisse. Acho que suas ordens eram no sentido de matar os Havelocks se não quisessem vender e depois exercer pressão sobre a filha. Pois há uma filha. Deve estar agora com vinte e cinco anos. Eu nunca a vi. De qualquer maneira, foi isso o que aconteceu. Mataram os Havelocks. Depois, há duas semanas, Batista despediu Hammerstein. Talvez tenha ouvido falar nesses trabalhos. Não sei. Mas, seja como fôr, Hammerstein deu o fora e levou consigo seu grupinho de três homens. Devo dizer, que fez as coisas no momento certo. Parece que Castro talvez entre neste inverno, se continuar mantendo a pressão.

Bond perguntou em voz baixa:

— Para onde foram?

— Estados Unidos. Bem no norte de Vermont. Quase na fronteira do Canadá. Homens dessa espécie gostam de ficar perto de fronteiras. Um lugar chamado Lago do Eco. É uma espécie de fazenda de milionário que êle arrendou. Pelas fotografias, parece bonita. Incrustada entre montanhas com esse pequeno lago dentro. Sem dúvida escolheu um lugar onde não será incomodado por visitantes.

— Como conseguiu isso, Senhor?

— Mandeí um relatório sobre todo o caso a Edgar Hoover. Êle conhecia o homem. Eu tinha um palpite nesse sentido. Havia tido muito trabalho com esse contrabando de armas entre Miami e Castro. E está interessado em Havana desde quando o dinheiro grosso do gangsterismo americano começou a ir para lá com os cassinos. Disse que Hammerstein e seu grupo entraram nos Estados Unidos com vistos de visitantes válidos por seis meses. Foi muito atencioso. Queria saber se eu tinha elementos para processar os homens. Perguntou se eu queria que os extraditassem para serem julgados na Jamaica. Conversei aqui com o procurador-geral e êle me disse que não havia esperança, a menos que conseguíssemos as testemunhas de Havana. Não há a menor possibilidade disso. Foi só através do serviço secreto de Castro que chegamos a saber o que sabemos.

Oficialmente, os cubanos não levantarão um dedo. Em seguida, Hoover se ofereceu para conseguir a revogação dos vistos e fazê-los andar de novo. Agradei-lhe e disse que não. Deixamos as coisas nesse pé.

M ficou em silêncio um momento. Seu cachimbo se apagara e êle tornou a acendê-lo. Depois, prosseguiu:

— Decidi ter uma conversa com nossos amigos da Polícia Montada. Falei com o Comissário pelo teletipo. Êle nunca me falhou. Fêz com que um de seus aviões perdesse o rumo, atravessasse a fronteira e fizesse completo levantamento aéreo desse lugar chamado Lago do Eco. Disse-me que daria toda cooperação que eu desejasse. E agora — concluiu M, tornando a virar vagarosamente sua cadeira de frente para a mesa — tenho de decidir o que será feito em seguida.

Agora Bond percebia porque M estava perturbado, porque desejava que outra pessoa tomasse a decisão. Porque aqueles eram amigos de M. Porque havia um elemento pessoal envolvido, M trabalhara no caso sozinho. Mas agora chegara o momento em que era preciso fazer justiça e castigar aquelas pessoas. Mas M estava pensando: isto será justiça ou será vingança? Nenhum juiz aceitaria um caso de homicídio no qual tivesse conhecido pessoalmente a vítima. M desejava que outra pessoa, Bond, proferisse o julgamento. No espírito de Bond não havia dúvidas. Não conhecia os Havelocks nem lhe importava saber quem eram. Hammerstein aplicara a lei da selva em dois velhos indefesos. Como não era possível aplicar outra lei, a lei da selva devia ser imposta a Hammerstein. De nenhuma outra maneira seria possível fazer justiça. Se fosse vingança, seria vingança da coletividade.

— Eu não hesitaria um minuto, Senhor — disse Bond. — Se bandidos estrangeiros acharem que podem fazer essas coisas impunemente, decidirão que os ingleses são tão moles quanto outras pessoas parecem pensar que somos. Este é um caso para rude justiça — olho por olho.

M continuou olhando para Bond. Não deu encorajamento, nem fêz comentário. Bond acrescentou:

— Não é possível enforcar essas pessoas, Senhor. Mas elas precisavam ser mortas.

Os olhos de M deixaram de focalizar Bond. Por um momento ficaram vazios, olhando para dentro. Depois, M estendeu vagarosamente a mão para a gaveta de cima de sua mesa, do lado esquerdo, abriu-a e tirou dela uma fina pasta sem o habitual título na capa e sem a estrela

vermelha que designava matéria altamente secreta. Colocou a pasta diretamente em sua frente e sua mão voltou à gaveta aberta. A mão saiu com um carimbo de borracha e uma almofada de tinta vermelha. M abriu a caixa da almofada, apertou o carimbo de borracha sobre ela e depois cuidadosamente, de modo que ficasse perfeitamente alinhado com o canto superior direito da pasta, apertou-o sobre a capa cinzenta.

M tornou a guardar o carimbo e a almofada de tinta na gaveta e fechou-a. Virou a pasta e empurrou-a delicadamente para Bond através da mesa.

As letras vermelhas, em tipo grotesco, ainda úmidas, diziam: PARA VOCÊ SOMENTE.

Bond nada disse. Acenou com a cabeça, apanhou a pasta e saiu da sala.

Dois dias mais tarde, Bond tomou o “Comet” de sexta-feira para Montreal. Não gostava do avião. Voava alto demais, com excessiva velocidade e levava muitos passageiros. Tinha saudade do tempo do velho “Stratocruiser” — aquele velho, magnífico e desajeitado aparelho que levava dez horas para atravessar o Atlântico. Então a gente podia jantar em paz, dormir sete horas em uma confortável tarimba e tomar aquele ridículo desjejum de “casa de campo” da BOAC, enquanto o dia nascia e inundava a cabina com os primeiros e brilhantes raios dourados do Hemisfério Ocidental. Agora tudo era feito muito depressa. As aeromoças precisavam servir tudo quase correndo e depois a gente mal tinha duas horas para cochilar antes da decida de cento e cinquenta quilômetros a partir dos doze mil metros de altitude. Apenas oito horas depois de ter saído de Londres, Bond estava guiando uma limusine Plymouth, alugada da “Hertz”, ao longo da larga Rota 17 de Montreal a Ottawa e fazendo força para lembrar-se de ficar do lado direito da estrada.

O Quartel-General da Real Polícia Montada do Canadá fica no Departamento de Justiça, ao lado dos Edifícios do Parlamento em Ottawa. Como a maioria dos prédios públicos canadenses, o Departamento de Justiça é um bloco maciço de alvenaria cinzenta construído para parecer pesadamente importante e resistir aos longos e duros invernos. Haviam dito a Bond para perguntar pelo comissário na mesa da entrada e dar seu nome como “Sr. James”. Foi o que fez. Um jovem cabo da Real Polícia Montada, de fisionomia sadia, que parecia não gostar de ficar dentro de

casa em um dia quente e ensolarado, levou-o pelo elevador até o terceiro andar e entregou-o a um sargento em um grande e bem arrumado escritório que continha duas secretárias e muitos móveis pesados. O sargento falou pelo telefone interno e houve uma espera de dez minutos, durante os quais Bond fumou e leu um folheto de recrutamento que fazia a Polícia Montada parecer uma mistura de fazenda para turistas, Dick Tracy e “Rose Marien”. Quando o fizeram entrar pela porta de ligação, um homem alto e jovem com terno azul escuro, camisa branca e gravata preta virou-se da janela onde estava e caminhou em sua direção.

— Sr. James? — sorrindo ligeiramente. — Eu sou o Coronel... digamos... Johns.

Trocaram um aperto de mão e o coronel “Johns” prosseguiu:

— Venha sentar-se. O comissário sente muito não poder estar aqui para recebê-lo. Está muito resfriado. . . um desses resfriados diplomáticos, sabe?

O Coronel “Johns” parecia divertir-se.

— Êle achou que talvez fosse melhor tirar o dia de folga. Eu sou um dos auxiliares. Já participei de uma ou duas caçadas e o comissário incumbiu-me de cuidar desse seu pequeno passeio.

O Coronel fez uma pausa antes de acrescentar:

— Só eu. Entendido?

Bond sorriu. O comissário tinha muito prazer em ajudar, mas ia mexer naquilo com luvas de pelica. Não haveria repercussão em seu escritório. Bond imaginou que êle devia ser um homem cuidadoso e muito sensato.

— Compreendo perfeitamente — disse. — Meus amigos em Londres não desejam que o comissário se preocupe pessoalmente com isto. Eu não me encontrei com o comissário nem estive perto de seu gabinete. Assim sendo, podemos falar inglês por uns dez minutos... só entre nós dois?

O Coronel Johns riu.

— Claro. Disseram-me para fazer esse pequeno discurso e depois entrar no assunto. O senhor compreende, comandante, que nós dois vamos cometer vários delitos, a começar pela obtenção de uma licença canadense de caça sob falsos pretextos e violação das leis de fronteiras, indo depois a coisas muito mais graves. Não faria bem a ninguém que algo desse pequeno negócio ricocheteasse. Está entendendo?

— É o que meus amigos também acham. Quando eu sair daqui, cada um de nós se esquecerá do outro, e se eu acabar em Sing-Sing o problema é meu. Bem, e agora?

O Coronel Johns abriu uma gaveta da mesa e tirou uma grossa pasta, que abriu. O documento de cima era uma lista. Apontou com seu lápis o primeiro item e olhou para Bond. Correu os olhos pelo velho terno de tweed preto e branco de Bond, por sua camisa branca e sua gravata preta estreita.

— Roupas — disse, destacando uma folha de papel da pasta e estendendo-a sobre a mesa. — Aqui está uma lista do que acho que vai precisar e o endereço de uma grande loja de roupas usadas aqui na cidade. Nada extravagante, nada conspícuo — camisa caqui, calça marrom escura e botas ou sapatos bons para escalar montanha. Veja que sejam confortáveis. E aqui está o endereço de uma farmácia onde pode comprar tinta de nogueira. Compre um galão e tome um banho com êle. Há muito de marrom nos montes nesta época e você não vai querer usar tecido de pára-quedas ou outra coisa qualquer que cheire a camuflagem. Certo? Se fôr apanhado, você é um inglês que estava caçando no Canadá, se perdeu e atravessou a fronteira por engano. Fuzil. Eu mesmo fui colocá-lo no porta-mala de seu Plymouth enquanto você estava esperando. Um dos novos Savage 99Fs, com mira Weatherby 6x62, repetidor de 5 tiros com vinte pentes de 250-3.000 de alta velocidade. É a mais leve arma para caça de grande porte que se encontra à venda. Só três quilos. Pertence a um amigo. Ficará satisfeito em recebê-lo de volta algum dia, mas não lhe fará falta se não fôr devolvido. Foi experimentado e está ótimo até quinhentos metros. Licença de arma — o Coronel Johns estendeu-a sobre a mesa — emitida aqui na cidade em seu verdadeiro nome, pois isso combina com seu passaporte. Licença de caça idem, mas só caça pequena, pois ainda não se iniciou a temporada de veados. Também licença de motorista para substituir a provisória que deixei com a pessoa da “Hertz” para entregar-lhe. Saco de provisões, bússola — tudo usado, no porta-malas de seu carro. Oh, a propósito — disse o Coronel Johns erguendo os olhos de sua lista — você vai levar uma arma pessoal?

— Sim. Walter PPK em um coldre Burns Martin.

— Certo, dê-me o número. Tenho uma licença em branco aqui. Se voltar às minhas mãos está tudo arrumado. Tenho explicação para ela.

Bond tirou sua arma e leu o número. O Coronel Johns preencheu o

formulário e entregou-o a Bond.

— Agora, os mapas. Aqui está um mapa local da “Esso”. É o único de que você precisa para chegar até a região.

O Coronel Johns levantou-se, aproximou-se de Bond com o mapa, e abriu-o, dizendo:

— Você toma esta rota 17 de volta para Montreal, atravessa a ponte em St. Anne para tomar a 37 e depois cruza novamente o rio para entrar na 7. Desce pela 7 até o rio Pike. Entra na 52 em Stanbridge. Em Stanbridge você vira a direita para ir a Frelighsburg, onde deixa o carro em uma garagem. Terá estradas boas em todo o trajeto. A viagem não levará mais de cinco horas, incluindo as paradas. Certo? Agora, aqui é que você precisa fazer as coisas direito. Chegue em Frelighsburg mais ou menos às três da madrugada. O empregado da garagem estará meio dormindo. Assim, poderá tirar o material do porta-malas e afastar-se sem que ele preste atenção, ainda que você fosse um chinês de duas cabeças.

O Coronel Johns voltou à sua cadeira e tirou mais dois pedaços de papel da pasta. O primeiro era um pedaço de mapa marcado a lápis e o outro um pedaço de fotografia aérea. Olhando gravemente para Bond, explicou:

— Bem, aqui estão as únicas coisas inflamáveis que você vai levar. Espero que se livre delas logo que tenham sido usadas ou assim que houver probabilidade de arrumar encrenca. Isto — disse, empurrando o papel na direção de Bond — é um tosco esboço de uma velha rota de contrabando do tempo da Proibição. Atualmente não é usada. Se fosse, eu não a recomendaria. Você poderia encontrar alguns indivíduos desagradáveis vindo da direção contrária, que seriam capazes de atirar, sem fazer perguntas nem depois. .. trapaceiros, traficantes de entorpecentes, traficantes de mulheres. . . Hoje em dia, porém, a maioria viaja em “Viscount”. Esta rota era usada por contrabandistas entre Franklin, logo acima da Linha Derby, e Frelighsburg. Você segue este caminho no sopé dos montes, desvia-se de Franklin e entra no começo das montanhas Green. Lá só há abetos de Vermont e pinheiros, com um pouco de bordos, e você pode ficar dentro da mata durante meses sem ver viva alma. Você atravessa o campo aqui, sobre duas rodovias, e deixa a cachoeira de Enosburg a oeste. Depois chega a uma íngreme serra e desce para o alto do vale que está procurando. A cruz é o Lago do Eco e, a julgar pelas fotografias, eu me sentiria inclinado a descer sobre ela pelo leste. Entendeu?

— Que distância? Uns quinze quilômetros?

— Dezessete quilômetros. Para ir de Frelighsburg até lá você vai levar umas três horas, se não se perder no caminho. Avistará o local lá pelas seis horas e terá clareza durante cerca de uma hora para ajudá-lo no último trecho.

O Coronel Johns empurrou sobre a mesa o pedaço de fotografia aérea. Era um corte central da fotografia que Bond vira em Londres. Mostrava uma comprida e baixa fileira de edifícios bem conservados feitos de pedra talhada. Os telhados eram de lousa. Dava para ver graciosas janelas arcadas e um pátio coberto. Uma estrada empoeirada passava diante da porta da frente e desse lado havia garagens e o que parecia ser canis. Do lado do jardim havia um terraço calçado de pedras com flores na beirada. Além dele, viam-se dois ou três acres de gramado bem cuidado estendendo-se até a beira do pequeno lago. O lago parecia ter sido artificialmente criado por meio de uma funda represa de pedra. Havia um conjunto de móveis de jardim em ferro fundido onde a parede da represa se afastava da margem e, no meio da parede, um trampolim e uma escada para sair do lago. Além do lago, a floresta subia por uma íngreme encosta. Era desse lado que o Coronel Johns sugeria uma aproximação. Não apareciam pessoas na fotografia, mas sobre a calçada de pedras diante do pátio havia móveis de jardim de alumínio de aparência cara e uma mesa central de vidro com bebidas. Bond lembrou-se que a fotografia maior mostrava uma quadra de tênis no jardim e, do outro lado da estrada, bem cuidadas cercas brancas e cavalos de uma fazenda de criação. O Lago do Eco parecia ser o que era: um luxuoso retiro, no fundo do país, bem longe dos alvos de bombas atômicas, pertencente a um milionário que gostava de sossego e provavelmente conseguia cobrir grande parte das despesas de manutenção com a fazenda de criação de cavalos. Seria admirável refúgio para um homem que tivesse passado dez tempestuosos anos na política das Antilhas e precisasse de um repouso para recarregar suas baterias. O lago era também conveniente para lavar o sangue das mãos.

O Coronel Johns fechou sua pasta agora vazia e rasgou a lista datilografada em pequenos fragmentos, que jogou na cesta de papéis usados. Os dois homens levantaram-se. O Coronel Johns levou Bond até a porta e estendeu a mão, dizendo:

— Bem, acho que é só isso. Eu gostaria muito de ir com você. Falar nisso tudo fez-me lembrar de uma ou duas missões de atirador furti-

vo no fim da guerra. Eu estava no Exército nessa ocasião. Estávamos sob o comando de Monty no Oitavo Exército. À esquerda da linha de frente nas Ardenes. Era uma região mais ou menos igual à que você vai visitar, diferente só nas árvores. Mas você sabe como são as coisas nesses empregos policiais. Muito trabalho burocrático e manter a ficha limpa para a pensão. Bem, até logo e muita sorte. Sem dúvida lerei tudo nos jornais — concluiu sorrindo — qualquer que seja o resultado.

Bond agradeceu-lhe e apertou-lhe a mão. Ocorreu-lhe então uma última pergunta. Disse:

— A propósito, o Savage é de puxão simples ou duplo? Não terei oportunidade de verificar e talvez não haja muito tempo para experimentar quando aparecer o alvo.

— Puxão simples e gatilho muito sensível. Não encoste o dedo enquanto não estiver certo de tê-lo na mira. E fique a mais de trezentos metros se puder. Acho que aqueles homens também são muito bons. Não chegue muito perto.

Estendeu a mão para o trinco da porta. A outra mão descansou no ombro de Bond.

— Nosso comissário — disse — tem um lema: “Nunca mande um homem onde possa mandar uma bala.” Convém lembrar-se disso. Até a vista Comandante.

Bond passou a noite e a maior parte do dia seguinte no “KO-ZEE Motor Court”, perto de Montreal. Pagou adiantado três noites. Passou o dia cuidando de seu equipamento e amaciando as botas de alpinista de borracha mole que comprara em Ottawa. Comprou tabletes de glicose e um pouco de presunto defumado e pão, com os quais fez sanduíches. Comprou também um frasco grande de alumínio e encheu-o com três quartos de uísque e um quarto de café. Quando ficou escuro, jantou e dormiu um pouco. Depois, diluiu a tinta de nogueira e lavou todo o corpo com ela, até mesmo as raízes dos cabelos. Saiu parecendo um índio pele-vermelha de olhos cinzentos azulados. Pouco antes da meia-noite abriu silenciosamente a porta lateral que dava para o abrigo de automóvel, subiu no Plymouth e percorreu a última etapa para o sul até Frelighsburg.

O homem na garagem que ficava aberta a noite toda não estava tão sonolento como dissera o Coronel Johns.

— Vai caçar, senhor?

Nos Estados Unidos pode-se ir longe com lacônicos grunhidos.

“Hum”, “nem” e “hã!” em suas várias modulações, juntamente com “claro”, ‘parece’, “é?” e “bolas!” servem para quase qualquer circunstância.

Bond, enfiando a tira de seu fuzil sobre o ombro, respondeu: — Hum-hum.

— Um homem apanhou sábado um belo castor acima de Flighgate Springs.

Bond disse com indiferença “É?”, pagou duas noites e saiu da garagem. Havia parado no fim da cidade e agora precisava apenas seguir a rodovia por uma centena de metros para encontrar a trilha que entrava no mato à sua direita. Depois de meia hora, a trilha acabou diante de uma maltratada casa de fazenda. Um cão acorrentado pôs-se a latir freneticamente, mas não apareceu luz na casa. Bond ladeou-a e imediatamente encontrou o caminho na margem do córrego. Devia segui-lo por cinco quilômetros. Apressou o passo para afastar-se do cão. Quando cessaram os latidos, fez-se silêncio, o profundo silêncio de veludo das matas em uma noite parada. Era uma noite quente com uma lua cheia amarela que lançava através dos copados abetos luz suficiente para Bond seguir o caminho sem dificuldade. As solas acolchoadas e flexíveis das botas de alpinista eram maravilhosas para caminhar. Bond chegou à sua segunda curva e percebeu que estava fazendo um tempo bom. Mais ou menos às quatro horas, as árvores começaram a rarear e Bond logo estava caminhando por campos abertos, com as luzes dispersas de Franklin à sua direita. Cruzou uma estrada secundária alcatroada e chegou a um caminho mais largo que atravessava a mata, tendo à sua direita o pálido reflexo de um lago. Às cinco horas, já havia atravessado os negros rios das rodovias 108 e 120. Na última, havia uma tabuleta dizendo “ENOSBURG FALLS — 1 MILHA”. Agora estava na última etapa — uma pequena trilha de caçadores que subia quase a pique. Bem longe da rodovia, parou, descansou o fuzil e a mochila, acendeu um cigarro e queimou o esboço de mapa. Já havia um pálido clarão no céu e pequenos ruídos na floresta — o áspero e melancólico grito de um pássaro que não conhecia e o raspar de pequenos animais. Bond imaginou a casa no fundo do pequeno vale do outro lado da montanha à sua frente. Viu as janelas escuras com cortinas, os rostos amassados dos quatro homens que dormiam, o orvalho sobre o gramado e as ondas que se formavam na superfície cinzenta escura do lago. E ali, do outro lado da montanha, o executor estava chegando entre as árvores. Bond fechou o espírito a essa imagem, esmagou o resto de seu cigarro no

chão e pôs-se em marcha.

Aquilo seria um monte ou uma montanha? Com que altura um monte se torna uma montanha? Por que não fabricavam alguma coisa com a casca prateada da bétula? Parece tão útil e valiosa. As melhores coisas da América são os esquilos e sopa de ostra. A noite realmente não cai, sobe. Quando a gente se senta no topo de uma montanha e observa o sol se pondo por trás da montanha oposta, a escuridão sobe do vale para a gente. Será que os pássaros algum dia perderão o medo do homem? Deve fazer séculos desde quando o homem matou um passarinho para alimentar-se nestas matas, mas os pássaros ainda têm medo. Quem foi esse Ethan Allen que comandou os Rapazes da Montanha Green de Vermont? Agora, nos motéis americanos, anunciam móveis Ethan Allen como uma atração. Por quê? Será que êle fazia móveis? As botas do Exército deviam ter solas como estas.

Com esses e outros pensamentos vadios, Bond subiu firmemente a encosta, afastando obstinadamente do espírito o pensamento dos quatro rostos adormecidos sobre travesseiros brancos.

O pico redondo ficava abaixo da linha das árvores e Bond nada podia ver do vale embaixo. Descansou e depois escolheu um carvalho, subiu nele e avançou por um galho grosso. Agora podia ver tudo — a vista interminável das montanhas Green estendendo-se em todas as direções até onde seus olhos alcançavam, bem para leste a bola dourada do sol começando a surgir gloriosamente e embaixo, seiscentos metros abaixo por uma longa e suave vertente de copas de árvores, interrompidas uma vez por uma larga faixa de campina, através de um espesso véu de nevoeiro, o lago, os gramados e a casa.

Bond deitou-se no galho e ficou observando a tira de pálidos raios de sol matutino rastejando para baixo em direção ao vale. Levou um quarto de hora para chegar ao lago e depois pareceu cobrir de uma vez o cintilante gramado e as úmidas lousas dos telhados. Depois, o nevoeiro dissipou-se rapidamente sobre o lago e a área do alvo, lavada, brilhante e nova, ficou esperando como um palco vazio.

Bond tirou a mira telescópica do bolso e examinou a cena centímetro por centímetro. Em seguida inspecionou o terreno em declive abaixo de si e calculou as distâncias. Da beirada da campina, que seria seu único campo aberto de fogo, a menos que descesse através do último cinturão de árvores até a beira do lago, haveria uma distância de uns quinhentos

metros até o terraço e o pátio, e uns trezentos metros até o trampolim e a beira do lago. Que fazia essa gente com seu tempo? Qual era sua rotina? Tomava banho no lago alguma vez? Ainda estava bastante quente. Bem, havia o dia inteiro. Se até o fim do dia não tivessem descido ao lago, êle teria de tentar a sorte no pátio com quinhentos metros de distância. Mas não seria uma boa probabilidade com um fuzil estranho. Deveria descer diretamente até a beirada da campina? Era uma campina larga, talvez quinhentos metros a percorrer sem cobertura. Talvez fosse melhor deixar isso para trás antes que o pessoal da casa acordasse. Que hora se levantaria essa gente?

Como para dar-lhe resposta, uma persiana branca ergueu-se em uma das janelas menores à esquerda do bloco principal. Bond pôde ouvir distintamente o estalido final das molas de enrolar. Lago do Eco! Claro. Funcionaria o eco em ambos os sentidos? Precitaria ter o cuidado de não quebrar galhos e ramos? Provavelmente não. Os sons do vale refletiam-se da superfície da água para cima. Mas era preciso não correr riscos.

Uma fina coluna de fumaça começou a subir reta de uma das chaminés à esquerda. Bond pensou no toucinho com ovos que logo estaria frigindo. E no café quente. Deixou-se escorregar para trás pelo galho e desceu ao chão. Comería alguma coisa, fumaria seu último cigarro seguro e desceria para o ponto de tiro.

O pão enrascava na garganta de Bond. A tensão estava crescendo nele. Em sua imaginação já podia ouvir o profundo latido do Savage. Podia ver a bala preta preguiçosamente, como uma abelha voando devagar, descer para o vale em direção a um quadrado de pele côm de rosa. Fazia um leve estalido quando ao bater. A pele afundava, abria-se e depois se fechava de novo, deixando um pequeno orifício com orlas pisadas. A bala aprofundava-se, sem pressa, em direção ao coração pulsante — os tecidos e os vasos sanguíneos abrindo-se obedientemente para deixá-la passar. Quem era esse homem ao qual ia fazer isso? Que fizera êle a Bond? Bond baixou os olhos pensativamente para o dedo com que apertava o gatilho. Dobrou-o vagarosamente, sentindo em sua imaginação a curva fria do metal. Quase automaticamente, sua mão esquerda estendeu-se para o frasco. Levou-o aos lábios e inclinou a cabeça para trás. O uísque com café desceu queimando por sua garganta. Tornou a tampar o frasco e esperou que o calor do uísque chegasse ao estômago. Depois, levantou-se devagar, espreguiçou-se e bocejou profundamente. Apanhou o fuzil e

pendurou-o no ombro. Olhou em roda com cuidado para marcar o lugar quando voltasse a subir o monte e começou a descer lentamente entre as árvores.

Agora não havia trilha e tinha de procurar seu caminho vagarosamente, observando o chão para evitar galhos secos.

As árvores agora estavam mais misturadas. Entre os abetos e bétulas prateados havia de vez em quando um carvalho, uma faia, um plátano e, aqui e acolá, os resplandescentes fogos de Bengala de um bordo em roupagem de outono. Embaixo das árvores havia a vegetação esparsa de suas mudinhas e muitos troncos secos derrubados por antigos furacões. Bond desceu cuidadosamente, com os pés fazendo pouco barulho entre as folhas e as pedras cobertas de musgo, mas logo a floresta tomou conhecimento dele e começou a transmitir a notícia. Uma grande corça, com dois filhotes semelhantes a Bambi, avistou-o primeiro e afastou-se galopando com um barulho aterrador. Um brilhante pica-pau de cabeça vermelha voou à sua frente, gritando cada vez que Bond se aproximava. E havia sempre os esquilos, erguendo-se sobre as patas traseiras, levantando os pequenos focinhos por cima dos dentes quando tentavam apanhar seu cheiro e depois disparando em direção a seus buracos entre as pedras com uma barulhada que parecia encher a mata de susto. Bond gostaria que eles não tivessem medo, que soubessem não ser para eles a arma que levava, mas a cada alarma ficava pensando se, quando chegasse à beirada da campina, não veria lá embaixo no gramado um homem com binóculos observando os pássaros assustados que fugiam entre as copas das árvores.

Contudo, quando parou atrás de um último e grosso carvalho e olhou para baixo através da larga campina, na direção do cinturão final de árvores, do lago e da casa, nada havia mudado. Todas as outras persianas ainda estavam baixadas e o único movimento era a fina pluma de fumaça.

Eram oito horas. Bond olhou para as árvores além da campina, procurando uma que servisse ao seu propósito. Encontrou-a — um grande bordo, resplandecente de castanho e vermelho. Combinava bem com sua roupa, seu tronco era bastante grosso e ficava um pouco para trás da parede de abetos. De lá, em pé, poderia ver tudo quanto precisava do lago e da casa. Bond ficou um momento parado, planejando o trajeto que faria para descer através do capim cerrado e das varas de ouro da campina. Teria de rastejar de barriga e devagar. Uma ligeira brisa soprou e agitou a

campina. Se continuasse soprando para disfarçar sua passagem!

Em algum lugar não muito longe, à esquerda da orla das árvores, um galho estalou. Estalou uma vez decididamente e depois não houve mais barulho. Bond deixou-se cair de joelhos, com as orelhas fitas e os sentidos vigilantes. Ficou assim durante dez minutos, uma sombra marrom imóvel contra o largo tronco do carvalho.

Quadrúpedes e pássaros não quebram galhos. Madeira seca deve representar para eles um sinal especial de perigo. Pássaros nunca pousam sobre galhos que se quebrem sob eles e mesmo animais grandes como um veado com chifres e quatro cascos move-se silenciosamente na floresta a menos que esteja em fuga. Será que aquela gente tinha guardas avançados? Delicadamente, Bond tirou o fuzil do ombro e pôs o polegar sobre a trava. Se o pessoal ainda estivesse dormindo, um único tiro no alto da mata, talvez fosse atribuído a um caçador. Mas, então, entre eles e mais ou menos o lugar onde estalara o galho, apareceram dois veados que galoparam sem pressa através da campina para a esquerda. É verdade que pararam duas vezes a fim de olhar para trás, mas de cada vez comeram alguns bocados de capim antes de continuar em direção à franja distante da mata de baixo. Não demonstravam susto nem pressa. Certamente tinham sido eles a causa do estalo do galho. Bond suspirou aliviado. Isso estava resolvido. E agora era atravessar a campina.

Rastejar quinhentos metros através de capim alto e escondedor é um trabalho longo e cansativo. Machuca os joelhos, as mãos e os cotovelos, nada se avista senão capim e caules de flores, poeira e pequenos insetos entram nos olhos, no nariz e na garganta da gente. Bond esforçou-se por colocar certo suas mãos e manter uma velocidade pequena e uniforme. A brisa continuava soprando e seu avanço através do capim certamente não poderia ser notado da casa.

De cima, parecia que um grande animal — talvez um castor ou uma marmota — estivesse descendo pela campina. Não, não podia ser um castor. Castores sempre andam aos pares. No entanto talvez pudesse ser um castor — pois agora, em um lugar mais alto na campina, alguma coisa, alguma outra pessoa entrara no capim alto e, atrás e acima de Bond, uma segunda esteira estava sendo aberta no profundo mar de capim. Parecia que, fosse o que fosse, estava vagarosamente alcançando Bond e que as duas esteiras convergiam exatamente para a fileira seguinte de árvores.

Bond rastejava e escorregava firmemente, parando apenas para

enxugar o suor e a poeira do rosto e, de tempos a tempos, para verificar se avançava na direção do bordo. Mas quando estava bastante perto para que a fileira de árvores o escondesse da casa, talvez a seis metros do bordo, parou e deitou-se por um momento, fazendo massagem nos joelhos e descansando os pulsos para a última etapa.

Nada ouviu que o avisasse e, quando o sussurro baixo e ameaçador saiu do capim cerrado apenas alguns pés à sua esquerda, virou a cabeça tão brucamente para que as vértebras do pescoço fizeram um barulho de coisa que se quebra.

— Se fizer um movimento, eu o matarei.

Era uma voz de mulher, mas uma voz que revelava ferozmente a intenção de cumprir a ameaça.

Bond, com o coração batendo forte, ergueu os olhos para a haste da flecha de aço cuja ponta triangular azul separava os capins talvez a meio metro de sua cabeça.

O arco estava inclinado, afundando no capim. As juntas dos dedos morenos que seguravam o arco abaixo da ponta da seta estavam brancas. Depois havia a extensão do aço cintilante e, por trás das penas de metal, escondidos em parte pelas hastes de capim oscilantes, havia lábios sinistramente cerrados embaixo de dois ferozes olhos cinzentos contra um fundo de pele queimada pelo sol e úmida de suor. Isso foi tudo quanto Bond pôde perceber através do capim. Quem seria? Um dos guardas? Bond tornou a juntar saliva na boca seca e começou vagarosamente a estender a mão direita, a mão fora da vista, na direção da cintura e da arma. Disse baixinho:

— Quem é você?

A ponta da flecha moveu-se ameaçadoramente. — Pare essa mão direita senão enfio isto em seu ombro. Você é um dos guardas?

— Não. E você?

— Não seja estúpido. Que está fazendo aqui?

Diminuíra a tensão na voz, mas ainda era dura e desconfiada. Havia um traço de sotaque — que seria? Escocês? Galense?

Era tempo de pôr-se em pé de igualdade. Havia algo de particularmente mortal na ponta azul da flecha. Bond disse calmamente:

— Ponha de lado esse arco e flecha, Robina. Então lhe direi.

— Você jura que não pega a arma?

— Está bem. Mas, pelo amor de Deus, vamos sair do meio deste

campo.

Sem esperar pela resposta, Bond ergueu-se sobre as mãos e os joelhos, e começou a rastejar de novo. Agora precisava tomar a iniciativa e conservá-la. Fosse quem fosse essa maldita mulher, precisava livrar-se dela rápida e discretamente antes que começasse o tiroteio. Santo Deus, como se já não tivesse bastante coisa em que pensar!

Bond chegou ao tronco da árvore. Levou-se cuidadosamente e deu um rápido olhar através das folhas resplandescentes. A maioria das persianas estava levantada. Duas criadas de côr, movendo-se devagar, punham uma grande mesa de desjejum no pátio. Bond tinha razão. O campo de visão sobre as copas das árvores que agora desciam bruscamente em direção ao lago era perfeito. Bond tirou o fuzil e a mochila, e sentou-se com as costas contra o tronco da árvore. A moça saiu da beirada do capinzal e ficou em pé embaixo do bordo. Conservou-se à distância. A flecha ainda estava segura no arco, mas este não estava retesado. Os dois se olharam cautelosamente.

A moça parecia uma bela e desgrehada dríade com blusa e calça esfarrapadas. A blusa e a calça eram verde-oliva, amassadas e manchadas de lama e sujeira, rasgadas em alguns lugares. A moça prendera seus cabelos loiros pálidos com varas de ouro para esconder seu brilho enquanto rastejava pela campina. A beleza de seu rosto era selvagem e quase animal, com uma boca larga e sensual, maçãs altas e desdenhosos olhos cinzentos prateados. Havia sangue de arranhões em seus antebraços e em uma das faces. Uma escoriação inchava e escurecera um pouco a maçã da mesma face. As pernas de metal de uma aljava cheia de flechas apareciam por cima de seu ombro esquerdo. Além do arco, não levava senão uma faca de caça na cintura e, no outro quadril, uma pequena sacola de lona marrom que presumivelmente continha seus alimentos. Parecia uma pessoa bela e perigosa, que conhecia o campo selvagem e as florestas, não tendo medo deles. Devia andar sozinha através da vida e ter pouca necessidade da civilização.

Bond achou-a maravilhosa. Sorriu-lhe. Disse baixinho, em tom tranquilizador:

— Suponho que seja Robina Hood. Meu nome é James Bond.

Apanhou seu frasco, desparafusou a tampa e estendeu-o para ela.

— Sente-se e tome um gole disto. É aguardente e café. Tenho também um pouco de charque. Ou vive de orvalho e frutas silvestres?

Ela se aproximou um pouco mais e se sentou a um metro dele. Sentava-se como uma pele-vermelha, com os joelhos bem abertos e os calcanhares enfiados por baixo das coxas. Estendeu a mão para o frasco e bebeu avidamente com a cabeça jogada para trás. Devolveu o frasco sem fazer comentários. Não sorriu. Disse “Obrigada” relutantemente, tomou sua flecha e jogou-a sobre as costas para juntar-se às outras que estavam na aljava. Observando-o cuidadosamente, disse:

— Suponho que seja um caçador furtivo. A temporada de caça de veado só se abre dentro de três semanas. Mas você não encontraria veado algum aqui embaixo. Eles só descem tanto durante a noite. Durante o dia, você devia subir mais, muito mais. Se quiser, eu lhe direi onde existem alguns. Um grande grupo. O dia já está um pouco avançado, mas ainda poderá apanhá-los. Eles estão contra o vento e você parece saber caminhar furtivamente. Não faz muito barulho.

— É isso que está fazendo aqui. . . caçando? Deixe-me ver sua licença.

A blusa tinha no peito bolsos abotoados. Sem protestar, ela tirou de um deles o papel branco e o estendeu para Bond.

A licença fora emitida em Bennington, Vermont. Estava em nome de Judy Havelock. Havia uma lista de tipos de permissão, na qual estavam assinalados os de “caça para não residente” e “arco e flecha para não residente”. A taxa fora de 18,50 dólares pagáveis ao Serviço de Pesca e Caça, em Montpelier, Vermont. Judy Havelock dera a idade de vinte e cinco anos e Jamaica como local de nascimento.

“Deus Todo-Poderoso!” pensou Bond, ao devolver o documento. Então era essa a realidade! Disse com simpatia e respeito:

— Você é uma garôta maravilhosa, Judy. Da Jamaica aqui é uma longa caminhada. E vai enfrentá-la com seu arco e flecha? Sabe o que dizem na China? “Antes de partir para a vingança, cave duas sepulturas.” Você fez isso ou espera sair-se bem?

A moça fitava-o.

— Quem é você? — perguntou. — Que está fazendo aqui? Que sabe a respeito disso?

Bond refletiu. Só havia um meio de sair dessa confusão e era aliar-se à moça. Que negócio dos diabos! Disse resignadamente:

— Já lhe disse meu nome. Fui mandado de Londres.. . bem. . . pela Scotland Yard. Sei tudo sobre suas encrencas. Vim aqui acertar certas

contas e fazer com que você não fosse incomodada por essa gente. Em Londres, pensamos que o homem que está naquela casa poderia começar a fazer pressão sobre você, devido à sua propriedade, e não há outra maneira de impedi-lo.

A moça disse rancorosamente:

— Eu tinha um pônei favorito, um Palomino. Há três semanas foi envenenado. Depois, mataram a tiro meu alsaciano. Eu o criara desde pequenino. Em seguida, chegou uma carta, que dizia: “A morte tem muitas mãos. Uma dessas mãos está agora erguida sobre você.” Eu devia pôr um anúncio no jornal, na coluna pessoal, em determinado dia. Devia dizer apenas: “Obedecerei. Judy.” Procurei a polícia. Tudo quanto fizeram foi oferecer-me proteção. Achavam que era gente de Havana. Nada mais podiam fazer. Por isso, fui a Havana, hospedei-me no melhor hotel e joguei forte nos cassinos.

Com um débil sorriso, prosseguiu:

— Eu não estava vestida assim. Usava meus melhores vestidos e as jóias da família. Houve homens que me cortejaram. Fui amável com eles. Precisava ser. E durante todo o tempo eu fazia perguntas. Fingi que estava à procura de emoções, que desejava ver o submundo e alguns bandidos de verdade. Finalmente fiquei sabendo a respeito desse homem. — Fêz um gesto em direção à casa. — Havia saído de Cuba. Batista descobrira suas falcatruas ou coisa semelhante. Falaram-me muito a respeito dele e, por fim, conheci um homem, uma espécie de policial de alta categoria, que me contou todo o resto depois que eu — hesitou um pouco, evitando os olhos de Bond — depois que eu fui boazinha com êle. Fêz uma pausa e continuou:

— Deixei Havana e fui para os Estados Unidos. Eu havia lido alguma coisa sobre Pinkerton, a agência de detetives. Procurei-a e paguei para que descobrisse o endereço desse homem.

Virou as palmas das mãos para cima sobre o colo. Agora seus olhos eram desafiadores.

— Isso é tudo — concluiu.

— Como chegou até aqui?

— Vim de avião até Bennington. Depois andei. Quatro dias. Atravessei as montanhas Green. Evitei os caminhos onde havia gente. Estou acostumada com coisas dessa espécie. Nossa casa fica nas montanhas da Jamaica. São muito mais difíceis do que estas. E nas montanhas de lá exis-

te mais gente, camponeses. Aqui parece que ninguém anda a pé. Todos viajam de automóvel.

— E agora o que vai fazer?

— Vou matar von Hammerstein e voltar a pé para Bennington.

A voz era tão casual como se tivesse dito que ia colher uma flor silvestre.

Do fundo do vale veio o som de vozes. Bond levantou-se e deu um rápido olhar através dos ramos. Três homens e duas mulheres haviam saído para o pátio. Conversando e rindo, puxaram cadeiras e sentaram-se à mesa. Na cabeceira da mesa, entre as duas mulheres, foi deixado um lugar vazio. Bond apanhou sua mira telescópica e olhou através dela. Os três homens eram muito pequenos e morenos. Um deles, que sorria o tempo todo e cujas roupas pareciam mais limpas e elegantes, devia ser Gonzales. Os dois outros eram tipos grosseiros de camponês. Estavam sentados juntos na ponta da mesa ablonga e não tomavam parte na conversa. As mulheres eram morenas escuras. Pareciam prostitutas cubanas baratas. Usavam trajes de banho brilhantes e muitas jóias de ouro. Riam e tagarelavam como bonitos macaquinhos. As vozes eram quase suficientemente claras para ser entendidas, mas falavam em espanhol.

Bond sentiu a moça perto de si. Ela estava em pé um metro atrás dele. Entregando-lhe a mira telescópica, disse:

— O homenzinho bem arrumado chama-se Major Gonzales. Os dois na ponta da mesa são pistoleiros. Não sei quem são as mulheres. Von Hammerstein ainda não apareceu.

Ela lançou um rápido olhar através da lente e devolveu-a sem fazer comentários. Bond ficou pensando se ela compreendera que havia olhado para os assassinos de seu pai e sua mãe.

As duas mulheres haviam-se virado e estavam olhando para a porta da casa. Uma delas disse algo que poderia ser um cumprimento. Um homem baixo, atarracado, quase nu, saiu para o sol. Caminhou silenciosamente ao lado da mesa até a beirada do terraço calçado de pedras e voltado para o gramado, e executou um programa de cinco minutos de exercício físico.

Bond examinou o homem minuciosamente. Tinha mais ou menos um metro e sessenta, com ombros e quadris de pugilista, mas a barriga estava começando a crescer. Um tapete de cabelos pretos cobria seu peito e seus ombros. Seus braços e pernas também eram cobertos de cabe-

los. Em contraste, não havia um fio no rosto e na cabeça. O crânio era de um cintilante amarelo esbranquiçado, com uma profunda marca na parte de trás, que poderia ter sido um ferimento ou a cicatriz de uma trepanação. A estrutura óssea do rosto era a do oficial prussiano convencional — quadrada, dura e repelente — mas os olhos por baixo da testa sem sobrelanceiras eram muito juntos e de expressão suína. A boca grande tinha lábios horríveis — grossos, úmidos e vermelhos. O homem não vestia senão uma tira de pano preto não maior que um suspensório atlético, em volta da barriga e um grande relógio de ouro com pulseira de ouro. Bond passou a mira para a moça. Sentia-se aliviado. Von Hammerstein parecia exatamente tão desagradável quanto constava do dossiê de M.

Bond observou a fisionomia da moça. A boca parecia sombria, quase cruel, enquanto olhava para o homem que viera matar. Que devia fazer com ela? Da presença dela não podia prever senão encrencas. Poderia mesmo interferir com seus planos e insistir em fazer algum papel estúpido com seu arco e flecha. Bond decidiu-se. Não podia dar-se ao luxo de assumir riscos. Uma leve batida na base do crânio, e poderia amordaçá-la e amarrá-la até tudo estar acabado. Bond estendeu lentamente a mão para o cabo da automática.

Serenamente a moça recuou alguns passos. Com igual serenidade, curvou-se, pôs a mira no chão e apanhou seu arco. Estendeu a mão para as costas, pegou uma flecha e colocou-a descuidadamente no arco. Depois ergueu os olhos para Bond e disse calmamente:

— Não pense em fazer bobagem. E conserve-se à distância. Eu tenho o que chamam de visão de ângulo largo. Não andei tanto para vir até aqui e um tira londrino de pé chato dar-me uma pancada na cabeça. Não posso errar com isto a cinquenta metros e já tenho matado pássaros voando a cem metros. Não quero enterrar uma flecha em sua perna, mas é o que farei se interferir.

Bond amaldiçoou sua indecisão anterior. Disse ferozmente:

— Não seja tola. Largue esse maldito negócio. Isto é trabalho de homem. Como, diabo, pensa que pode enfrentar quatro homens com arco e flecha.

Os olhos da moça cintilavam obstinadamente. Recuou o pé direito e assumiu a posição de disparo. Com os lábios apertados e ar colérico, disse:

— Vá para o inferno. E não se meta nisto. Foi minha mãe e meu pai

que eles mataram. Não os seus. Eu já estava aqui há um dia e uma noite. Sei o que eles fazem e sei como apanhar Hammerstein. Não me interesso pelos outros. Sem êle, nada valem. Agora, vamos resolver.

Retesou um pouco o arco, com a flecha apontada para os pés de Bond, e prosseguiu:

— Ou faz o que eu digo ou vai arrepender-se. E não pense que estou brincando. Esta é uma coisa particular que jurei fazer e ninguém vai impedir-me. E então? — perguntou ela, sacudindo imperiosamente a cabeça.

Bond avaliou sombriamente a situação. Olhou de alto a baixo a jovem ridiculamente bela e selvagem. Era boa e dura cepa inglesa temperada com a quente pimenta de uma infância nos trópicos. Mistura perigosa. Ela chegara a um estado de histeria controlada. Podia ter certeza de que ela não hesitaria em pô-lo fora de ação. E absolutamente não tinha defesa. A arma dela era silenciosa. A sua alertaria toda a vizinhança. Agora a única esperança era trabalhar com ela. Dar-lhe parte do trabalho e fazer o resto. Disse calmamente:

— Escute, Judy. Se insiste em entrar neste negócio, o melhor é fazermos as coisas juntos. Então talvez possamos liquidar a questão e continuar vivos. Essa espécie de coisa é minha profissão. Recebi ordem para fazer isso — de um íntimo amigo de sua família, se deseja saber. E tenho a arma apropriada. Com alcance pelo menos cinco vezes maior que o da sua. Poderia tentar com boa probabilidade matá-lo agora, no pátio. Mas as probabilidades não são inteiramente boas. Alguns deles estão com roupas de banho. Vão descer para o lago. Então farei o que tenho a fazer. Você poderá dar fogo de apoio — disse, para concluir desajeitadamente: — Será um grande auxílio.

— Não — respondeu ela, sacudindo decididamente a cabeça. — Sinto muito. Você poderá dar o que chama de fogo de apoio, se quiser. Para mim tanto faz que dê ou não. Você tem razão quanto ao banho. Ontem todos eles desceram para o lago mais ou menos às onze horas. Hoje está igualmente quente e irão lá de novo. Eu o acertarei da beirada das árvores na margem do lado. Encontrei um lugar perfeito ontem à noite. Os guarda-costas levam suas armas — uma espécie de metralhadoras portáteis. Não tomam banho. Ficam sentados montando guarda. Sei o momento apropriado para apanhar von Hammerstein e estarei bem longe do lago antes que eles percebam o que aconteceu. Garanto-lhe que

já planejei tudo. E então? Não posso esperar mais. Eu já devia estar no meu lugar. Sinto muito, mas se não dizer sim imediatamente não haverá alternativa.

A moça ergueu o arco alguns centímetros. Bond pensou: “Que vá para o inferno esta maldita garota.” Em voz alta, disse encolerizado:

— Muito bem. Mas garanto-lhe que se você escapar desta vai receber uma sova tão grande que não poderá sentar-se durante uma semana.

Encolheu os ombros e acrescentou com resignação:

— Pode ir. Eu cuidarei dos outros. Se escapar, encontre-me aqui. Senão, eu irei recolher os pedaços.

A moça afrouxou o arco. Disse em tom indiferente:

— Agrada-me que você esteja sendo sensato. Estas flechas são difíceis de arrancar. Não se preocupe comigo. Mas fique bem escondido e não deixe o sol bater nessa sua lente.

Deu a Bond o sorriso rápido, compassivo e satisfeito da mulher que disse a última palavra, virou-se e começou a descer entre as árvores.

Bond observou a esbelta figura verde escura até desaparecer entre os troncos de árvores. Depois apanhou impacientemente a mira telescópica e voltou a seu ponto de observação. Que ela fosse para o inferno! Era tempo de tirar da idéia a estúpida cadelinha e concentrar-se no trabalho. Haveria alguma outra coisa que pudesse ter feito — algum outro meio de lidar com o caso? Agora se comprometera a esperar que ela disparasse o primeiro tiro. Isso era mau. Mas se disparasse primeiro não poderia saber o que faria a esquentada cadelinha. O pensamento de Bond deliciou-se brevemente com a idéia do que faria à moça depois de tudo acabado. Houve então um movimento na frente da casa. Bond pôs de lado os excitantes pensamentos e ergueu sua mira.

As coisas do desjejum estavam sendo tiradas pelas duas criadas. Não havia sinal das mulheres ou dos pistoleiros. Von Hammerstein estava deitado de costas entre as almofadas de um divã lendo um jornal e dirigindo ocasionais comentários ao Major Gonzales, que estava escaranchado em uma cadeira rústica de ferro perto de seus pés. Gonzales fumava um charuto e, de vez em quando, punha delicadamente uma mão sobre a boca, inclinava-se de lado e cuspiu um pedaço de folha de fumo no chão. Bond não podia ouvir o que von Hammerstein dizia, mas seus comentários eram em inglês e Gonzales respondia em inglês. Bond olhou para seu relógio. Eram dez e meia. Como a cena parecia estática, Bond

sentou-se com as costas contra a árvore e examinou o Savage com minucioso cuidado. Ao mesmo tempo, pensava no que teria de fazer com êle dentro em pouco.

Não agradava a Bond o que ia fazer. Desde que saíra da Inglaterra, precisara lembrar-se constantemente que espécie de homens eram esses. O assassinio dos Havelocks fora um crime particularmente horrível. Von Hammerstein e seus pistoleiros eram homens particularmente horríveis, que muitas pessoas no mundo provavelmente teriam prazer em destruir, como pretendia fazer aquela garota, por vingança particular. Para Bond, porém, era diferente. Não tinha motivos particulares contra eles. Isso era simplesmente seu trabalho — como matar ratos era trabalho do funcionário incumbido de combater pragas. Era o executor público nomeado por M para representar a coletividade. Em certo sentido, argumentou Bond consigo mesmo, esses homens eram tão inimigos de sua pátria quanto os agentes do SMERSH ou de qualquer outro serviço secreto inimigo. Havia declarado e travado guerra contra o povo britânico em solo britânico e no momento estavam planejando outro ataque. O espírito de Bond procurava mais argumentos para incentivar sua determinação. Eles haviam matado o pônei da moça e seu cão com dois tapas, como se fossem moscas. Eles. . .

O estrondo de uma rajada de arma automática no vale fêz Bond pôr-se em pé. Havia levantado o fuzil e estava-se preparando para mirar quando houve uma segunda rajada. O desagradável barulho foi seguido por risadas e palmas. O martim-pescador, um punhado de machucadas plumas azuis e cinzentas, caiu no gramado e ficou-se agitando. Von Hammerstein, com fumaça ainda saindo da boca de sua metralhadora portátil, deu alguns passos, abaixou calcanhar nu e girou bruscamente. Levantou de novo o calcanhar e limpou-o na grama ao lado do monte de plumas. Os outros permaneciam em roda, rindo e aplaudindo obsèquiosamente. Os lábios vermelhos de von Hammerstein sorriam de prazer. Disse alguma coisa que incluía a palavra “atirador”. Entregou a arma a um dos pistoleiros e enxugou as mãos em seu gordo traseiro. Deu uma ordem ríspida às duas mulheres, que correram para dentro da casa. Depois, seguido pelos outros, virou-se e desceu vagarosamente em direção ao lago. As mulheres tornaram a sair correndo da casa. Cada uma delas carregava uma garrafa vazia de champanha. Tagarelando e rindo, desceram correndo atrás dos homens.

Bond preparou-se. Prendeu a mira telescópica no cano do Savage e tomou sua posição encostado no tronco da árvore. Encontrou na madeira uma saliência para descansar a mão esquerda, acertou a mira para trezentos metros e mirou bem para o grupo de pessoas à margem do lago. Depois, segurando frouxamente o fuzil, inclinou-se contra o tronco e observou a cena.

La haver alguma espécie de competição de tiro entre os dois pistoleiros. Enfiaram pentes novos em suas armas e, por ordem de Gonzales, colocaram-se sobre a parede de pedra lisa da represa, a uns seis metros um do outro, de ambos os lados do trampolim. Ficaram com as costas voltadas para o lago e as armas de prontidão.

Von Hammerstein tomou seu lugar na beira do gramado, balançando uma garrafa de champanha em cada mão. As mulheres ficaram atrás dele, tapando as orelhas com as mãos. Houve excitada tagarelice em espanhol e risadas, das quais os dois pistoleiros não participaram. Através da mira telescópica, seus rostos denotavam intensa concentração.

Von Hammerstein gritou uma ordem e fêz-se silêncio. Balançou os dois braços para trás e contou: “Un. . . dos. . . três.” Com o “três”, jogou as garrafas de champanha para o ar sobre o lago.

Os dois homens viraram-se como fantoches, com as armas encostadas nos quadris. Quando completaram a volta, dispararam. O estrondo das armas rompeu a pacífica cena e ecoou na água. Pássaros voaram das árvores gritando e alguns pequenos galhos cortados pelas balas caíram no lago. A garrafa da esquerda desintegrou-se, transformando-se em poeira, e a da direita, atingida por uma única bala, dividiu-se em dois pedaços um segundo depois. Os fragmentos de vidro fizeram pequenos chapés no meio do lago. O pistoleiro da esquerda havia vencido. As nuvens de fumaça formadas sobre os dois juntaram-se e foram sopradas sobre o gramado. Os ecos retumbaram e silenciaram suavemente. Os dois pistoleiros caminharam ao longo da parede até o gramado, o de trás com aparência soturna, o da frente com um sorriso zombeteiro no rosto. Von Hammerstein chamou as duas mulheres para a frente. Elas se aproximaram relutantemente, arrastando os pés e espichando o beijo. Von Hammerstein disse alguma coisa, fêz uma pergunta ao vencedor. O homem acenou em direção à mulher da esquerda. Esta olhou soturnamente para êle. Gonzales e Hammerstein riram. Hammerstein estendeu a mão e deu um tapa no traseiro da mulher, como se ela fosse uma vaca. Disse alguma

coisa da qual Bond apanhou a palavra “uma noite”. A mulher ergueu os olhos para ele e inclinou a cabeça obedientemente. O grupo desfez-se. A mulher oferecida como prêmio deu uma rápida corrida e mergulhou no lago, talvez para fugir do homem que conquistara seus favores, e a outra mulher seguiu-a. Nadaram através do lago gritando furiosamente uma para a outra. O Major Gonzales tirou o paletó, estendeu-o na grama e sentou-se em cima. Tinha um coldre de ombro que deixava ver o cabo de uma automática de calibre médio. Observou von Hammerstein tirar o relógio e caminhar ao longo da parede da represa em direção ao trampolim. Os pistoleiros ficaram mais longe do lago e também observaram von Hammerstein e as duas mulheres, que estavam agora no meio do pequeno lago, nadando para a outra margem. Os pistoleiros permaneciam imóveis com as armas descansando nos braços e de vez em quando um deles olhava em roda do jardim ou na direção da casa. Bond pensou que havia muita razão para von Hammerstein ter conseguido permanecer vivo por tanto tempo. Era um homem que se dava a grande trabalho para conseguir isso.

Von Hammerstein havia chegado ao trampolim. Andou até a ponta e ficou olhando para a água embaixo. Bond sentiu-se tenso e soltou a trava. Seus olhos eram duas fendas ardentes. Agora seria a qualquer momento. Seu dedo formigava na guarda do gatilho. Que diabo estaria a moça esperando?

Von Hammerstein decidiu-se. Dobrou ligeiramente os joelhos. Os braços balançaram-se para trás. Através da mira telescópica, Bond pôde ver os grossos cabelos sobre suas omoplatas tremerem sob uma brisa que fez uma rápida ondulação na superfície do lago. Agora seus braços estavam indo para a frente e houve uma fração de segundo em que seus pés já haviam deixado o trampolim e ele ainda estava em posição quase vertical. Nessa fração de segundo, houve um lampejo prateado contra suas costas e depois o corpo de von Hammerstein caiu na água em um belo mergulho.

Gonzales estava em pé, olhando indeciso para a turbulência provocada pelo mergulho. Sua boca estava aberta, esperando. Não tinha certeza se vira ou não alguma coisa. Os dois pistoleiros estavam mais seguros. Tinham suas armas preparadas. Agacharam-se, olhando de Gonzales para as árvores por trás da represa, esperando uma ordem.

Vagarosamente, a turbulência cessou e as pequenas ondas espa-

lharam-se pelo lado. O mergulho fora fundo.

Bond tinha a boca seca. Passou a língua nos lábios, ao mesmo tempo que esquadrihava o lago com sua lente. Vislumbrou algo côr de rosa bem no fundo. A mancha subiu vagarosamente. O corpo de von Hammerstein apareceu na superfície. Estava de cabeça para baixo, girando vagarosamente. Uns trinta centímetros de haste de metal saía debaixo da omoplata esquerda e o sol cintilava nas penas de alumínio.

O Major Gonzales gritou uma ordem e as duas metralhadoras portáteis rugiram, soltando chamas. Bond pôde ouvir o barulho das balas entre as árvores embaixo dele. O Savage estremeceu contra seu ombro e o homem da direita caiu vagarosamente de frente. Agora o outro homem estava correndo para o lago, com a arma ainda disparando dos quadris em rajadas curtas. Bond disparou e errou. Disparou de novo. . . As pernas do homem dobraram-se, mas seu impulso ainda o levou para a frente. Caiu na água. O dedo apertado continuou disparando a arma sem mira para cima, em direção ao céu azul, até que a água emperrou o mecanismo.

Os segundos desperdiçados com o tiro adicional haviam dado ao Major Gonzales uma oportunidade. Colocara-se por trás do corpo do primeiro pistoleiro e agora abriu fogo contra Bond com a metralhadora portátil. Quer tivesse visto Bond ou estivesse apenas disparando na direção dos lampejos do Savage, fazia bonito. Balas penetraram zunindo no bordo e lascas de madeira voaram sobre o rosto de Bond. Bond disparou duas vezes. O cadáver do pistoleiro sacudiu-se. Muito baixo. Bond tornou a carregar e mirou de novo. Um galho quebrado caiu sobre o fuzil. Sacudiu o fuzil e derrubou o galho, mas agora Gonzales estava em pé, correndo para o conjunto de móveis de jardim. Jogou a mesa de ferro de lado e colocou-se atrás dela, quando dois tiros rápidos de Bond arrancaram pedaços do gramado em seus calcanhares. Com essa sólida cobertura, seus disparos tornaram-se mais precisos. Rajada após rajada, ora da direita, ora da esquerda da mesa, acertaram no bordo, enquanto os tiros isolados de Bond batiam no ferro branco ou se perdiam através do gramado. Não era fácil acertar a mira telescópica rapidamente de um lado para outro da mesa e Gonzales era esperto em suas mudanças. Repetidas vezes, suas balas bateram no tronco ao lado ou acima de Bond. Este mergulhou e correu rapidamente para a direita. Dispararia em pé, da campina aberta, e apanharia Gonzales desprevenido. Mas quando corria viu Gonzales sair rapidamente de trás da mesa. Ele também decidira pôr fim ao impasse.

Estava correndo para a represa a fim de entrar na mata e subir atrás de Bond. Bond ficou em pé e ergueu o fuzil. Quando o fêz, Gonzales também o avistou. Ajoelhou-se sobre a parede da represa e disparou uma rajada contra Bond. Bond permaneceu em pé gelado, ouvindo as balas. Os fios cruzados da mira centralizavam-se no peito de Gonzales. Bond apertou o gatilho. Gonzales rodopiou. Chegou quase a ficar em pé. Ergueu os braços e, com a arma ainda lançando balas para o céu, mergulhou na água desajeitadamente com o rosto para a frente.

Bond ficou observando para ver se o rosto subia à superfície. Não subiu. Vagarosamente baixou o fuzil e enxugou o rosto com as costas do braço.

Os ecos, os ecos de tanta morte, repercutiram através do vale. Bem longe, à direita, entre as árvores além do lago, Bond viu de relance as duas mulheres correndo em direção à casa. Logo estariam chamando os patrulheiros do Estado, se as criadas já não tivessem feito isso. Era tempo de pôr-se em marcha.

Bond voltou caminhando através da campina até o bordo solitário. A moça estava lá. Estava em pé encostada no tronco da árvore, com as costas voltadas para Bond. Sua cabeça estava afundada nos braços contra a árvore. Sangue escorria por seu braço direito e gotejava no chão. Havia uma mancha escura no alto da manga da blusa verde escura. O arco e a aljava de flechas estavam a seus pés. Seus ombros sacudiam-se.

Bond aproximou-se dela por trás e pôs um braço protetor sobre seus ombros. Disse baixinho:

— Acalme-se, Judy. Agora está tudo acabado. Como está o braço.

Ela respondeu com voz abafada:

— Não é nada. Alguma coisa me atingiu. Mas aquilo foi horrível. Eu não... eu não sabia que seria assim.

Bond apertou-lhe o braço tranquilizadamente.

— Isso tinha de ser feito. Senão eles a teriam apanhado. Eram assassinos profissionais — dos piores. Mas eu lhe disse que coisas dessas espécie eram trabalho de homem. Agora, vamos dar uma olhada em seu braço. Precisamos ir andando. . . para atravessar a fronteira. Os patrulheiros não demorarão muito a chegar.

Ela se virou. O belo rosto selvagem estava manchado de suor e lágrimas. Agora os olhos cinzentos eram suaves e obedientes. Disse:

— É bondade sua agir assim. Depois do que eu fiz. Eu estava. . .

estava assustada.

Estendeu o braço. Bond tirou a faca de caça de sua cintura e cortou a manga no ombro. Havia o buraco pisado e sangrento de um ferimento de bala no músculo. Bond apanhou seu lenço caqui, cortou-o em três pedaços e amarrou um no outro. Lavou a ferida com café e uísque. Depois, tirou uma grossa fatia de pão de sua mochila e prendeu-a sobre o ferimento. Cortou a manga da blusa de modo a fazer uma tipóia e estendeu as mãos por trás do pescoço da jovem para dar o nó. A boca da moça estava a centímetros da sua. O perfume de seu corpo tinha um quente sabor animal. Bond beijou-a uma vez suavemente nos lábios e depois tornou a beijar com força. Deu o nó. Fitou os olhos cinzentos próximos dos seus. Pareciam surpreendidos e felizes. Beijou-a de novo em cada canto da boca e a boca sorriu vagarosamente. Bond afastou-se dela e retribuiu o sorriso. Tomou delicadamente a mão direita e enfiou o pulso na tipóia. Ela disse documente:

— Para onde vai levar-me?

— Vou levá-la para Londres — respondeu Bond. — Há aquele velho que deseja vê-la. Mas antes temos de entrar no Canadá. Falarei com um amigo em Ottawa para que ponha em ordem seu passaporte. Você precisará comprar algumas roupas e outras coisas. Demorará alguns dias. Ficaremos em um lugar chamado “KO-ZEE Motel.”

Ela olhou para Bond. Era uma moça diferente. Disse baixinho:

— Será ótimo. Nunca me hospedei em um motel.

Bond curvou-se, apanhou seu fuzil e sua mochila, e pendurou-os em um ombro. Depois pendurou o arco e aljava no outro. Virou-se e pôs-se a andar através da campina.

Ela o seguiu e, enquanto caminhava, tirou da cabeça os pedaços quebrados de varas de ouro, desamarrou uma fita e deixou que os cabelos côm de ouro pálido caíssem sobre os ombros.

quantum de refrigério

James Bond disse: — Eu sempre pensei que, se um dia me casasse, me casaria com uma aeromoça.

O jantar fora bastante aborrecido e agora que os dois outros convidados haviam partido, acompanhados pelo ajudante de ordens, para tomar seu avião, o governador e Bond estavam sentados juntos em um sofá de tecido estampado na grande sala-de-estar do Departamento de Obras, tentando manter conversação. Bond tinha acentuada noção de ridículo. Nunca se sentia confortável afundado em almofadas macias. Preferia sentir o corpo reto em uma poltrona de braços de estofamento sólido, com os pés firmemente assentados no chão. E sentia-se tolo sentado com um idoso celibatário em sua cama de tecido côr de rosa estampado, olhando para o café e os licores na mesa baixa entre as pernas esticadas. Havia na cena algo de clube, íntimo, quase feminino mesmo, e nenhuma dessas atmosferas era apropriada.

Bond não gostava de Nassau. Todo o mundo era rico demais. Os visitantes do inverno e os residentes que tinham casas na ilha não falavam senão em seu dinheiro, suas doenças e seus problemas de empregados domésticos. Nem mesmo mexericavam bem. Nada havia sobre o que mexericar. Os visitantes do inverno eram todos idosos demais para ter casos de amor e, como a maioria dos ricos, cautelosos demais para dizer qualquer coisa maldosa a respeito de seus vizinhos. Os Harvey Miller, o casal

que acabara de sair, eram típicos — um agradável milionário canadense, um pouco maçante, que se metera cedo em negócios de gás natural e neles permanecera, e sua esposa, bonita e tagarela. Parecia que ela era inglesa. Sentara-se ao lado de Bond e tagarelara animadamente, perguntando “que espetáculos êle assistira recentemente na cidade” e “se não achava que o Savoy Grill era o melhor lugar para jantar. A gente via lá pessoas tão interessantes — atrizes e pessoas assim”. Bond esforçava-se ao máximo, mas como fazia dois anos que não assistia a uma peça teatral, e só assistira a essa porque o homem que estava seguindo em Viena entrara no teatro, precisava confiar em recordações bastante empoeiradas da vida noturna de Londres, que de uma maneira ou outra não se casavam com as experiências da Sra. Harvey Miller.

Bond sabia que o governador o convidara para jantar apenas como obrigação e talvez para ajudar a entreter os Harvey Miller. Fazia uma semana que Bond estava na Colônia e ia seguir para Miami no dia seguinte. Fora um trabalho rotineiro de investigação o que realizara. Os rebeldes de Castro em Cuba estavam recebendo armas de todos os territórios vizinhos. As armas saíam principalmente de Miami e do Golfo do México, mas, depois que a Guarda Costeira dos Estados Unidos apreendera dois grandes carregamentos, os adeptos de Castro haviam-se voltado para a Jamaica e as Bahamas como possíveis bases, e Bond fora enviado de Londres para acabar com aquilo. Não desejava executar o trabalho. Se sentia simpatia por algum dos lados, era pelos rebeldes, mas o governo tinha um grande programa de exportação com Cuba, em troca de receber mais açúcar do que desejava. E uma pequena condição do negócio era a Grã-Bretanha não dar auxílio ou apoio aos rebeldes cubanos. Bond ficara sabendo de duas grandes lanchas-cruzeiros que estavam sendo preparadas para o trabalho. Ao invés de fazer apreensões quando elas estivessem para partir, provocando assim um incidente, escolheu uma noite bem escura e aproximou-se delas em uma lancha da polícia. Da coberta da lancha não iluminada lançou uma bomba de termita por uma vigia aberta de cada uma delas. Em seguida, afastou-se em grande velocidade e observou a fogueira à distância. Azar das companhias de seguro, naturalmente, mas não houvera vítimas e êle executara rápida e limpamente o que M lhe dissera para fazer.

Pelo que Bond sabia, ninguém na Colônia, com exceção do chefe de polícia e dois de seus auxiliares, tinha conhecimento do que causara os

espetaculares e — para os que estavam dentro do negócio — oportunos incêndios no embarcadouro. Bond só prestara informações a M em Londres. Não desejara embaraçar o governador, que lhe parecia um homem facilmente embaraçável, e poderia ter sido realmente uma imprudência dar-lhe conhecimento de um delito com muita possibilidade de ser objeto de um pedido de informações no Conselho Legislativo. Mas o governador não era tolo. Soubera do propósito da visita de Bond à Colônia e, naquela noite, ao apertar-lhe a mão, a aversão de um homem pacífico pela ação violenta comunicara-se a Bond por algo de reservado e defensivo nas maneiras do governador.

Isso não ajudara muito durante o jantar e foram necessários toda a tagarelice e entusiasmo do esforçado ajudante de ordens para dar à reunião a pequena aparência de vida que conseguira ter.

Agora eram apenas nove e meia, e o governador e Bond tinham diante de si mais uma hora de cortesia antes de poderem recolher-se satisfeitos para suas camas, cada um deles aliviado por nunca mais precisar encontrar-se com o outro. Não que Bond tivesse alguma coisa contra o governador. Êle pertencia a um tipo rotineiro que Bond encontrara frequentemente em todo o mundo — sólido, leal, competente, sóbrio e justo: o melhor tipo de servidor civil colonial. Solidamente, competentemente, lealmente, êle devia ter ocupado os postos inferiores durante trinta anos, enquanto o Império ruía ao seu redor; e agora, exatamente no tempo, tendo-se agarrado à escada e evitado as serpentes, chegara ao topo. Dentro de um ou dois anos, receberia a G.C.B. e sairia — sairia para Godalming, Cheltenham ou Tunbridge Wells com uma pensão e um pequeno punhado de lembranças de lugares como o Oman, as ilhas Leeward e a Guiana Inglesa, nos quais ninguém do clube de golfe local teria ouvido falar e pelos quais ninguém se interessaria. No entanto, refletia Bond naquela noite, quantos pequenos dramas como o caso dos rebeldes de Castro devia o governador ter testemunhado ou conhecido! Quanta coisa conheceria sobre o tabuleiro de xadrez da política de pequenas potências, o lado escandaloso da vida nas pequenas comunidades do estrangeiro, os segredos de pessoas que ficam arquivados nos Palácios do Governo em todo o mundo. Mas como seria possível acender uma fagulha nessa mente rígida e discreta? Como poderia êle, James Bond, que o governador evidentemente considerava um homem perigoso e possível fonte de perigo para sua própria carreira, extrair um grama de fato ou

comentário interessante para evitar que a noite fosse uma fútil perda de tempo?

A observação descuidada e ligeiramente falsa de Bond sobre o casamento com uma aeromoça surgira no fim de uma conversa vaga sobre viagem aérea que se seguira devidamente, inevitavelmente, à partida dos Harvey Miller que iam tomar seu avião para Montreal. O governador dissera que a BOAC estava tomando a parte de leão do tráfego americano para Nassau porque, embora seus aviões pudessem demorar meia hora a mais para vir de Idlewild, o serviço era magnífico. Bond, aborrecido com sua própria banalidade, dissera que preferia voar devagar e confortavelmente a voar depressa e sem conforto. Foi então que fez a observação sobre as aeromoças.

— Não diga! — falou o governador com a voz polida e controlada que Bond rezava para que se relaxasse e ficasse humana. — Por quê?

— Oh, não sei. Seria ótimo ter uma garota bonita sempre arrumando as cobertas da gente, trazendo bebidas e refeições quentes, perguntando se a gente queria mais alguma coisa. E elas estão sempre sorrindo e querendo agradar. Se não me casasse com uma aeromoça, não teria outro recurso senão casar-me com uma japonesa. Elas também parecem ter idéias certas.

Bond não tinha intenção de casar-se com ninguém. Se casasse, certamente não seria com uma insípida escrava. Esperava apenas divertir-se ou irritar o governador, levando-o assim para a discussão de algum tópico humano.

— Nada sei a respeito das japonesas, mas creio que já lhe ocorreu que essas aeromoças são apenas treinadas para agradar, que elas podem ser completamente diferentes quando estão fora do serviço, por assim dizer.

A voz do governador era sensata, judiciosa.

— Como realmente não estou muito interessado em casar-me, nunca me dei ao trabalho de investigar.

Houve uma pausa. O charuto do governador apagara-se. Demorou um pouco para acendê-lo de novo. Quando falou, pareceu a Bond que o tom uniforme adquirira uma centelha de vida, de interesse. O governador disse:

— Conheci antigamente um homem que devia ter as mesmas idéias que o senhor. Apaixonou-se por uma aeromoça e casou-se com ela. His-

tória bastante interessante, de fato. Acho que — o governador olhou de lado para Bond e deu uma curta risada conciliatória — o senhor vê muita coisa do lado mais feio da vida. Esta história talvez lhe pareça um pouco massante. Mas gostaria de ouvi-la?

— Muito — respondeu Bond, pondo entusiasmo na voz. Duvidava que a idéia do governador sobre o que era o lado mais feio da vida fosse igual à sua, mas pelo menos isso o livraria de continuar esforçando-se para manter uma conversa asnática. Precisava agora fugir daquele sofá infernalmente macio. Disse:

— Com sua licença, vou tomar mais um pouco de conhaque.

Levantou-se, derramou dois dedos de conhaque em seu copo e, em lugar de voltar para o sofá, puxou uma cadeira e sentou-se em ângulo com o governador do outro lado da bandeja de bebidas.

O governador examinou a ponta de seu charuto, deu uma chupada rápida e segurou o charuto verticalmente para que a cinza não caísse. Observou a cinza ponderadamente enquanto contava história e falava como se se dirigisse ao fino fio de fumaça azul que subia e rapidamente desaparecia no ar quente e úmido. Começou cautelosamente:

— Esse homem — chamá-lo-ei de Masters, Philip Masters — foi quase contemporâneo meu no Serviço. Eu estava um ano à frente dele. Frequentou Fettes, ganhou uma bolsa de estudos para Oxford — o nome do colégio não importa — e depois se candidatou ao Serviço Colonial. Não era um sujeito particularmente inteligente, mas era trabalhador, competente e a espécie de homem que dá uma boa e sólida impressão em comissões. Aceitaram-no no Serviço. Seu primeiro cargo foi na Nigéria. Saiu-se bem. Gostava dos nativos e se dava bem com eles. Era um homem de idéias liberais e, embora não confraternizasse efetivamente, o que — o governador sorriu amarguradamente — lhe teria criado dificuldades com seus superiores naquele tempo, era tolerante e humano para com os nigerianos. Constituiu uma surpêsa para eles.

O governador fez uma pausa e deu uma chupada em seu charuto. A cinza estava a ponto de cair. Curvou-se cuidadosamente sobre a bandeja de bebidas e deixou a cinza cair em sua xícara de café.

— Acho que a afeição desse moço pelos nativos — continuou o governador — ocupou o lugar da afeição que os moços daquela idade em outras situações na vida sentem pelo sexo oposto. Infelizmente, Philip Masters era um moço tímido e retraído que nunca obtivera qualquer

espécie de sucesso nesse sentido. Quando estava estudando para fazer seus diversos exames, jogava hóquei para seu colégio e remava na terceira equipe. Nas férias, ficava com uma tia na Gales e fazia excursões com o clube de alpinismo local. Seus pais, diga-se de passagem, haviam-se separado quando ele estava na escola pública e, embora fosse filho único, não se importaram muito com ele depois que o viram seguro em Oxford com sua bolsa de estudos e uma pequena mesada para se arrumar. Assim, tinha muito pouco tempo para dedicar a moças e muito pouca coisa que o recomendasse àquelas com as quais se encontrava. Sua vida emocional seguiu as linhas frustradas e mórbidas que faziam parte da herança deixada por nossos avós vitorianos. Conhecendo-o como o conheci, posso sugerir que essas relações amistosas com gente de côr na Nigéria eram o que se chama de compensação, feita por uma natureza basicamente afetuosa e vigorosa que estava faminta de afeição e então a encontrou na natureza simples e bondosa dos nativos.

Bond interrompeu a narrativa quase solene, dizendo:

— O único inconveniente de belas negras é que nada sabem sobre controle da natalidade. Espero que ele tenha evitado essa espécie de complicação.

O governador ergueu a mão. Sua voz não demonstrava um traço de desgosto pela vulgaridade de Bond.

— Não, não. O senhor não me compreendeu. Não estou falando sobre sexo. Nunca teria ocorrido a esse moço manter relações com uma mulher de côr. De fato, ele era tristemente ignorante das questões sexuais. Isso não é raro mesmo hoje entre os moços da Inglaterra, mas era muito comum naquele tempo. Era causa, como espero que concorde, de muitos — muitíssimos — casamentos desastrosos e outras tragédias.

Bond concordou com um aceno de cabeça. O governador prosseguiu:

— Não. Estou só explicando com certa minuciosidade como era esse moço para mostrar-lhe o que teria de acontecer a um jovem frustrado e inocente, com coração e corpo ardorosos, mas não despertados, e uma inabilidade social que o fazia procurar companhia e afeição entre os negros e não em seu próprio mundo. Em suma, era um desajustado sensível, fisicamente desinteressante, mas em todos os outros aspectos um cidadão sadio, capaz e perfeitamente adequado.

Bond tomou um gole de seu conhaque e esticou as pernas. Estava

gostando da história. O governador contava-a com um estilo narrativo de velho, que lhe dava um tom de verdade. Continuou:

— O tempo de serviço do jovem Masters na Nigéria coincidiu com o primeiro governo trabalhista. Deve lembrar-se que uma das primeiras coisas que os trabalhistas fizeram foi uma reforma no serviço diplomático. A Nigéria recebeu um novo governador de idéias avançadas quanto ao problema nativo, que ficou surpreendido e satisfeito ao descobrir entre seu pessoal um funcionário inferior que, em sua modesta esfera, já estava pondo em prática algumas das idéias do próprio governador. Encorajou Philip Masters, deu-lhe funções acima de sua categoria e, no devido tempo, quando Masters devia ser transferido, escreveu um relatório tão entusiástico que Masters saltou um degrau e foi mandado para as Bermudas como secretário-assistente do Governo.

O governador desviou seu olhar da fumaça do charuto para Bond. Disse como quem pede desculpas:

— Espero que não esteja muito aborrecido com tudo isto. Não demorei em entrar no assunto.

— Estou realmente muito interessado. Já tenho uma idéia de como era o homem. O senhor deve tê-lo conhecido muito bem.

O governador hesitou antes de acrescentar:

— Conheci-o ainda melhor nas Bermudas. Eu era seu superior e êle trabalhava diretamente sob minhas ordens. Todavia, ainda não chegamos às Bermudas. Foi nos primeiros tempos dos serviços aéreos para a África e, por uma razão qualquer, Philip Masters resolveu ir de avião para Londres e assim passar em casa mais dias de sua licença do que se tomasse um navio em Freetown. Foi de trem até Nairobi e tomou o avião semanal da Imperial Airways — a precursora da BOAC. Nunca viajara em avião e sentiu-se interessado, mas um pouco nervoso, quando decolou, após a aeromoça, que notara ser muito bonita, lhe ter dado uma bala para chupar e mostrado como prendia seu cinto. Quando o avião estava voando horizontalmente e êle descobrira que voar parecia um negócio mais pacífico do que esperava, a aeromoça voltou através do avião quase vazio. Sorriu para êle, dizendo: “Agora pode desprender o cinto.” Como Masters tivesse dificuldade com a fivela, ela se inclinou e soltou o cinto. Foi um pequeno gesto íntimo. Em toda sua vida, Masters nunca estivera tão perto de uma mulher mais ou menos de sua idade. Corou e experimentou uma confusão extraordinária. Agradeceu. Ela sorriu um pouco atrevida-

mente em vista de seu embaraço e sentou-se no braço da poltrona vazia do outro lado do corredor, perguntando-lhe de onde vinha e para onde ia. Masters respondeu-lhe e, por sua vez, fêz-lhe perguntas sobre o avião, a velocidade em que voavam, onde parariam e assim por diante. Achou muito fácil conversar com ela e achou-a deslumbrantemente bonita. Ficou surpreendido pela facilidade com que ela o tratava e por seu aparente interesse pelo que dizia sobre a África. Ela parecia pensar que levava uma vida muito mais excitante e encantadora do que êle próprio achava. Fêz com que se sentisse importante. Quando se afastou para ajudar os dois comissários a prepararem o almoço, ficou sentado pensando nela e entusiasmou-se com seus pensamentos. Tentou ler, mas não conseguiu fixar os olhos na página. Precisava erguer os olhos para vê-la de relance. Uma vez ela surpreendeu seu olhar e lhe deu o que lhe pareceu ser um sorriso secreto. Somos os únicos jovens no avião, parecia dizer o sorriso. Nós nos compreendemos. Estamos interessados pela mesma espécie de coisas.

— Philip Masters olhou pela janela, vendo-a no mar de nuvens brancas embaixo. Com os olhos da imaginação, examinou-a detidamente, maravilhando-se com sua perfeição. Ela era pequena e elegante, com uma tez de leite e rosas, e cabelos louros presos em um bem arrumado coque. (Gostou particularmente do coque. Sugeriu que ela não era “leviana”.) Tinha sorridentes lábios vermelhos como cereja e olhos azuis que cintilavam com maliciosa graça. Conhecendo a Gales, calculou que ela tinha sangue galense nas veias. Isso foi confirmado por seu nome, Rhoda Llewellyn, que, quando foi lavar as mãos antes do almoço, encontrou impresso no fim da lista de tripulantes em cima da prateleira de revistas ao lado da porta do lavatório. Fêz profundas especulações sobre ela. Ia ficar perto dele durante quase dois dias, mas como poderia encontrar-se com ela de novo depois? Ela devia ter centenas de admiradores. Talvez até mesmo fosse casada. Voaria o tempo todo? Quantos dias de folga tinha entre os vôos? Riria dele se a convidasse para jantar e ir ao teatro? Seria capaz de queixar-se ao comandante do avião de que um dos passageiros estava sendo atrevido? Masters teve repentinamente a visão de estar sendo posto para fora do avião em Aden, com uma queixa dirigida ao Departamento Colonial e sua carreira arruinada.

— Chegou o almoço e a tranquilidade. Quando arrumou a pequena bandeja sobre seus joelhos, os cabelos da aeromoça roçaram pela face

de Masters. Este sentiu-se como se tivesse sido tocado por um fio elétrico ligado. Ela lhe mostrou como lidar com os complicados pacotinhos de celofane e como tirar a tampa de plástico do molho da salada. Disse que a sobremesa estava particularmente boa — um rico bolo de camadas. Em suma, fêz tudo para agradá-lo. Masters não se lembrava de ter sido tratado assim antes, nem mesmo quando sua mãe cuidava dele em criança.

— Ao término da viagem, quando Masters, suando, juntou coragem para convidá-la a jantar, foi quase um anticlímax o fato de ter aceitado prontamente. Um mês depois, ela se demitiu da Imperial Airways e os dois se casaram. Depois de mais um mês, terminou a licença de Masters e os dois tomaram o navio para as Bermudas.

— Estou temendo pelo pior — disse Bond. — Ela o desposou porque sua vida parecia excitante e grandiosa. Gostava da idéia de ser a beladade nos chás do Palácio do Governo. Suponho que Masters a tenha assassinado no fim.

— Não — respondeu o governador brandamente. — Mas acho que o senhor tem razão quanto aos motivos pelos quais ela o desposou. Isso e o fato de estar cansada da rotina e do perigo dos vôos. Talvez tivesse realmente boa intenção e, sem dúvida, quando o jovem casal chegou e instalou-se em seu bangalô nos subúrbios de Hamilton, todos nós ficávamos favoravelmente impressionados pela vivacidade dela, por seu bonito rosto e pela maneira como se mostrava amável com todos. Masters, naturalmente, era um homem mudado. Para êle a vida se tornara um conto de fadas. Lembro-me que quase dava pena observá-lo procurando aprumar-se para ficar à altura dela. Passou a preocupar-se com suas roupas, começou a pôr uma horrível brilhantina nos cabelos e deixou até mesmo crescer um bigode de tipo militar, presumivelmente porque ela achava que isso parecia distinto. Ao fim do dia, corria para o bangalô. E era sempre Rhoda para cá, Rhoda para lá e quando será que Lady Burford — que era a esposa do governador — vai convidar Rhoda para almoçar?

— Mas êle trabalhava muito e todos gostavam do jovem casal. As coisas correram como em uma lua-de-mel durante uns seis meses. Depois, e isto é só adivinhação minha, palavras ácidas começaram a ser ouvidas de vez em quando no pequeno e feliz bangalô. Pode-se imaginar como era: “Por que a esposa do secretário colonial nunca me convida para fazer compras com ela? Quanto tempo precisaremos esperar para oferecer outro coquetel? Você sabe que não podemos dar-nos ao luxo

de ter um filho. Quando será sua promoção? É terrivelmente maçante ficar aqui dentro o dia inteiro sem nada que fazer. Hoje você mesmo terá de arrumar seu jantar. Simplesmente não estou disposta a cuidar disso. Você tem uma vida tão interessante. Para você tudo está muito bom.” e assim por diante. Naturalmente, o cordeirinho logo se perdeu. Agora era Masters, naturalmente encantado em fazê-lo, quem levava o desjejum na cama para a aeromoça antes de sair para o trabalho. Agora era Masters quem limpava a casa quando voltava à tarde e encontrava cinzas de cigarro e papéis de chocolate por toda parte. Era Masters quem deixava de fumar e de beber seu ocasional drinque a fim de comprar-lhe roupas novas com que pudesse acompanhar as outras esposas. Alguma coisa disso tudo se revelava no Secretariado, pelo menos para mim que conhecia bem Masters. A ruga de preocupação, o ocasional, enigmático e excessivamente solícito telefonema nas horas de serviço, os dez minutos roubados no fim do dia para poder levar Rhoda ao cinema e, naturalmente as ocasionais e meio jocosas perguntas sobre casamento em geral: Que faziam todas as outras mulheres o dia inteiro? As mulheres não achavam a ilha um pouco quente? Acho que as mulheres (e quase acrescentava: “Deus as abençoe”) se perturbam muito mais facilmente que os homens. E assim por diante. O mal, ou pelo menos a maior parte dele, era que Masters estava bestificado. Ela era seu sol e sua lua. Se se sentia infeliz ou inquieta, era por culpa dele. Procurava desesperadamente alguma coisa que pudesse ocupá-la e fazê-la feliz. Finalmente, entre todas as coisas, decidiu-se — ou melhor, decidiram-se juntos — pelo golfe. O golfe é uma grande coisa nas Bermudas. Há alguns campos ótimos, entre os quais os do famoso Mid-Ocean Club, onde toda gente boa joga e se reúne depois no clube para mexericar e beber. Era exatamente o que ela desejava — uma ocupação elegante e alta sociedade. Só Deus sabe como Masters economizou o suficiente para entrar no clube, comprar-lhe os tacos, pagar as lições e tudo o mais. Seja como fôr, conseguiu e foi um grande sucesso. Ela começou a passar o dia inteiro no Mid-Ocean. Esforçou-se muito nas lições, obteve um “Handicap”, conheceu gente nas pequenas competições e nas distribuições mensais de medalhas, e, em seis meses, não só estava jogando golfe respeitavelmente, mas se tornara a querida dos membros masculinos do clube. Não fiquei surpreso. Lembro-me de tê-la visto lá de vez em quando, uma figurinha queimada de sol vestindo o mais curto dos “shorts” com um visor branco forrado de verde e mo-

vimentos ágeis que destacavam seu físico. Posso assegurar-lhe — o governador pestanejou rapidamente — que era a coisa mais bonita que já vi em um campo de golfe. Naturalmente, o passo seguinte não demorou. Havia uma competição de duplas mistas. Ela teve como parceiro o rapaz mais velho dos Tattersall — são os maiores negociantes de Hamilton e mais ou menos a camarilha governante das Bermudas. Era um jovem demônio — bonito como o diabo, grande nadador e ótimo jogador de golfe, com um MG aberto, uma lancha e todos os acessórios. O senhor conhece o tipo. Tinha todas as mulheres que queria e, se não dormiam com êle logo, não passeavam no MG ou no “Chriscraft” nem iam aos clubes noturnos locais. O par venceu a competição depois de árdua luta no final e Philip Masters estava entre a elegante multidão ao redor do décimo-oitavo buraco para aplaudir sua vitória. Foi a última vez que êle aplaudiu por muito tempo, talvez por toda sua vida. Quase imediatamente, ela começou a “andar” com o jovem Tattersall e, assim que começou, foi como o vento. Creia-me, Sr. Bond — o governador fechou o punho e deixou-o cair devagarinho sobre a beirada da mesa de bebidas — foi pavoroso de ver. Ela não fazia a menor tentativa de amaciar o golpe ou esconder o caso de qualquer maneira. Simplesmente pegou o jovem Tattersall, bateu com êle na cara de Masters e continuou batendo. Voltava para casa a qualquer hora da noite — insistira em que Masters se mudasse para o quarto de hóspedes, sob o pretexto de que fazia muito calor para dormirem juntos — e se limpava a casa ou lhe preparava uma refeição de vez em quando era apenas fingimento para manter uma espécie de aparência. Naturalmente, um mês depois, o negócio todo era propriedade pública e o pobre Masters estava usando o maior par de chifres que já foi visto na Colônia. Lady Burford finalmente interferiu e teve uma conversa com Rhoda Masters. Disse-lhe que estava arruinando a carreira do marido etc. Mas o mal foi que Lady Burford achava Masters um tipo bastante maçante e, tendo tido talvez uma ou duas escapadas em sua mocidade — era ainda uma mulher bonita, com brilho nos olhos — provavelmente foi um pouco indulgente demais com a moça. Naturalmente, Masters, como êle próprio me contaria mais tarde, passou pela lúgubre seqüência — admoestações, brigas rancorosas, raiva furiosa, violência (disse-me que quase a esganou certa noite) e, finalmente, um afastamento gelado e soturna miséria.

O governador fêz uma pausa e depois prosseguiu:

— Não sei se já viu um coração sendo despedaçado, Sr. Bond, des-

pedaço vagarosa e deliberadamente. Bem, foi o que eu vi acontecer a Philip Masters e era uma coisa terrível de observar. Ele havia sido um homem com o Paraíso estampado no rosto e, um ano depois de sua chegada às Bermudas, nele só havia escrito Inferno. Naturalmente, fiz o que pude, nós todos o fizemos de uma maneira ou outra, mas depois de ter acontecido, ao redor daquele décimo-oitavo buraco no Mid-Ocean, realmente nada havia a fazer senão catar os pedaços. Mas Masters era como um cão ferido. Limitava-se a fugir de nós para esconder-se em um canto e rosnava sempre que alguém tentava aproximar-se dele. Cheguei ao extremo de escrever-lhe uma ou duas cartas. Posteriormente, ele me contou que as rasgara sem ler. Um dia, vários de nós nos reunimos e o convidamos para uma festinha só de homens em meu bangalô. Tentamos deixá-lo embriagado. Conseguimos embriagá-lo. O que aconteceu em seguida foi uma barulhada no banheiro. Masters tentara cortar os pulsos com minha navalha. Aquilo estourou nossos nervos e eu fui incumbido de falar com o governador sobre o negócio todo. O governador sabia do caso, naturalmente, mas esperava não precisar interferir. Agora a questão era saber se Masters poderia continuar no Serviço. Seu trabalho reduzira-se a nada. Sua esposa era um escândalo público. Ele era um homem liquidado. Poderíamos juntar de novo os pedaços? O governador era um homem magnífico. Uma vez que era forçado a tomar providências, estava decidido a fazer um último esforço para evitar o relatório quase inevitável a Whitehall que arrasaria finalmente o que restava de Masters. E a Providência interferiu para dar uma mão. Exatamente um dia depois de minha entrevista com o governador, chegou um despacho do Departamento Colonial dizendo que ia haver em Washington uma reunião para delinear os direitos de pesca em alto mar e que as Bermudas e as Bahamas haviam sido convidadas a enviar representantes de seus governos. O governador mandou chamar Masters, falou com ele como um tio holandês, disse-lhe que ia ser enviado a Washington, que faria melhor em resolver seus negócios domésticos de uma maneira ou outra nos próximos seis meses e mandou-o embora. Masters partiu uma semana depois e ficou em Washington falando sobre peixes durante cinco meses. Nós todos soltamos um suspiro de alívio e passamos a evitar Rhoda Masters sempre que tínhamos oportunidade.

O governador parou de falar e fêz-se silêncio na grande sala-de-estar brilhantemente iluminada. Tirou um lenço do bolso e passou-o sobre o rosto. Suas lembranças haviam-no excitado e seus olhos estavam

brilhantes no rosto corado. Levantou-se, serviu um uísque com soda para Bond outro para si próprio.

Bond disse:

— Que embrulhada. Acho que alguma coisa teria fatalmente de acontecer mais cedo ou mais tarde, mas foi falta de sorte de Masters acontecer tão cedo. Ela devia ser uma cadelinha insensível. Não demonstrou sinais de lamentar o que havia feito?

O governador acabara de acender outro charuto. Olhou para a ponta esbraçada e soprou-a. Depois respondeu:

— Oh, não. Ela estava divertindo-se muito. Provavelmente sabia que aquilo não ia durar eternamente, mas era a coisa com que sempre sonhara — a coisa com que sonham as leitoras de revistas femininas e ela era bem típica dessa espécie de mentalidade. Tinha tudo — o melhor moço da ilha, amor sobre a areia embaixo das palmeiras, horas divertidas na cidade e no Mid-Ocean, corridas velozes no carro e na lancha — todos os acessórios do romance barato. E, para completar, um marido escravo bem fora do caminho e uma casa onde tomar banho, trocar de roupa e dormir um pouco. E sabia que podia fazer Philip Masters voltar. Êle era tão abjeto. Não haveria dificuldade. Depois, poderia dar um giro, pedir desculpas a todos, aplicar de novo seu encanto e todos a perdoariam. Tudo daria certo. Se não desse certo, havia muitos outros homens no mundo além de Philip Masters — e homens mais atraentes que êle. Bastava olhar os homens do clube de golfe! Podia ter o que escolhesse entre eles com um simples gesto. Não, a vida era boa e, se a gente era um pouco leviana, afinal de contas muitos faziam o mesmo. Bastava olhar a maneira como agiam as estrelas de Hollywood.

— Bem, não demorou muito para que ela fosse posta à prova. Tattersall ficou um pouco cansado dela e, graças à esposa do governador, os pais de Tattersall estavam fazendo um barulho dos diabos. Isso deu a Tattersall uma boa desculpa para cair fora sem muita cena. Era verão e a ilha estava cheia de belas moças americanas. Era tempo de arranjar um pouco de sangue novo. Assim, deu o fora em Rhoda Masters. Sem mais aquela. Simplesmente lhe disse que estava tudo acabado. Que seus pais haviam insistido, ameaçando cortar-lhe a mesada. Foi uma quinzena antes do dia em que Philip Masters devia voltar de Washington e só posso dizer que ela reagiu bem. Ela era resistente e sabia que tinha de acabar mais cedo ou mais tarde. Não se queixou. Para dizer a verdade, não tinha

mesmo a quem queixar-se. Limitou-se a procurar Lady Burford para dizer que sentia muito e que agora ia ser uma boa esposa para Philip Masters.

Voltou-se para a casa, limpou-a de alto a baixo e deixou tudo arrumado para a grande cena de reconciliação. A necessidade de promover essa reconciliação tornara-se clara para ela em vista da atitude de seus antigos companheiros no Mid-Ocean. De repente, começou a ser evitada lá também. Sabe como essas coisas podem acontecer, mesmo em um lugar liberal como um clube de campo nos trópicos. Agora, não apenas a turma do Palácio do Governo, mas a camarilha dos negociantes de Hamilton fechava-lhe a cara. De uma hora para outra, passou a ser mercadoria de refugo, usada e posta de lado. Tentou ser a mesma alegre namorada, mas não deu mais resultado. Foi repelida com aspereza uma ou duas vezes e deixou de ir lá. Agora era vital voltar a uma base segura e esforçar-se vagarosamente para subir de novo. Ficou em casa, ensaiando vezes e vezes o número que representaria — as lágrimas, os agrados de aeromoça, as longas e sinceras desculpas e explicações, a cama de casal.

— Depois, Philip Masters voltou para casa.

O governador fêz uma pausa e olhou pensativamente por cima de Bond. Continuou:

— O senhor não é casado, mas penso que acontece o mesmo com todas as relações entre um homem e uma mulher. Podem sobreviver a tudo enquanto existe entre as duas pessoas alguma espécie de humanidade básica. Quando desaparece toda bondade, quando uma pessoa evidente e sinceramente não se importa que a outra esteja viva ou morta, então simplesmente não adianta. Esse insulto particular ao ego — ainda pior, ao instinto de conservação — nunca pode ser perdoado. Já observei isso em centenas de casamentos. Já vi flagrantes infidelidades serem remediadas. Vi crimes e mesmo homicídios serem perdoados pela outra parte, para não falar em falência e todas as outras formas de crimes sociais. Doença incurável, cegueira, desastre — tudo isso pode ser superado. Mas nunca a morte da humanidade comum em um dos parceiros. Pensei nisso e inventei um título altissonante para esse fator básico nas relações humanas. Chamei-o de Lei do Quantum de Refrigério.

— É um nome esplêndido para isso — disse Bond. — É sem dúvida bem impressionante. E naturalmente compreendo o que quer dizer. Quantum de Refrigério — a quantidade de consolação. Sim, creio que se poderia dizer que no fim todo amor e amizade é baseado nisso. Os seres

humanos são muito inseguros. Quando a outra pessoa não apenas nos faz sentirmos inseguros, mas efetivamente parece querer destruir-nos, é evidentemente o fim. O Quantum de Refrigério baixa a zero. A gente precisa fugir para salvar-se. Masters compreendeu isso?

O governador não respondeu à pergunta e prosseguiu:

— Rhoda Masters devia ter percebido quando seu marido atravessou a porta do bangalô. Não era tanto o que ela viu na superfície — embora o bigode houvesse desaparecido e os cabelos de Masters estivessem de novo desgrenhados como estavam em seu primeiro encontro. Eram os olhos, a boca e o jeito do queixo. Rhoda Masters pusera seu vestido mais discreto. Tirara a maior parte de sua maquiagem e arrumara-se em uma cadeira onde a luz da janela deixava seu rosto meio na sombra e iluminava as páginas de um livro em seu colo. Decidira que, quando êle atravessasse a porta, ergueria os olhos de seu livro, documento, submissamente, e esperaria que êle falasse. Então se levantaria, caminharia silenciosamente em direção a êle e ficaria diante dele com a cabeça curvada. Contar-lhe-ia tudo e deixaria as lágrimas correrem. Êle a tomaria nos braços e ela prometeria e tornaria a prometer. Ensaíara a cena muitas vezes até ficar satisfeita.

— Ela ergueu devidamente os olhos de seu livro. Masters pôs silenciosamente sua mala no chão, caminhou devagar até a lareira e ficou em pé parado, olhando vagamente para ela. Seus olhos eram frios, impessoais e sem interesse. Pôs a mão no bolso de dentro e tirou um pedaço de papel. Disse com a voz indiferente de um corretor de imóveis: “Aqui está uma planta da casa. Dividi a casa em duas partes. Seus aposentos são a cozinha e seu quarto. Os meus são esta sala e o quarto de hóspedes. Você pode usar o banheiro quando eu não estiver lá.” Inclinou-se e deixou o papel cair sobre as páginas abertas do livro. “Você nunca entrará em meus aposentos, exceto quando tivermos amigos em casa.” Rhoda Masters abriu a boca para falar. Êle ergueu a mão. “Esta é a última vez que falo com você em particular. Se falar comigo, não responderei. Se quiser comunicar-se comigo, pode deixar um bilhete no banheiro. Espero que minhas refeições sejam preparadas pontualmente e servidas na sala de jantar, que você pode usar depois que eu tiver terminado. Dar-lhe-ei vinte libras por mês para as despesas da casa e essa importância lhe será remetida por meus advogados no dia primeiro de cada mês. Meus advogados estão preparando os documentos para o divórcio. Vou divorciar-me de

você e você não contestará a ação porque não pode. Um detetive particular obteve provas completas contra você. O divórcio será efetivado dentro de um ano, quando terminar meu tempo de serviço nas Bermudas. Até lá, em público, nós nos comportaremos como um casal normal.”

— Masters pôs as mãos nos bolsos e olhou cortêsmente para ela. A essa altura, as lágrimas estavam correndo pelo seu rosto. Ela parecia aterrorizada — como se alguém a tivesse espancado. Masters disse em tom indiferente: “Há mais alguma coisa que você queira saber? Se não, é melhor apanhar suas coisas daqui e levar para a cozinha.” Olhou para seu relógio. “Quero o jantar toda noite às oito horas. São sete e meia.”

O governador fez uma pausa e tomou um gole de seu uísque.

Juntei tudo isso — prossegui — do pouco que Masters me contou e de pormenores mais amplos que Rhoda Masters deu a Lady Burford. Pelo que parece, Rhoda Masters tentou por todos os meios comovê-lo — argumentos, súplicas, histerismo. Ele ficou impassível. Ela simplesmente não podia alcançá-lo. Era como se ele tivesse ido embora e mandado outra pessoa à sua casa para representá-lo nessa extraordinária entrevista. E por fim ela teve de concordar. Não tinha dinheiro. Não tinha com que pagar a passagem até a Inglaterra. Para ter cama e comida, precisava fazer o que ele lhe dizia. E isso foi feito. Durante um ano viveram assim, cortesês um com o outro em público, mas completamente silenciosos e separados quando sozinhos. Naturalmente, todos nós ficamos espantados com a mudança. Nenhum deles falou sobre a combinação. Ela teria vergonha de falar e Masters não tinha razão para isso. Pareceu-nos um pouco mais retraído do que antes, mas seu trabalho era de primeira categoria e todos soltaram um suspiro de alívio e concordaram que, por algum milagre, a união conjugal fora salva. O fato deu muito crédito a ambos, que se tornaram um casal popular, com tudo perdoado e esquecido.

— Passou-se o ano e chegou a época de Masters partir. Ele anunciou que Rhoda ficaria para fechar a casa e os dois fizeram a ronda habitual de festas de despedida. Ficamos um pouco surpreendidos quando ela não foi despedir-se dele no navio, mas ele disse que ela não estava sentindo-se bem. Assim ficaram as coisas até que, umas duas semanas depois, começaram a chegar da Inglaterra notícias do divórcio. Então Rhoda Masters visitou o Palácio do Governo e teve uma longa entrevista com Lady Burford. Gradualmente, toda a história transpirou, inclusive o capítulo seguinte, realmente terrível.

O governador engoliu o resto de seu uísque. O gelo fêz um barulho ôco quando êle pôs o copo vagarosamente sobre a mesa. Depois disse:

— Parece que um dia antes de partir, Masters encontrou um bilhete de sua esposa no banheiro. Dizia que ela precisava vê-lo para uma última conversa antes que a deixasse de uma vez. Tinha havido bilhetes como esse antes e Masters sempre os rasgara, deixando os pedaços sobre a estante em cima da pia. Desta vez escreveu um bilhete marcando-lhe um encontro na sala-de-estar às seis horas daquela tarde. Quando chegou a hora, Rhoda Masters entrou humildemente, vinda da cozinha. Havia muito tempo que deixara de fazer cenas emocionais ou tentar apelar à piedade dele. Agora limitou-se a ficar imóvel e dizer que só tinha dez libras, resto do dinheiro das despesas de casa daquele mês, e nada mais possuía no mundo. Quando êle partisse, ficaria na miséria.

“Você tem as jóias que lhe dei e o casaco de pele.”

“Terei sorte se encontrar cinqüenta libras por elas.”

“Terá de arranjar algum serviço.”

“Para arranjar alguma coisa demora. Precisarei de algum lugar para viver. Terei de sair da casa dentro de uma quinzena. Você não vai dar-me coisa alguma mesmo? Morrerei de fome.”

— Masters olhou-a desapaixonadamente. “Você é bonita. Não morrerá de fome.”

“Precisa ajudar-me, Philip. Precisa. Sua carreira não será beneficiada se eu fôr pedir esmola no Palácio do Governo.”

— Na casa, nada pertencia a eles, exceto algumas quinquilharias. Tinham alugado a casa mobiliada. O proprietário lá estivera uma semana antes e concordara com o inventário. Só restava seu automóvel, um Morris que Masters comprara usado, e um radiofônio que êle comprara como último recurso para tentar distrair sua esposa antes que ela tivesse se dedicado ao golfe.

— Philip Masters olhou para ela pela última vez. Nunca mais a veria. Disse: “Está bem. Você pode ficar com o carro e o radiofônio. Agora chega. Tenho de arrumar as malas. Adeus.” Saiu pela porta e subiu para seu quarto.

O governador olhou para Bond.

— Pelo menos, um último e pequeno gesto. Não acha? — perguntou com um sorriso sombrio. — Depois que êle partiu e Rhoda Masters ficou sozinha, ela tomou o carro e, levando seu anel de noivado, suas pou-

cas jóias e seu casaco de pele de raposa, foi a Hamilton e correu as casas de penhor. Por fim, conseguiu quarenta libras pelas jóias e sete libras pelo pedaço de pele. Depois foi à agência de automóveis cujo nome estava no painel do carro e pediu para falar com o gerente. Quando lhe perguntou quanto daria pelo Morris, êle pensou que ela estivesse brincando. “Mas, minha senhora, o Sr. Masters comprou o carro em prestações e está muito atrasado com os pagamentos. Certamente êle lhe disse que precisamos mandar-lhe uma carta sobre isso por intermédio de nosso advogado há cerca de uma semana. Ouvimos dizer que êle ia partir. Êle escreveu em resposta que a senhora viria fazer os arranjos necessários. Vejamos, disse êle apanhando um fichário e folhando-o. Sim, a dívida sobre o carro é exatamente de duzentas libras.”

— Bem, naturalmente, Rhoda Masters rompeu em lágrimas e, por fim, o gerente concordou em receber de volta o carro, embora então já não valesse mais as duzentas libras, mas insistiu em que o deixasse imediatamente, com a gasolina do tanque e tudo o mais. Rhoda Masters só podia aceitar e agradecer por não ser processada. Saiu da garagem para a rua quente e já sabia o que iria encontrar quando chegasse à loja de rádios. Tinha razão. Foi a mesma história, só que desta vez teve de pagar dez libras para convencer o homem a aceitar de volta o radiofônio. Aranjou uma carona até um ponto de onde podia ir a pé para o bangalô. Quando chegou em casa, jogou-se na cama e chorou pelo resto do dia. Ela já era uma mulher vencida. Agora Philip Masters lhe dava um pontapé quando estava caída no chão. O governador fêz uma pausa.

— Muito extraordinário, realmente. Um homem como Masters, bondoso, sensível, normalmente incapaz de matar uma mosca. E ali estava executando uma das ações mais cruéis de que posso lembrar-me em toda minha experiência. Era a minha lei em ação.

O governador sorriu ligeiramente.

— Fossem quais fossem os pecados dela, se tivesse dado a êle o Quantum de Refrigério, êle nunca poderia tê-la tratado como tratou. Da maneira como ocorreram as coisas, ela despertou nele uma crueldade bestial — uma crueldade que talvez exista profundamente escondida em todos nós e que só uma ameaça à nossa existência pode trazer à superfície. Masters queria fazer a mulher sofrer, não tanto quanto êle sofrera pois isso seria impossível, mas o máximo que pudesse conseguir. E esse falso gesto com o automóvel e o radiofônio foi um bocado diabôlicamen-

te brilhante de ação retardada para fazê-la lembrar, mesmo depois de ter partido, quanto a odiava, quanto ainda desejava feri-la.

— Deve ter sido uma experiência abaladora — disse Bond. — É extraordinário como as pessoas podem ferir-se entre si. Estou começando a sentir pena da moça. Que aconteceu no fim a ela. . . e a êle também?

O governador levantou-se e olhou seu relógio.

— Santo Deus, é quase meia-noite. E deixei o pessoal acordado até esta hora — disse sorrindo — além do senhor.

Caminhou até a lareira e tocou uma campainha. Um mordomo negro apareceu. O governador pediu-lhe desculpas por tê-lo conservado acordado e disse-lhe para fechar tudo e apagar as luzes. Bond levantou-se. O governador voltou-se para êle e disse:

— Venha comigo e lhe contarei o resto. Irei até o jardim com o senhor e farei com que a sentinela o deixe sair.

Caminharam vagorosamente através das compridas salas e desceram a larga escada que levava ao jardim. Era uma bela noite com uma lua cheia que corria sobre suas cabeças através de nuvens finas e altas.

— Masters continuou no serviço — prosseguiu o governador. — Mas nunca correspondeu a seu bom começo. Depois do negócio das Bermudas, alguma coisa parece tê-lo deixado. Parte dele foi morta pela experiência. Era um homem mutilado. Em grande parte por culpa dela, naturalmente, mas acho que aquilo que Masters fêz a ela viveu com êle e talvez o tenha perseguido. Êle era bom em seu trabalho, mas, não sei como, perdeu o toque humano e pouco a pouco ficou completamente seco. Naturalmente, nunca tornou a casar-se e por fim foi encostado no plano de nozes moídas. Quando isso malogrou, aposentou-se e foi viver na Nigéria, de volta à única gente do mundo que lhe demonstrara alguma bondade, de volta ao lugar onde tudo havia começado. Um pouco trágico, realmente, quando me lembro de como êle era quando moço.

— E a moça?

— Oh, ela passou por maus bocados. Corremos o chapéu para ela. Entrou e saiu de vários empregos, que eram mais ou menos caridade. Tentou voltar a ser aeromoça, mas a maneira como rompera seu contrato com a Imperial Airways barrou-lhe o caminho nessa direção. Naquele tempo não existiam tantas companhias de aviação e não havia escassez de candidatas para os poucos empregos de aeromoças que se encontravam. Os Burfords foram transferidos para Jamaica naquele mesmo ano

e isso eliminou o principal apoio dela. Como disse, Lady Burford sempre tivera um fraco por ela. Rhoda Masters estava quase na miséria. Ainda tinha sua aparência e vários homens a sustentaram durante algum tempo. Mas não se pode fazer a ronda por muito tempo em um lugar pequeno como as Bermudas e ela já estava quase se tornando uma prostituta e tendo complicações com a polícia, quando a Providência interferiu de novo e decidiu que já havia sido suficientemente castigada. Chegou uma carta de Lady Burford com o dinheiro da passagem para a Jamaica, dizendo que lhe arranjava um emprego como recepcionista no “Blue Hills Hotel”, um dos melhores hotéis de Kingston. Assim, ela partiu e eu — que já havia sido então transferido para a Rodésia — creio que as Bermudas ficavam sinceramente aliviadas em ver-se livres dela.

O governador e Bond chegaram aos largos portões de entrada do Palácio do Governo. À frente deles, branca, preta e côr de rosa, brilhava Nassau, com sua confusão de ruas estreitas e bonitas casas de madeira com vistosos frontões e balcões. Com tremendo estardalhaço, a sentinela pôs-se em posição de sentido e apresentou armas. O governador ergueu a mão e disse: “Muito bem. Descansar.” A automática sentinela voltou novamente à vida por um instante e fêz-se silêncio.

Virando-se para Bond, o governador disse:

— E esse é o fim da história, salvo quanto a um capricho final do destino. Um dia, um milionário canadense apareceu no “Blue Hills Hotel” e lá passou o inverno. Quando partiu, levou Rhoda Masters para o Canadá e casou-se com ela. Desde então ela vive na riqueza.

— Santo Deus. Isso foi um golpe de sorte. Dificilmente o mereceria.

— Acho que não. Não se pode saber. A vida é um negócio tortuoso. Talvez, apesar de todo o mal que fêz a Masters, o Destino tenha decidido que ela já havia pago o suficiente. Talvez o pai e a mãe de Masters fossem os verdadeiros culpados. Fizeram dele um homem propenso a acidentes. Inevitavelmente, êle se envolveu no choque emocional que lhe estava reservado e para o qual o haviam condicionado. O Destino escolheu Rhoda para seu instrumento. Depois o Destino pagou-lhe seus serviços. É difícil julgar essas coisas. Seja como fôr, ela fêz seu canadense muito feliz. Acho que ambos pareciam felizes hoje à noite.

Bond riu. De repente a violenta dramaticidade de sua própria vida pareceu muito ôca. O caso dos rebeldes de Castro e dos iates incendiados era o material de uma história de aventuras em quadrinhos em um jornal

barato. Estivera sentado ao lado de uma mulher maçante em um jantar maçante e uma observação ocasional abria à sua frente o livro da verdadeira violência — da *Comédie Humaine* onde as paixões humanas são cruas e reais, onde o Destino faz um jogo mais autêntico que qualquer conspiração do Serviço Secreto imaginada pelos governos.

Bond voltou-se para o governador e estendeu a mão, dizendo:

— Obrigado pela história. Devo-lhe uma desculpa. Achei a Sra. Harvey Miller uma mulher maçante. Graças ao senhor nunca mais a esquecerei. Preciso prestar mais atenção às pessoas. O senhor deu-me uma lição.

Trocaram um aperto de mão. O governador sorriu.

— Agrada-me saber que a história o interessou. Estava com medo que o senhor se aborrecesse. O senhor leva uma vida muito excitante. Para dizer-lhe a verdade, eu estava sem saber sobre o que poderíamos conversar depois do jantar. A vida no Serviço Colonial é muito monótona.

Despediram-se e Bond desceu a rua silenciosa em direção à baía e ao “British Colonial Hotel”. Pensou na conferência que manteria na manhã seguinte com a Guarda Costa e o FBI em Miami. A perspectiva, que antes o interessara, que chegara mesmo a entusiasamá-lo, estava agora marcada pelo tédio e futilidade.

“risico”

Este negócio tem *molto risico*.

As palavras saíram baixinho através do grosso bigode castanho. Os olhos pretos e duros moveram-se vagarosamente sobre o rosto de Bond e desceram para as mãos de Bond, que estavam rasgando cuidadosamente um fósforo de papelão no qual havia impresso “Albergo Colomba d’Oro”.

James Bond sentiu a inspeção. O mesmo exame sub-reptício vinha sendo feito desde quando se encontrara com o homem duas horas antes no bar do “Excelsior”. Havia dito a Bond para procurar um homem de grosso bigode que estaria sentado sozinho bebendo um *Alexandra*. A cremosa bebida feminina era muito mais inteligente que o jornal dobrado, a flor na botoeira, as luvas amarelas, velhas e batidas senhas entre agentes. Tinha também a grande vantagem de poder funcionar sozinha, sem o dono. E Kristatos começara com um pequeno teste. Quando Bond entrou no bar e olhou em roda, havia talvez umas vinte pessoas na sala. Nenhuma delas tinha bigode. Mas em uma mesa de canto, no lado mais distante da sala alta e discreta, ladeado por um pires de azeitonas e outro de nozes de caju, estava o copo de pé alto cheio de creme e vodca. Bond foi diretamente para a mesa, puxou uma cadeira e sentou-se. O garçom aproximou-se.

— Boa noite, cavalheiro. O senhor Kristatos está falando ao telefone.

Bond acenou com a cabeça.

— Um *negroni*. Com *Gordon's*, por favor. O garçom voltou para o balcão e gritou:

— *Negroni. Uno. Gordon's.*

— Sinto muito. Precisei dizer uma palavrinha a Alfredo.

A grande mão peluda apanhou a pequena cadeira como se fosse tão leve quanto uma caixa de fósforo e colocou-a por baixo dos pesados quadris.

Não houve aperto de mão. Eram velhos conhecidos. Na mesma linha de negócios, provavelmente. Algo como importação e exportação. O mais novo parecia americano. Não. Não com aquelas roupas. Era inglês.

Bond rebateu o saque rápido.

— Como está o menino dele?

Os olhos pretos do Signor Kristatos estreitaram-se. Sim, haviam dito que esse homem era um profissional. Abriu as mãos.

— Mais ou menos do mesmo jeito. Que se pode esperar?

— Poliomielite é uma doença terrível.

O *negroni* chegou. Os dois homens acomodaram-se nas cadeiras, cada um deles satisfeito por ter de lidar com alguém da mesma liga. Isso era raro no “Jogo”. Tantas vezes, antes mesmo de iniciar-se uma missão dessas em dois, perdia-se a confiança no resultado. Nesses encontros, havia com muita frequência, pelo menos na imaginação de Bond, um fraco cheiro de coisa queimada no ar. Sabia ser esse o sinal de que a beirada de sua capa já começava a arder. No devido tempo, o tecido ardente explodiria em chamas e ele estaria *brulé*. Então o jogo estaria acabado e ele teria de decidir entre dar o fora ou esperar para ser alvejado por alguém. Mas nesse encontro não houve atrapalhada.

Mais tarde, naquela mesma noite, no pequeno restaurante perto da Piazza di Spagna, chamado “Colomba d’Oro”, Bond divertira-se ao descobrir que ainda estava sendo posto à prova. Kristatos ainda o estava observando e pesando, antes de decidir se poderia ter confiança nele. Essa observação sobre o negócio arriscado fora o mais perto que Kristatos já chegara no sentido de admitir que existia algum negócio entre eles dois. Bond sentiu-se entusiasmado. Não acreditaria realmente em Kristatos. Mas sem dúvida todas essas precauções só podiam significar que a intuição de M se justificara — que Kristatos sabia alguma coisa muito importante.

Bond deixou cair o último fragmento de fósforo no cinzeiro. Disse maciamente:

— Certa vez ensinaram-me que todo negócio que rende mais de dez por cento ou é realizado depois das nove horas da noite é perigoso. O negócio que nos reúne rende mil por cento e é realizado quase exclusivamente à noite. Por ambas as razões, é evidentemente um negócio arriscado.

Bond abaixou a voz e prosseguiu:

— Há recursos disponíveis. Dólares, francos suíços, bolívares venezuelanos. . . tudo conveniente.

— Isso me deixa satisfeito. Eu já tenho liras demais. — Disse o *Signor* Kristatos, apanhando o cardápio. — Mas vamos comer alguma coisa. Não se deve decidir negócio importante com estômago vazio.

Uma semana antes M chamara Bond. M estava de mau humor.

— Está fazendo alguma coisa, 007?

— Só trabalho burocrático, senhor.

— Que quer dizer com isso? Trabalho burocrático? — perguntou M sacudindo seu cachimbo sobre a repleta cesta de entrada de papéis. — Quem não tem trabalho burocrático?

— Quis dizer nada de ativo, Senhor.

— Bem, por que não disse, então?

M apanhou um maço de pastas vermelhas escuras amarradas por uma fita e jogou-as tão bruscamente através da mesa que Bond precisou segurá-las.

— E aqui está mais trabalho burocrático. Principalmente material da Scotland Yard... de seu pessoal de entorpecentes. Coisas do Ministério do Interior e do Ministério da Saúde, além de alguns bonitos e grossos relatórios do pessoal do Controle Internacional de Ópio de Genebra. Pegue isso e leia. Vai precisar de todo o dia de hoje e da maior parte da noite. Amanhã voará para Roma e sairá atrás dos homens graúdos. Está tudo claro?

Bond disse que estava. O estado de humor de M também estava explicado. Nada o deixava mais furioso do que precisar desviar seu pessoal de sua função primordial. Sua função era espionagem e, quando necessário, sabotagem e subversão. Tudo o mais era mau uso do Serviço e dos Fundos Secretos que, sabia Deus, já eram bem escassos.

— Alguma pergunta?

O maxilar de M avançava para a frente como a proa de um navio. O maxilar parecia dizer a Bond para apanhar as pastas, sair correndo da sala e deixar que M passasse a cuidar de algo mais importante.

Bond sabia que uma parte disso tudo — ainda que fosse apenas uma pequena parte — era encenação. M tinha certas abelhas em seu chapéu. Eram famosas no Serviço e M sabia disso. Mas nem por isso permitia que elas deixassem de zumbir. Havia abelhas rainhas, como o mau uso do Serviço e a procura de inteligência verdadeira, como coisa distinta do desejo de ser inteligente, e havia abelhas operárias. Entre estas se incluíam idiossincrasias como não empregar homens com barba ou homens completamente bilingües, dispensar instantaneamente homens que tentassem exercer pressão sobre ele através de relações familiares com membros do Gabinete, desconfiar de homens ou mulheres que se vestiam bem demais e daqueles que o chamavam de “senhor” fora do serviço; e ter uma fé exagerada em escoceses. Mas M era ironicamente cômico de suas obsessões como, pensou Bond, Churchill ou Montgomery o eram das suas. Nunca se incomodava que seu blefe, como era em parte, fosse visto. Além disso, jamais sonharia em mandar Bond em uma missão sem dar-lhe as instruções apropriadas.

Bond sabia de tudo isso. Disse brandamente:

— Duas coisas, senhor. Por que estamos aceitando esse negócio e que informações a Estação I tem, se tiver, a respeito das pessoas envolvidas nele.

M lançou a Bond um olhar duro e agressivo. Girou sua cadeira de lado para poder olhar as altas e velozes nuvens de outubro através da larga janela. Apanhou o cachimbo, chupou-o violentamente e depois, como se essa ação tivesse feito sair um pouco do vapor, colocou-o delicadamente sobre a mesa. Quando falou, sua voz era paciente e moderada.

— Como pode imaginar, 007, não desejo que o Serviço se envolva nesse negócio de entorpecentes. No começo deste ano, tive de tirá-lo de outras funções por uma semana para que você pudesse ir ao México e perseguir aquele plantador mexicano. Você quase foi morto. Mande-o como um favor ao Setor Especial. Quando me pediram de novo que você cuidasse dessa quadrilha italiana, recusei. Ronnie Vallance foi traçoeiramente ao Ministério do Interior e ao Ministério da Saúde. Os ministros fizeram pressão sobre mim. Eu disse que você era necessário aqui e que

não podia dispensar os serviços de mais ninguém. Então os dois ministros foram ao primeiro-ministro. — M fez uma pausa — E acabou-se. Devo reconhecer que o primeiro-ministro foi muito convincente. Argumentou que a heroína, na quantidade que está chegando, é um instrumento de guerra psicológica, que mina o vigor de um país. Disse que não ficaria surpreso se soubesse que não se trata apenas de uma quadrilha de italianos ganhando dinheiro grosso — que no fundo existe subversão e não dinheiro.

M sorriu amarguradamente, antes de acrescentar:

— Acho que Ronnie Vallance imaginou essa linha de argumentação. Pelo que parece, seu pessoal de entorpecentes vem tendo uma dificuldade dos diabos com o tráfico — tentando impedir que se estenda aos adolescentes, como aconteceu nos Estados Unidos. Parece que os salões de dança e os parques de diversões estão cheios de traficantes. A Patrulha Fantasma de Vallance conseguiu levar a linha até um dos intermediários e não há dúvida que tudo vem da Itália, escondido em automóveis de turistas italianos. Vallance fez o que pôde através da polícia italiana e da Interpol, mas nada obteve. Chegam até certo ponto da linha, prendem algumas pessoas de pequena importância e depois, quando parecem estar se aproximando do centro, surge um muro branco. O círculo interno de distribuidores está muito assustado ou é muito bem pago.

Bond interrompeu-o para dizer:

— Talvez haja proteção em algum lugar, senhor. Aquele negócio de Montesi não parecia tão bom.

M encolheu os ombros com impaciência.

— Talvez, talvez. E você terá de observar isso também, mas minha impressão é que o caso Montesi resultou em uma limpeza bem ampla. Seja como for, quando o primeiro-ministro me deu ordem para cuidar disto, lembrei-me de manter uma conversa com Washington. A CIA foi muito atenciosa. Você sabe que o Departamento de Entorpecentes tem uma turma na Itália. Está lá desde a guerra. Nada tem a ver com a CIA. É dirigido pelo Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, por incrível que pareça. O Tesouro americano controla um suposto Serviço Secreto que lida com contrabando de entorpecentes e dinheiro falso. Um arranjo bastante maluco. Às vezes fico imaginando o que o FBI deve pensar disso. Contudo. . .

M girou vagarosamente sua cadeira de costas para a janela. Cruzou

as mãos por trás da cabeça e inclinou-se para trás, olhando Bond por cima da mesa.

— O caso é que a Estação de Roma da CIA trabalha em estreita ligação com essa turminha de entorpecentes. Precisa fazer isso, para evitar linhas cruzadas e outras coisas. E a CIA — o próprio Alan Dulles, para dizer a verdade — deu-me o nome do principal agente usado pelo Departamento nas questões de entorpecentes. Pelo que parece, êle opera nos dois sentidos. Faz um pouco de contrabando como disfarce. Um sujeito chamado Kristatos. Dulles disse que naturalmente não podia envolver seu pessoal de maneira alguma e estava certo de que o Departamento do Tesouro não gostaria que seu Escritório em Roma agisse muito estreitamente conosco. Todavia, disse que, se eu desejasse, transmitiria a esse Kristatos que um de nossos. . . hum. . . melhores homens gostaria de estabelecer contato com êle para fazer negócio. Respondi que ficaria muito grato por isso e ontem recebi notícia de que o encontro está marcado para depois de amanhã.

Fazendo um gesto em direção às pastas colocadas à frente de Bond, concluiu:

— Encontrará todos os pormenores aí.

Houve um breve silêncio na sala. Bond estava pensando que o negócio todo parecia desagradável, provavelmente perigoso e certamente sujo. Tecendo em mente a última qualidade, Bond levantou-se e apanhou as pastas.

— Muito bem, senhor. Parece que se trata de dinheiro. Quanto pagaremos para cessar o tráfico?

M deixou sua cadeira inclinar-se para a frente. Abriu as mãos e colocou-as sobre a mesa, lado a lado. Disse rudemente:

— Cem mil libras. Em qualquer moeda. Essa é a cifra do primeiro-ministro. Não desejo, porém, que você se machuque. Principalmente para tirar do fogo a sardinha dos outros. Por isso, pode subir mais cem mil se houver muita complicação. O tráfico de entorpecentes é o maior e mais fechado círculo do crime.

M estendeu a mão para sua cesta de entrada de papéis e tirou uma pasta de mensagens. Sem erguer os olhos, disse:

— Tenha cuidado.

O *Signor* Kristatos apanhou o cardápio e disse:

- Eu não uso de rodeios, Sr. Bond. Quanto?
— Cinquenta mil libras por resultados cem por cento.
Kristatos disse com indiferença.

— Sim. São recursos importantes. Vou comer melão com presunto e um sorvete de chocolate. Não como muito à noite. Eles têm aqui um Chianti da casa. Eu o recomendo.

O garçom aproximou-se e houve uma animada troca de palavras em italiano. Bond pediu *Tagliatelli Verdi* com molho genovês, que segundo Kristatos provavelmente não era preparado com manjerição, alho e pinhas de abeto.

Quando o garçom se afastou, Kristatos ficou sentado mastigando silenciosamente um palito de dente. Sua fisionomia foi-se tornando gradualmente escura e sombria, como se estivesse fazendo mau tempo em seu espírito. Os olhos pretos e duros que se voltavam inquietamente para tudo quanto havia no restaurante, exceto Bond, cintilavam. Bond calculou que Kristatos estava pensando se devia ou não trair alguém. Disse encoajadamente:

- Em certas circunstâncias, talvez haja mais.

Kristatos pareceu decidir-se. Disse:

— É? — Empurrou a cadeira para trás e levantou-se. — Com licença. Preciso ir ao lavatório.

Virou-se e caminhou rapidamente para o fundo do restaurante.

Bond sentiu-se de repente com fome e com sede. Encheu um grande copo de Chianti e tomou metade. Partiu um pãozinho e começou a comer, acompanhando cada bocado com a manteiga bem amarela. Ficou pensando porque pãezinhos com manteiga só são deliciosos na França e na Itália. Não havia outra coisa em seu espírito. Era apenas uma questão de esperar. Tinha confiança em Kristatos. Era um homem grande e sólido em quem os americanos confiavam. Provavelmente estava dando algum telefonema que seria decisivo. Bond sentia-se animado. Olhou os transeuntes através da janela de vidro. Um homem vendendo um dos jornais do Partido passou em bicicleta. Esvoaçando sobre a cesta na frente do guidom haviam uma flâmula. Em vermelho sobre branco, dizia ela: "*Progresso? Si! Avventuri? No!*" Bond sorriu. Assim é que estava sendo. Que continuasse assim pelo resto do serviço.

Do outro lado da sala quadrada e quase modesta, na mesa de canto ao lado da *caisse*, a mulher gorducha de cabelos louros com boca dramá-

tica disse ao jovial e despreocupado homem cujo rosto estava ligado ao prato por uma grossa corda de espaguete:

— Ele tem uma boca quase cruel. Mas é muito bonito. Espiões geralmente não têm tão boa aparência. Tem certeza de que não está enganado, *mein Töubchen*?

Os dentes do homem cortaram a corda. Limpou a boca em um guardanapo que já estava manchado de molho de tomate, arrotou barulhentemente e disse:

— Santos nunca se engana nessas coisas. Tem faro para espiões. É por isso que o escolhi para seguir permanentemente Kristatos. E quem senão um espião pensaria em passar a noite com aquele porco? Mas nós procuraremos ter certeza.

O homem tirou do bolso uma daquelas pequenas matracas de lata que às vezes são distribuídas, com chapéus de papel e assobios, nas noites de carnaval. Deu um estalido seco. O maitre d'hôtel do outro lado da sala parou o que estava fazendo e correu em direção à mesa.

— *Si, padrone.*

O homem fêz-lhe sinal para chegar mais perto. O maitre d'hôtel curvou-se e recebeu as instruções sussurradas. Acenou rapidamente com a cabeça, caminhou até uma porta perto da cozinha na qual estava escrito UFFICIO, entrou e fechou a porta depois de passar.

Fase por fase, em uma série de movimentos diminutos, um exercício que fora aperfeiçoado muito tempo antes começou então a ser cuidadosamente executado. O homem perto da *caísse* mastigou seu espaguete e observou criticamente cada passo da operação como se fosse um rápido jogo de xadrez.

O maitre d'hôtel saiu pela porta marcada UFFICIO, atravessou depressa o restaurante e disse em voz alta para seu Número 2:

— Uma mesa extra para quatro. Imediatamente.

O Número 2 lançou-lhe um olhar direto e acenou com a cabeça. Seguiu o maitre d'hotel até o espaço ao lado da mesa de Bond, estalou os dedos para pedir ajuda, tomou uma cadeira emprestada de uma mesa, outra cadeira de outra mesa e, com uma mesura e um pedido de desculpa, a cadeira vaga da mesa de Bond. A quarta cadeira estava sendo trazida da direção da porta marcada UFFICIO pelo maitre d'hôtel. Colocou-a formando um quadrado com as outras, uma mesa foi baixada no meio delas, e copos e talheres foram habilmente colocados. O maitre d'hôtel

franziu a testa.

— Mas vocês prepararam uma mesa para quatro. Eu disse três. . . para três pessoas.

Apanhou casualmente a cadeira que êle próprio trouxera e transferiu-a para a mesa de Bond. Fêz um gesto com a mão para dispensar seus auxiliares e todos se dispersaram, indo cada um cuidar de seu serviço.

A pequena e inocente movimentação no restaurante levou talvez um minuto. Um inócuo trio de italianos entrou na sala. O maitre d'hôtel cumprimentou-os pessoalmente e levou-os até a mesa recém-arrumada. O gambito estava completado.

Bond mal percebeu a coisa. Kristatos voltou de onde quer que estivesse, a comida foi servida e os dois passaram a comer.

Enquanto comiam falaram sobre coisas sem importância — as possibilidades da eleição na Itália, o último “Alfa Romeo”, os sapatos italianos em comparação com os ingleses. Kristatos conversava bem. Parecia conhecer a história de tudo. Dava informações tão casualmente que não parecia estar blefando. Falava sua própria espécie de inglês, com frases ocasionais emprestadas de outras línguas. Formavam uma mistura viva. Bond sentia-se interessado e divertido. Kristatos era um homem de dentro do negócio, um homem útil. Não surpreendia a Bond que o pessoal do serviço secreto americano lhe tivesse dado grande valor.

Chegou o café, Kristatos acendeu um fino charuto preto e continuou falando com êle na boca. O charuto saltava para cima e para baixo entre os lábios retos e apertados. Kristatos pôs as duas mãos abertas sobre a mesa à sua frente. Olhou para a toalha da mesa entre os dois e disse baixinho:

— Este negócio... Eu jogarei com vocês. Até agora só tinha jogado com os americanos. Não falei a eles sobre o que vou falar a você. Não houve necessidade. Esta máquina não opera com os Estados Unidos. Essas coisas estão bem reguladas. Esta máquina só opera com a Inglaterra. Sim? *Capito?*

— Compreendo. Cada um tem seu próprio território. É a maneira habitual de fazer essas coisas.

— Exatamente. Agora, antes de dar-lhe as informações, como bons comerciantes vamos estabelecer as condições. Está bem?

— Naturalmente.

O Signor *Kristatos* examinou a toalha da mesa mais de perto.

— Quero dez mil dólares americanos, em notas de pequeno valor, amanhã na hora do almoço. Quando você tiver destruído a máquina, quero mais vinte mil.

O *Signor* Kristatos ergueu rapidamente os olhos e examinou o rosto de Bond.

— Não sou ambicioso. Não tomo todos os seus recursos, não é?

— O preço é satisfatório.

— *Bueno*. Segunda condição. Não vai dizer onde obtive essas informações. Mesmo que seja derrotado.

— Muito justo.

— Terceira condição. O chefe dessa máquina é um homem mau.

O *Signor* Kristatos fez uma pausa e ergueu os olhos. Os olhos pretos tinham um brilho vermelho. Os lábios secos e apertados afastaram-se do charuto para deixar sair as palavras:

— Ele precisa ser *destrutto*. .. morto.

Bond encostou-se para trás na cadeira. Olhou com ironia para o outro homem, que agora se inclinava ligeiramente para frente sobre a mesa, esperando. Então, haviam aparecido as rodas dentro da roda! Essa era uma vingança particular de alguma espécie. Kristatos queria arranjar um pistoleiro. E não ia pagar o pistoleiro. Era o pistoleiro quem ia pagar-lhe pelo privilégio de eliminar um inimigo. Nada mau! O quebra-galho estava sem dúvida quebrando um grande galho desta vez — usando o Serviço Secreto para acertar suas contas particulares. Bond disse brandamente:

— Por quê?

O *Signor* Kristatos respondeu em tom indiferente:

— Quem não faz perguntas não ouve mentiras.

Bond tomou seu café. Era a habitual história do grande sindicato do crime. Nunca se vê mais que a ponta do iceberg. Mas que lhe importava isso? Fora mandado para executar um trabalho específico. Se seu êxito beneficiasse outros, ninguém, e muito menos M, se importaria com isso. Bond recebera ordem de destruir a máquina. Se esse homem desconhecido era a máquina, destruí-lo seria simplesmente cumprir ordens.

— Não posso prometer isso — disse. — Você deve compreender. Só posso dizer que, se o homem tentar destruir-me, eu o destruirei.

O *Signor* Kristatos apanhou um palito no paliteiro, tirou-o do papel e pôs-se a limpar as unhas. Depois de ter terminado uma mão, ergueu os olhos e disse:

— Não jogo com muita frequência em coisas incertas. Desta vez vou jogar porque é você quem me está pagando, não eu quem lhe está pagando. Está certo? Por isso, agora vou dar-lhe as informações. Depois, você ficará sozinho. ... *solo*. Amanhã à noite voarei para Karachi. Tenho negócios importantes lá. Só posso dar-lhe as informações. Depois você corre com a bola e. . . — jogou o palito sujo sobre a mesa. — *Che será, será*.

— Muito bem.

O *Signor* Kristatos aproximou mais sua cadeira de Bond. Falou em voz baixa e rápida. Citou datas e nomes para documentar sua narrativa. Nunca hesitou antes de relatar um fato e não desperdiçou tempo com detalhes sem importância. Era uma história curta e expressiva. Havia no país dois mil gangsters americanos, italiano-americanos que tinham sido condenados e expulsos dos Estados Unidos. Esses homens estavam em má situação. Tinham o mais negro prontuário policial e, devido a seu passado, sua própria gente hesitava em empregá-los. Cem dos mais durões deles haviam reunido seus recursos e pequenos grupos dessa elite se fixaram em Beirute, Istambul, Tanger e Macau — os grandes centros de contrabando do mundo. Uma seção ainda maior agia como mensageiros e os chefes haviam adquirido, através de intermediários, um pequeno e respeitável negócio farmacêutico em Milão. Para esse centro os grupos de fora contrabandeavam ópio e seus derivados. Usavam pequenas embarcações através do Mediterrâneo, um grupo de comissários de uma companhia de aviação italiana e, como fonte semanal regular de abastecimento, o vagão diretor do “Expresso do Oriente” no qual partes inteiras de estofamento falso haviam sido adaptadas por membros subordinados da turma de limpeza do trem em Istambul. A firma de Milão — *Pharmacia Colomba SA* — servia como órgão central e como conveniente centro para a transformação do ópio bruto em heroína. De lá, os mensageiros, usando inocentes automóveis de várias marcas, mantinham um serviço de entrega aos intermediários na Inglaterra.

Bond interrompeu-o para dizer:

— Nossa Alfândega é muito boa para localizar essa espécie de tráfico. Não existe em um automóvel muitos esconderijos que seu pessoal não conheça. Onde esses homens levam o material?

— Sempre no estepe. Em um único estepe a gente pode levar heroína no valor de vinte mil libras.

— Nunca foram apanhados. . . entrando com o material em Milão

ou saindo de lá?

— Claro. Muitas vezes. Mas são homens bem treinados. E todos são durões. Nunca falam. Quando são condenados, recebem dez mil dólares por ano passado na prisão. Se têm família, os outros cuidam dela. E quando tudo corre bem recebem bom dinheiro. É uma cooperativa. Cada homem recebe sua *tranche* do *brutto*. Só o chefe recebe uma *tranche* especial.

— Muito bem. E quem é esse homem?

O *Signor* Kristatos levou a mão ao charuto que tinha na boca. Conserveu a mão lá e falou baixinho por trás dela.

— É um homem que chamam de “Pombo”, Enrico Colombo. É o *padrono* deste restaurante. Foi por isso que eu o trouxe aqui, para que o visse. É o homem gordo que está sentado com uma mulher loura. Na mesa ao lado da *caisse*. Ela é de Viena. Chama-se Lisl Baum. Uma prostituta de luxo.

— É, não é? — disse Bond pensativamente. Não precisava olhar. Havia reparado na mulher, logo que se sentara à mesa. Todo homem no restaurante devia ter reparado nela. Tinha a aparência alegre, ousada e acessível que a gente supõe que as vienenses têm, mas na realidade raramente têm. Havia nela uma vivacidade e um encanto que iluminavam seu canto da sala. Tinha cabelos louros acinzentados, um nariz petulante, uma boca larga e sorridente, e uma fita preta em volta da garganta. James Bond sabia que os olhos dela se tinham fixado nele repetidas vezes durante a noite. Seu companheiro parecia exatamente o tipo de homem rico e alegre, de boa vida, que se contentaria em ter seu amor por algum tempo. Devia dar-lhe também uma boa vida. Devia ser generoso. Não haveria arrependimento de parte a parte. De modo geral, Bond aprovava vagamente o homem. Gostava de pessoas alegres e expansivas com gosto pela vida. Como ele, Bond, não podia ter a mulher, já era alguma coisa ela estar em boas mãos. Mas agora? Bond olhou através da sala. O casal estava rindo de alguma coisa. O homem deu um tapinha no rosto da mulher, levantou-se, caminhou até a porta marcada UFFICIO, entrou e fechou a porta. Então era esse o homem que dirigia o grande tráfico para a Inglaterra. O homem em cuja cabeça M pusera o preço de cem mil libras. O homem que Kristatos desejava que Bond matasse. Bem, faria melhor em pôr mãos à obra. Bond olhou rudemente através da sala para a mulher. Quando ela ergueu a cabeça e olhou para ele, Bond sorriu-lhe. Seus olhos

não se fixaram nele, mas havia em seus lábios um meio sorriso, como se fosse para ela própria. Quando tirou um cigarro de seu maço, acendeu-o e soprou a fumaça para o alto, diretamente para o forro, havia um oferecimento da garganta e do perfil que Bond sabia ser para êle.

Estava chegando a hora do movimento depois do cinema. O maitre d'hôtel dirigia a limpeza das mesas desocupadas e a arrumação de outras. Havia a agitação habitual, como as batidas de guardanapos nos assentos das cadeiras e o tilintar de copos e talheres sendo postos nas mesas. Vagamente Bond notou que a cadeira desocupada de sua mesa era retirada e posta em uma mesa vizinha para seis pessoas. Começou a fazer perguntas específicas a Kristatos — quais eram os hábitos pessoais de Enrico Colombo, onde vivia êle, o endereço de sua firma em Milão, que outros interesses comerciais tinha. Não reparou no progresso casual da cadeira vaga, de uma mesa para outra e finalmente através da porta marcada UFFICIO. Não havia razão para que reparasse.

Quando a cadeira foi levada para seu escritório, Enrico Colombo fêz um gesto para que o maitre h'hôtel se retirasse e trancou a porta atrás dele. Depois foi até a cadeira, levantou a almofada e colocou-a sobre sua mesa. Abriu o zíper de um lado da almofada e retirou de dentro um gravador de fita "Grundig". Parou a máquina, fêz a fita voltar, tirou-a do gravador, colocou-a em um tocador e ajustou a velocidade e o volume. Depois sentou-se à sua mesa, acendeu um cigarro e ficou ouvindo, fazendo de vez em quando novos ajustamentos e repetindo ocasionalmente alguns trechos. No fim, quando a voz fraca de Bond disse "É, não é?" e houve um longo silêncio, intercalado com o barulho de fundo do restaurante, Enrico Colombo desligou a máquina e ficou sentado olhando para ela. Olhou-a durante um minuto. Sua fisionomia não demonstrava senão aguda concentração em seus pensamentos. Depois desviou os olhos, ficou olhando sem ver e disse suavemente, em voz alta: "Filho da puta." Levantou-se vagorosamente, foi até a porta e virou a chave. Voltou mais uma vez até o "Grundig", disse de novo "Filho da puta" com mais ênfase, saiu e retornou à sua mesa.

Enrico Colombo falou rápida e urgentemente com a mulher. Ela acenou afirmativamente e olhou para Bond através da sala. Bond e Kristatos estavam-se levantando da mesa. Em voz baixa e colérica, a mulher disse a Colombo:

— Você é um homem repugnante. Todos diziam isso e me avisavam contra você. Tinham razão. Só porque me dá jantar em seu sujo restaurante, pensa que tem o direito de insultar-me com suas nojentas propostas...

A voz da mulher tornara-se mais alta. Agarrou sua bolsa e levantou-se violentamente. Ficou ao lado da mesa, diretamente no caminho de Bond para a porta de saída.

O rosto de Enrico Colombo estava preto de raiva. Agora êle também estava em pé.

— Sua maldita cadela austríaca. . .

— Não se atreva a insultar minha terra, seu sapo italiano.

A mulher apanhou um copo meio cheio de vinho e jogou-o com precisão no rosto do homem. Quando êle avançou em sua direção, foi fácil para ela recuar alguns passos sobre Bond, que estava parado com Kristatos esperando delicadamente para passar.

Enrico Colombo parou ofegante, enxugando o vinho do rosto com um guardanapo. Disse furiosamente para a mulher:

— Nunca mais mostre a cara dentro de meu restaurante. Fêz o gesto de cuspir no chão entre eles, virou-se e seguiu diretamente para a porta marcada UFFICIO.

O maitre h'hotel aproximara-se correndo. Todos no restaurante haviam parado de comer. Bond segurou a mulher pelo cotovelo e disse:

— Posso ajudá-la a arranjar um táxi?

Ela se soltou com um gesto brusco. Disse, ainda encolerizada:

— Todos os homens são porcos.

Lembrando-se de manter boas maneiras, acrescentou friamente:

— O senhor é muito bondoso.

Moveu-se altivamente em direção à porta, com os homens atrás.

Houve um zunzum no restaurante e ouviu-se de novo o tilintar de garfos e facas. Todos estavam encantados com a cena. O maitre d'hôtel, com ar solene, segurou a porta aberta. Dirigindo-se a Bond, disse:

— Desculpe, *Monsieur*. O senhor foi muito bondoso em prestar auxílio.

Um táxi que estava passando diminuiu a velocidade. Bond mandou-o encostar-se na calçada e abriu a porta.

A mulher entrou. Bond seguiu-a decididamente e fechou a porta. Através da janela, disse a Kristatos:

— Eu lhe telefonarei amanhã cedo. Está certo?

Sem esperar pela resposta, afundou-se no banco. A mulher recuara para o canto mais distante. Bond perguntou:

— Para onde mando êle ir?

— “Hotel Ambassadori”.

Rodaram algum tempo em silêncio. Depois Bond disse:

— Não quer ir primeiro a algum lugar tomar um drinque?

— Não, obrigada — disse ela, hesitando. — O senhor é muito bondoso, mas esta noite estou cansada.

— Talvez outra noite.

— Talvez, mas vou amanhã para Veneza.

— Eu também vou para lá. Quer jantar comigo amanhã à noite?

A mulher sorriu, dizendo:

— Pensei que os ingleses fossem acanhados. Você é inglês, não é? Qual é seu nome? Que é que você faz?

— Sim, sou inglês. Meu nome é Bond. . . James Bond. Escrevo livros. . . histórias de aventuras. Estou escrevendo um agora sobre tráfico de entorpecentes. Passa-se em Roma e Veneza. O mal é que não sei o suficiente sobre o tráfico. Estou procurando ouvir histórias sobre o assunto. Conhece alguma?

— Então é por isso que estava jantando com aquele Kristatos? Eu o conheço. Êle tem má reputação. Não. Não conheço história alguma. Só sei o que todos sabem.

— Mas é precisamente o que eu quero — disse Bond, entusiasticamente. — Quando disse “histórias” não quis dizer ficção. O que desejo é a espécie de mexerico de alto nível que provavelmente se aproxima muito da verdade. Essa espécie de coisa vale diamantes para um escritor.

A mulher riu.

— Está falando sério. . . ? Diamantes?

— Bem — respondeu Bond. — Eu não ganho tanto assim como escritor, mas já vendi uma opção dessa história para um filme e, se pudesse torná-la bastante autêntica, acredito que farão realmente o filme.

Estendeu a mão e colocou-a sobre a dela em seu colo. Ela não tirou a mão.

— Sim, diamantes. Um broche de diamantes de Van Cleef. Feito?

Ela tirou a mão. Estavam chegando ao Ambassadori. Ela apanhou a bolsa do banco a seu lado e virou-se no banco de modo a ficar com o rosto voltado para êle. O porteiro abriu a porta e a luz da rua transformou seus

olhos em estrelas. Ela examinou o rosto de Bond com certa seriedade e disse:

— Todos os homens são porcos, mas alguns são menos porcos do que outros. Está bem. Eu me encontrarei com você. Mas não para jantar. O que tenho a dizer-lhe não é para lugares públicos. Tomo banho toda tarde no Lido. Mas não na praia elegante. Tomo banho no *Bagni Alberoni*, onde o poeta inglês Byron andava a cavalo. É na ponta da península. O *Vaporetto* pode levá-lo até lá. Você me encontrará lá depois de amanhã — às três horas da tarde. Estarei tomando meu último banho de sol do inverno. Entre as dunas da areia. Você verá um guarda-sol amarelo pálido. Embaixo estarei eu. Sorriu e acrescentou:

— Bata no guarda-sol e pergunte por *Fräulein* Lisl Beaum. Desceu do táxi. Bond seguiu-a. Ela estendeu a mão, dizendo :

— Obrigada por ter corrido em meu socorro. Boa noite.

— Então, às três horas — disse Bond — Estarei lá. Boa noite.

Ela se virou e subiu a escada curva do hotel. Bond acompanhou-a pensativamente com os olhos, depois se virou, voltou para o táxi e disse ao motorista que o levasse ao Nazionale. Sentou-se no fundo do banco e ficou olhando os anúncios luminosos passarem pela janela. As coisas, inclusive o táxi, estavam andando tão depressa que não podia sentir-se confortável. A única coisa que podia controlar era o táxi. Inclinou--se para a frente disse ao motorista que guiasse mais devagar.

O melhor trem de Roma para Veneza é o expresso “Laguna” que deixa diariamente a cidade ao meio-dia. Depois de uma manhã ocupada principalmente em difíceis conversas com seu quartel-general em Londres através do teletipo da Estação I, Bond tomou o expresso no último minuto. O “Laguna” é um trem elegante e moderno, que parece mais luxuoso do que é na realidade. Os bancos são feitos para italianos pequenos e o pessoal do carro-restaurante sofre da mesma doença que aflige seus irmãos nos grandes trens de todo o mundo — genuína aversão pelo viajante moderno e particularmente pelos estrangeiros. Bond tinha um banco no último vagão de alumínio. Se os sete céus estivessem passando diante da janela não lhes teria dado a menor importância. Conservou os olhos voltados para dentro do trem, leu um sacolejante livro, derramou Chianti na toalha da mesa, mudou a posição de suas compridas e doloridas pernas e amaldiçoou as “Ferrovie Italiane dello Stato”.

Mas finalmente ali estava o Mestre e a linha reta da ferrovia através da aquatinta que leva a Veneza. Depois houve o infalível choque de beleza que nunca falha, o suave e oscilante avanço ao longo do Grande Canal em um crepúsculo vermelho como sangue e o extremo prazer — assim parecia — do “Gritti Palace” onde Bond havia reservado o melhor quarto de casal no primeiro andar.

Naquela noite, espalhando notas de mil liras como folhas de árvores no Vallombrosa, James Bond procurou, no “Harry’s Bar”, no “Florian’s” e finalmente no admirável “Quadri”, dar a todos quantos estivessem interessados a impressão que desejara proporcionar à mulher — a de um próspero escritor que vivia em alto padrão. Depois, no temporário estado de euforia que a primeira noite em Veneza provoca, por mais elevado e sério que seja o propósito do visitante, James Bond voltou para o “Gritti” e tirou oito horas de sono sem sonhos.

Maior e outubro são os melhores meses em Veneza. O sol é suave e as noites são frescas. A cena cintilante é mais branda para os olhos e há no ar uma frescura que ajuda a enfrentar aqueles longos quilômetros de pedra, *terrazza* e mármore que são intoleráveis para os pés no verão. E há menos gente. Embora Veneza seja a única cidade do mundo capaz de engolir cem mil turistas com a mesma facilidade que mil — escondendo-os nas suas ruas transversais, usando-os nas cenas de multidão nas *piazas* e abafando-os nos *vaporetti* — é ainda melhor partilhar Veneza com o menor número possível de excursões programadas e *Lederhosen*.

Bond passou a manhã seguinte andando pelas ruas secundárias na esperança de conseguir encontrar uma pista. Visitou duas igrejas — não para admirar seu interior, mas para verificar se alguém entrava atrás dele pela porta principal depois de ter saído pela porta lateral. Ninguém o estava seguindo. Bond foi ao Florian’s, tomou um *Americano* e ouviu um par de esnobes da cultura francesa discutindo o desequilíbrio da imponente fachada da praça de São Marcos. Por impulso, comprou um cartão postal e remeteu-o à sua secretária, que certa vez estivera na Itália com o Grupo Georgiano e nunca permitira a Bond esquecer-se disso. Escreveu: “Veneza está maravilhosa. Até agora examinei a estação ferroviária e a Bolsa de Títulos. Esteticamente muito satisfatórias. Vou ao Chafariz Municipal hoje à tarde e depois assistirei a um velho filme de Brigitte Bardot no cinema “Scala”. Conhece uma música maravilhosa chamada “O Sole Mio”? É muito romântica, como tudo o mais aqui. JB.”

Satisfeito com sua inspiração, Bond almoçou cedo e voltou ao hotel. Fechou com chave a porta do quarto, tirou o paletó e examinou a Walther PPK. Prendeu a trava, praticou uma ou duas sacadas rápidas e tornou a pôr a arma no coldre. Já era hora de partir. Foi ao desembarcadouro flutuante e tomou o *vaporetto* do meio-dia e quarenta para Alberoni, que ficava fora da vista, do outro lado das lagunas espalhadas. Sentou-se em um banco na proa e ficou imaginando o que iria acontecer-lhe.

Do desembarcadouro em Alberoni, do lado da península do Lido que se volta para Veneza, há uma poeirenta caminhada de uns oitocentos metros através do istmo para chegar aos Bagni Alberoni, que ficam do lado do Adriático. É um mundo curiosamente deserto, essa ponta da famosa península. Quilômetro e meio abaixo pela estreita língua de terra o luxuoso loteamento imobiliário termina em uma dispersão de vilas de estuque rachado e conjuntos residenciais falidos. Ali nada existe além da minúscula aldeia pesqueira de Alberoni, um sanatório para estudantes, uma abandonada estação experimental pertencente à Marinha Italiana e alguns maciços embasamentos de artilharia da última guerra, cobertos de mato. Na terra de ninguém, no centro dessa estreita língua de terra, fica o “Golf du Lido”, cujos campos pardacentos e ondulantes serpenteiam ao redor das ruínas de antigas fortificações. Não são muitas as pessoas que vão a Veneza jogar golfe e os grandes hotéis do Lido procuram manter o interesse pelo clube, apelando ao esnobismo. O campo de golfe é cercado por uma alta cerca de arame da qual pendem a intervalos, como se protegessem algo de grande valor ou segredo, ameaçadores *Vietatos* e *Prohibitos*. Ao redor desse bolsão cercado, o mato e as dunas de areia não foram sequer limpadados de minas e entre o enferrujado arame farpado há avisos dizendo “MINAS, PERICOLO DI MORTE” por baixo de caveiras e tíbias cruzadas, toscamente desenhados. Toda a área é estranha e melancólica, em extraordinário contraste com o alegre mundo carnavalesco de Veneza a menos de uma hora de distância através das lagunas.

Bond estava suando um pouco depois de ter andado os oitocentos metros através da península para chegar à praia. Parou um momento embaixo da última das acácias que ladeavam a estrada empoeirada para refrescar-se ao mesmo tempo que procurava orientar-se. À sua frente havia um vacilante arco de madeira sobre o qual estava escrito BAGNI ALBERONI em desbotada tinta azul. Mais além ficavam as fileiras de cabi-

nas de madeira igualmente estragadas, depois cem metros de areia e em seguida o calmo espelho azul do mar. Não havia banhistas e o lugar parecia estar fechado, mas quando atravessou o arco ouviu o som distante de um rádio tocando. Provinha de uma barraca em ruínas que anunciava “Coca-Cola” e vários refrigerantes italianos. Havia pilhas de cadeiras de lona encostadas na parede, dois *pedallos* e um cavalo marinho de criança meio inflado. O estabelecimento inteiro parecia tão arruinado que Bond não podia imaginá-lo fazendo negócio mesmo no auge da temporada de verão. Desceu do estreito passeio de tábuas para a areia macia e quente, e deu a volta por trás das cabinas para chegar à praia. Foi andando pela beirada do mar à esquerda, até desaparecer da névoa do calor do outono, a larga e vazia faixa de areia curvava-se ligeiramente em direção ao Lido propriamente dito. À direita, havia uns oitocentos metros de praia, terminando no quebra-mar na ponta da península. O quebra-mar estendia-se como um dedo pelo silencioso mar espelhado. Em cima do quebra-mar, a intervalos, viam-se as frágeis torres dos pescadores de polvos. Atrás da praia havia as dunas de areia e uma parte da cerca de arame que rodeava o campo de golfe. À beira das dunas de areia, talvez a uns quinhentos metros de distância, avistou uma mancha de amarelo vivo.

Bond avançou em direção a ela ao longo da linha d’água.

— Ham!

As mãos voaram para a minúscula parte superior do biquini e puxaram-no para cima. Bond entrou na linha de visão dela e ficou olhando para baixo. A sombra brilhante do guarda-sol só cobria o rosto. O resto dela — um corpo creme bronzeado em um biquíni preto sobre uma toalha de banho listrada de preto e branco — oferecia-se ao sol.

Ela ergueu os olhos para ele através dos cílios semi-cerrados.

— Você está cinco minutos adiantado e eu lhe disse para bater.

Bond sentou-se ao lado dela, na sombra do grande guarda-sol. Tirou um lenço e enxugou o rosto.

— Acontece que você é a dona da única palmeira em todo este deserto. Precisava abrigar-me embaixo dela o mais depressa possível. Este é um lugar infernal para um encontro.

— Sou como Greta Garbo — disse ela, rindo. — Gosto de ficar sozinha.

— Estamos sozinhos?

Ela abriu muito os olhos.

— Por que não? Ou pensa que eu trouxe alguém para segurar vela?

— Como pensa que todos os homens são porcos...

— Ah, mas você é um porco cavalheiro — disse ela, dando uma risadinha. — Um milorde porco. Além do mais, está quente demais para esse tipo de coisa. E há areia demais. Além disso, este é um encontro comercial, não é? Eu lhe conto histórias sobre entorpecentes e você me dá um broche de diamantes. De Van Cleef. Ou mudou de idéia?

— Não. É exatamente isso. Onde começamos?

— Você faz as perguntas. Que deseja saber?

Sentou-se e puxou os joelhos entre os braços. O coquetismo desapareceu de seus olhos, que se tornaram atentos, talvez um pouco cautelosos.

Bond percebeu a mudança. Disse casualmente, observando-a:

— Dizem que seu amigo Colombo é um homem importante no jogo. Fale-me sobre êle. Êle seria um bom personagem para meu livro — disfarçado, naturalmente. Mas é de pormenores que eu preciso. Como êle age e coisas semelhantes. Essa é a espécie de coisas que um escritor não pode inventar.

Os olhos dela velaram-se. Disse:

— Enrico ficaria muito zangado se soubesse que contei algum de seus segredos. Nem sei o que faria comigo.

— Êle não ficará sabendo.

Ela o olhou com expressão séria.

— *Lieber* Sr. Bond, há muito pouca coisa que êle não saiba. E é também perfeitamente capaz de agir por palpite. Eu não ficaria surpreendida — Bond percebeu que ela olhara rapidamente para seu relógio — se êle tivesse tido a idéia de mandar-me seguir. É um homem muito desconfiado.

Estendeu a mão e tocou a manga de Bond. Agora parecia nervosa. Disse em tom urgente:

— Penso que é melhor ir-se embora agora. Isto foi um grande erro.

Bond olhou abertamente para seu relógio. Eram três e meia. Virou a cabeça de modo a poder olhar para trás do guarda-sol e para o fundo da praia. Bem longe, ao lado das cabinas de banho, havia três homens de roupas escuras. Caminhavam decididamente pela praia, com os pés marcando passo, como se formassem um pelotão.

Bond levantou-se. Olhou para a cabeça curvada e disse secamente:

— Compreendo o que quer dizer. Diga apenas a Colombo que daqui por diante vou escrever sua biografia. Sou um escritor muito persistente. Até logo.

Bond começou a correr pela areia em direção à ponta da península. De lá, poderia descer para a outra praia em direção à aldeia e à companhia segura de gente.

No fundo da praia, os três homens partiram em um rápido trote, com os cotovelos e as pernas movendo-se simultaneamente, como se fossem corredores de longa distância ou estivessem treinando corrida. Quando passaram pela mulher, um deles ergueu a mão. Ela também ergueu a mão em resposta e depois se estendeu na areia e virou-se de costas — talvez para queimar também as costas ou porque não queria ver a caçada humana.

Bond tirou a gravata enquanto corria e guardou-a no bolso. Estava quente e ele já suava abundantemente. Mas o mesmo devia acontecer com os três homens. Era uma questão de ver quem estava melhor treinado. Na ponta da península, Bond saltou sobre o quebra-mar e olhou para trás. Os homens quase não haviam ganho distância, mas agora dois deles estavam-se separando para dar a volta na beirada do limite do campo de golfe. Pareciam não dar atenção aos sinais de perigo com caveiras e tíbias cruzadas. Bond, correndo velozmente pelo largo quebra-mar, medindo ângulos e distâncias. Os dois homens estavam cortando através da base do triângulo. Ia ser uma chegada apertada.

A camisa de Bond já estava ensopada e seus pés começavam a doer. Havia corrido talvez quilômetro e meio. Quanto ainda faltaria para chegar a lugar seguro? A intervalos, ao longo do quebra-mar, as culatras de canhões antigos haviam sido enterradas no concreto. Deviam servir como postes de amarração para as frotas pesqueiras que procuravam a proteção das lagunas antes de sair para o Adriático. Bond contou seus passos entre dois deles. Cinquenta metros. Quantos calombos pretos ainda havia até o fim do quebra-mar — até as primeiras casas da aldeia? Bond contou até trinta antes que a fileira desaparecesse na névoa do calor. Provavelmente mais um quilômetro e meio. Conseguiria chegar até lá e com suficiente velocidade para derrotar os dois homens que avançavam pelos flancos? A respiração de Bond já estava raspando na garganta. Agora até seu terno estava ensopado de suor e o pano da calça incomodava as pernas. Atrás dele, a uns trezentos metros de distância, corria o único

perseguidor. À direita, serpenteando entre as dunas de areia e convergindo rapidamente, iam os outros dois. À esquerda, havia uma parede de alvenaria de seis metros que descia ingrementemente para as águas verdes, desaparecendo no Adriático.

Bond estava planejando diminuir o passo e começar a andar, para conservar fôlego suficiente a fim de enfrentar os três homens, quando duas coisas aconteceram em rápida sucessão. Primeiro, viu através da névoa à frente um grupo de pescadores armados de arpões. Havia uma meia dúzia deles, alguns na água e outros tomando sol em cima do quebra-mar. Depois, das dunas de areia veio o ronco surdo de uma explosão. Terra, vegetação e o que talvez fosse pedaços de um homem ergueram-se rapidamente no ar. Uma pequena onda de choque atingiu Bond. Bond diminuiu o passo. O outro homem nas dunas havia parado. Estava paralisado. Tinha a boca aberta e dela saía uma algaravia assustada. De repente, caiu ao chão, com os braços em volta da cabeça. Bond conhecia os sinais. O homem não voltaria a mover-se até que alguém o tirasse de lá. Bond sentiu-se aliviado. Agora faltavam apenas uns duzentos metros para chegar até onde estavam os pescadores. Estes já se reuniam em grupo, olhando para êle. Bond procurou lembrar algumas palavras em italiano e ensaiou-as. *“Mi inglês. Prego, dove il carabinieri.”* Bond olhou para trás. Era estranho, mas apesar dos pescadores que observavam tudo, o homem ainda vinha correndo. Havia ganho distância e estava apenas uns cem metros atrás. Agora, à frente, os pescadores abriram-se em leque através do caminho de Bond. Tinham espingardas de arpão prontas para disparar. No centro estava um homem grande, com um minúsculo calção de banho vermelho pendurado embaixo da barriga. Tinha uma máscara verde empurrada para trás sobre a cabeça. Estava em pé com as nadadeiras azuis apontando para fora e as mãos nos quadris. Parecia Mr. Toad, de Toad Hall em technicolor. A idéia engraçada morreu no nascedouro na cabeça de Bond. Ofegante, diminuiu a marcha e passou a andar. Automaticamente sua mão suada procurou a arma embaixo do paletó e puxou-a para fora. O homem no centro do arco de arpões que apontavam para êle era Enrico Colombo.

Colombo observou-o aproximar-se. Quando estava a vinte metros, disse calmamente:

— Guarde seu brinquedo, Sr. Bond do Serviço Secreto. Estas são espingardas de arpão C02. E fique onde está. Se não quiser tornar-se uma

cópia de São Sebastião de Mantegna.

Virou-se para o homem à sua direita e falou em inglês:

— A que distância estava o albanês na semana passada?

— Vinte metros, padrone. E o arpão atravessou seu corpo. Mas êle era um homem gordo — talvez duas vezes mais gordo do que este.

Bond parou. Um dos calombos de ferro estava a seu lado. Sentou-se sobre êle e descansou a arma sobre o joelho. A arma estava apontada para o meio da grande barriga de Colombo.

— Cinco arpões em mim não impedirão uma bala em você, Colombo — disse Bond.

Colombo sorriu e fez um aceno com a cabeça. O homem que se aproximava silenciosamente por trás de Bond bateu com força na base do crânio com o cabo de sua Luger.

Quando uma pessoa volta a si depois de ter sido atingida na cabeça, sua primeira reação é um acesso de vômito. Mesmo em sua miséria. Bond tinha consciência de duas sensações: estava em um barco no mar e alguém, um homem, limpava sua testa com uma toalha úmida e fresca, murmurando encorajadoramente em mau inglês:

— Está *okay*, amigo. Calma. Calma.

Bond deixou-se cair de costas em sua tarimba, exausto. Era uma cabina pequena e confortável com perfume feminino, belas cortinas e cores. Um marinheiro com blusa e calça esfarrapadas — Bond acreditou reconhecê-lo como um dos pescadores de arpão — estava curvado sobre êle. Sorriu quando Bond abriu os olhos.

— Está melhor, sim? *Súbito okay*.

Esfregou sua própria nuca como manifestação de simpatia e acrescentou.

— Dói durante algum tempo. Logo ficará só uma mancha, embaixo dos cabelos. As garotas não verão.

Bond sorriu debilmente e concordou com um aceno de cabeça. A dor que o movimento causou fê-lo fechar os olhos. Quando os abriu, o marinheiro sacudiu a cabeça como uma advertência. Aproximou seu relógio-pulseira dos olhos de Bond. Marcava sete horas. Apontou com o dedo mínimo para o número nove.

— *Mangiare com padrone, si?*

Bond disse: — *Sì*.

O homem pôs a mão no rosto e inclinou a cabeça de lado.

— *Dormire.*

Bond disse de novo “Si” e o marinheiro saiu da cabina, fechando a porta sem passar a chave.

Bond levantou-se cambaleante da tarimba, foi até a pia e começou a limpar-se. Em cima da cômoda, em uma pilha bem arrumada, estavam seus objetos pessoais. Tudo estava lá, com exceção de sua arma. Bond guardou as coisas no bolso. Sentou-se de novo na tarimba e ficou pensando e fumando. Seus pensamentos eram absolutamente inconclusivos. Estava sendo seqüestrado, mas pelo procedimento do marinheiro não parecia ser considerado como inimigo. No entanto, haviam-se dado a muito trabalho para fazê-lo prisioneiro e, no processo, um dos homens de Colombo chegara a morrer, embora inadvertidamente. Não parecia que se tratasse apenas de matá-lo. Talvez esse tratamento suave fosse a preliminar de uma tentativa de negociar com êle. Qual seria o negócio — e qual seria a alternativa?

Às nove horas, o mesmo marinheiro foi buscar Bond, levou-o por um curto corredor até uma pequena e desarrumada sala e deixou-o lá. Havia uma mesa e duas cadeiras no centro da sala e, ao lado da mesa, um carrinho níquelado coberto de comidas e bebidas. Bond experimentou uma portinhola na extremidade da sala. Estava trancada. Abriu uma das vigias e olhou para fora. Havia apenas luz suficiente para ver que o navio tinha umas duzentas toneladas e poderia ter sido antes um grande barco pesqueiro. O motor parecia ser um único diesel e estava sendo forçado. Bond calculou a velocidade do barco em seis ou sete nós. No horizonte escuro havia um pequeno amontoado de luzes amarelas. Parecia provável que estivessem descendo ao largo da costa do Adriático.

O trinco da portinhola rangeu. Bond pôs a cabeça para dentro. Colombo desceu os degraus. Estava vestido com camiseta, calça de algodão grosso e sandálias. Havia em seus olhos um brilho malicioso e divertido. Sentou-se em uma cadeira e fez um gesto mostrando a outra.

— Vamos, meu amigo. Comida, bebida e muita conversa. Agora vamos deixar de agir como meninos e ser adultos. Está bem? Que vai querer? Gim, uísque, champanha? E esta é a melhor salsicha de toda a Bolonha. Azeitonas de minha própria fazenda. Pão, manteiga, Provolone — isso é queijo defumado — e figos frescos. Comida de camponês, mas boa. Vamos. Aquela corrida toda deve ter-lhe dado apetite.

Seu riso era contagioso. Bond serviu-se de uma boa dose de uísque com soda e sentou-se. Disse:

— Por que precisou dar-se a tanto trabalho? Poderíamos ter-nos encontrado sem todo esse drama. Deste jeito, você arrumou uma porção de encrenca para si próprio. Avisei meu chefe de que alguma coisa deste tipo poderia acontecer-me. A maneira como a garota agarrou-me em seu restaurante foi muito infantil para convencer. Eu disse que ia cair na cilada para ver do que se tratava. Se amanhã ao meio dia não estiver novamente livre, a Interpol e toda a polícia italiana estarão atrás de você.

Colombo parecia perplexo.

— Se estava disposto a cair na cilada — disse — por que tentou fugir de meus homens hoje à tarde? Mandeí-os buscá-lo e trazê-lo para meu navio. Teria sido muito mais amistoso. Agora, eu perdi um bom homem e você poderia facilmente ter ficado com o crânio quebrado. Não compreendo.

— Não gostei da aparência daqueles três homens. Conheço assassinos quando os vejo. Imaginei que você poderia estar pensando em fazer alguma estupidez. Você devia ter usado a garota. Os homens eram desnecessários.

Colombo sacudiu a cabeça.

— Lisl estava disposta a descobrir mais coisas a seu respeito, mas nada além disso. Ela agora vai ficar tão zangada comigo quanto você. A vida é muito difícil. Gosto de fazer amizade com todo o mundo e agora fiz dois inimigos em uma tarde. É muito mau.

Colombo parecia genuinamente sentido. Cortou uma grossa fatia de salsicha, tirou impacientemente a pele com os dentes e começou a comer. Com a boca ainda cheia, tomou um copo de champanha e empurrou a salsicha com êle. Sacudindo a cabeça recriminadoramente, disse:

— É sempre assim. Quando estou aborrecido preciso comer. Mas a comida que como quando estou aborrecido não é digerida. E agora você me deixou aborrecido. Você diz que poderíamos ter-nos encontrado e discutido as coisas... que eu não precisaria ter-me dado a todo este trabalho.

Estendeu as mãos desamparadamente.

— Como poderia eu saber disso? Dizendo isso, você põe o sangue de Mário nas minhas mãos. Não o mandei tomar um atalho por aquele lugar.

Colombo bateu na mesa e gritou colericamente com Bond.

— Não concordo em que tudo isso tenha sido por minha culpa. Foi culpa sua. Você concordou em matar-me. Como pode alguém arrumar um encontro amistoso com seu próprio assassino? Eh? Explique-me isso?

Colombo arrancou um pedaço de um comprido pão e enfiou-o na boca, com os olhos furiosos.

— De que diabo está falando?

Colombo jogou o resto do pão sobre a mesa e levantou-se, sem desviar seus olhos dos de Bond. Caminhou de lado, ainda olhando fixamente para Bond, até uma cômoda, tateou o puxador da gaveta superior, abriu-a, enfiou a mão dentro e tirou o que Bond reconheceu ser uma máquina de tocar fita de gravação. Ainda olhando acusadoramente para Bond, levou a máquina até a mesa. Sentou-se e apertou um botão.

Quando ouviu a voz, Bond apanhou seu copo de uísque e olhou para dentro dele. A voz distante dizia: “Exatamente. Agora, antes de dar-lhe as informações, como bons comerciantes, vamos estabelecer as condições. Está bem?” A voz continuou: “Dez mil dólares americanos. . . Não vai dizer onde obteve essas informações. Mesmo que seja derrotado. . . O chefe dessa máquina é um homem mau. . . Ele precisa ser *destrutto*... morto.” Bond esperou que sua própria voz surgisse acima dos baralhos do restaurante. Houve uma longa pausa enquanto ele pensava na última condição. Que havia dito? Sua voz saiu da máquina, respondendo-lhe: “Não posso prometer isso. Você deve compreender. Só posso dizer que se o homem tentar destruir-me, eu o destruirei.”

Colombo desligou a máquina. Bond engoliu seu uísque. Agora podia erguer os olhos para Colombo. Disse defensivamente:

— Isso não faz de mim um assassino.

Colombo olhou-o pesarosamente.

— Para mim, faz. Vindo de um inglês. Trabalhei para os ingleses durante a guerra. Na Resistência. Recebi uma Medalha do Rei.

Pôs a mão no bolso e jogou sobre a mesa a medalha “Freedom” de prata, com a fita listrada de vermelho, branco e azul.

— Está vendo? — perguntou.

Bond continuou fitando obstinadamente os olhos de Colombo. Disse:

— E o resto do negócio naquela fita? Você há muito tempo deixou de trabalhar para os ingleses. Agora trabalha contra eles, por dinheiro.

Colombo resmungou. Bateu na máquina com o dedo indicador. De-

pois disse impassivelmente:

— Ouvi tudo. É mentira.

Bateu com o punho sobre a mesa, fazendo os copos saltarem, e gritou furiosamente:

— É mentira, mentira. Tudo aquilo é mentira. Levantou-se de um salto. Sua cadeira caiu para trás.

Curvou-se vagarosamente e apanhou-a. Estendeu a mão para a garrafa de uísque, deu a volta na mesa e derramou quatro dedos no copo de Bond. Voltou à sua cadeira, sentou-se e pôs a garrafa de champanha sobre a mesa à sua frente. Agora sua fisionomia estava calma e séria. Disse serenamente:

— Nem tudo aquilo é mentira. Há um grão de verdade no que aquele bastardo lhe disse. É por isso que resolvi não discutir com você. Você poderia não acreditar em mim. Teria chamado a polícia. Haveria muita encrenca para mim e meus camaradas. Mesmo que você ou alguma outra pessoa não encontrasse razão para matar-me, haveria escândalo e ruína. Em lugar disso, decidi mostrar-lhe a verdade... a verdade que mandaram você descobrir na Itália. Dentro de horas, amanhã de madrugada, sua missão estará terminada. Presto... assim — concluiu Colombo, estalando os dedos.

— Que parte da história de Kristatos não é mentira? — perguntou Bond.

Os olhos de Colombo fixaram-se nos de Bond, calculando. Finalmente, disse:

— Meu amigo, eu sou um contrabandista. Essa parte é verdadeira. Sou provavelmente o mais próspero contrabandista do Mediterrâneo. Metade dos cigarros americanos que entram na Itália são trazidos de Tanger por mim. Ouro? Sou o único fornecedor do mercado negro de moeda. Diamantes? Tenho meu próprio fornecedor em Beirute com linhas diretas para Serra Leoa e África do Sul. Antigamente, quando essas coisas eram escassas, eu também lidava com aureomicina, penicilina e outros remédios. Suborno nos hospitais das bases americanas. E houve muitas outras coisas... até mesmo belas garotas da Síria e da Pérsia para as casas de Nápoles. Também contrabandeei sentenciados foragidos. Mas — o punho de Colombo bateu sobre a mesa — entorpecentes, heroína, ópio, haxixe, não! Nunca! Nada quero ter com essas coisas. Essas coisas são más. Nas outras não há pecado. Erguendo a mão direita, Colombo acrescentou:

— Meu amigo, isso eu juro pela cabeça de minha mãe.

Bond estava começando a ver a luz. Estava preparado para acreditar em Colombo. Sentia mesmo uma curiosa simpatia por esse pirata ambicioso e impetuoso que quase tinha sido condenado por Kristatos.

— Mas por que Kristatos apontou o dedo para você? — perguntou Bond. — Que tinha a ganhar com isso?

Colombo sacudiu vagarosamente um dedo diante de seu nariz.

— Meu amigo — disse êle — Kristatos é Kristatos. Está fazendo o maior jogo dúplice que é possível conceber. Para mantê-lo — para manter a proteção do serviço secreto americano e de seu pessoal de entorpecentes — precisa jogar-lhes uma vítima de vez em quando — algum homem pequeno da orla do grande jogo. Mas com este problema inglês, o caso é diferente. É um tráfico enorme. Para protegê-lo, era necessária uma grande vítima. Eu fui escolhido — por Kristatos ou por seus empregadores. E é verdade que, se tivesse sido vigoroso em suas investigações e tivesse gasto bastante moeda forte para comprar informações, você poderia ter descoberto a história de minhas operações. Mas cada pista na minha direção teria levado você para mais longe da verdade. No final, pois eu não subestimo seu Serviço, eu teria ido para a prisão. Mas a grande raposa que você está procurando ficaria só rindo do barulho da caçada que morreria à distância.

— Por que Kristatos queria que eu o matasse?

A fisionomia de Colombo assumiu uma expressão astuciosa.

— Meu amigo, eu sei coisas demais. Na fraternidade dos contrabandistas, de vez em quando tropeçamos em um canto do negócio de outro homem. Não há muito tempo, neste barco, tive um combate em retirada com uma pequena canhoneira da Albânia. Um disparo providencial incendiou seu combustível. Só houve um sobrevivente, que foi convencido a falar. Fiquei sabendo muito, mas como um tolo resolvi correr o risco com os campos de minas e desembarquei-o na costa norte de Tirana. Foi um erro. Desde então tenho esse bastardo de Kristatos atrás de mim.

Colombo sorriu cruelmente e acrescentou:

— Tenho uma informação de que êle não tem conhecimento. E temos um encontro com essa informação à primeira luz do dia amanhã, em Santa Maria, pequeno porto pesqueiro logo ao norte de Ancona. E lá — concluiu Colombo, com uma risada áspera e cruel — veremos o que houver para ver.

Bond sorriu brandamente e perguntou:

— Qual é seu preço por tudo isso? Você diz que minha missão estará terminada amanhã de manhã. Quanto?

Colombo sacudiu a cabeça. Disse em tom indiferente:

— Nada. Acontece que nossos interesses coincidem. Você vai prometer-me, porém, que tudo quanto eu disse esta noite ficará entre eu e você, e, se necessário, seu chefe em Londres. Nunca deverá voltar à Itália. Está combinado?

— Sim. Concordo com isso.

Colombo levantou-se. Foi até a cômoda e tirou a arma de Bond. Entregou-a a Bond, dizendo:

— Nesse caso, meu amigo, é melhor ficar com isto, porque vai precisar. E é melhor também dormir um pouco. Haverá rum e café para todos às cinco da manhã.

Estendeu a mão. Bond apertou-a. De repente, os dois homens passaram a ser amigos. Bond sentiu isso.

— Está bem, Colombo — disse desajeitadamente, antes de sair da sala e encaminhar-se para sua cabina.

O “Colombina” tinha uma tripulação de doze homens. Eram homens jovens e de aparência decidida. Falavam em voz baixa entre si enquanto canecas de café quente e rum eram servidas por Colombo na sala. Uma lanterna de tempestade era a única luz — pois o navio fora escurecido — e Bond sorriu consigo mesmo diante da atmosfera de Ilha do Tesouro, do ar de excitação e conspiração. Colombo foi de homem em homem fazendo uma inspeção das armas. Todos tinham Lugers, carregadas embaixo da camisa de malha e por dentro do cós da calça, e facas de mola no bolso. Colombo teve uma palavra de aprovação ou de crítica para cada arma. Ocorreu a Bond que Colombo arrumara uma boa vida para si próprio — uma vida de aventura, emoção e risco. Era uma vida criminosa — um combate em retirada com as leis monetárias, o monopólio estatal de tabaco, a Alfândega e a polícia — mas havia no ar um cheiro de travesura adolescente que mudava a cor do crime de preto para branco — ou pelo menos cinzento.

Colombo olhou para seu relógio. Mandou os homens para seus postos. Apagou a lanterna e, sob a luz cinzenta da madrugada, Bond seguiu-o até a ponte. Viu que o navio estava perto de um litoral preto e rochoso, ao longo do qual navegava em velocidade reduzida. Colombo

apontou para frente.

— Do outro lado daquele cabo fica a baía. Nossa aproximação não será observada. Na baía, encostado no desembarcadouro, espero encontrar um navio mais ou menos deste tamanho, descarregando inocentes bobinas de papel de imprensa por uma rampa que entra em um armazém. Depois de dar a volta ao cabo, avançaremos a toda velocidade, encostaremos ao lado desse navio e o abordaremos. Haverá resistência. Haverá cabeças quebradas. Espero que não haja tiros. Não atiraremos a menos que eles comecem. Mas será um navio albanês tripulado por albaneses durões. Se houver tiroteio, você deverá atirar com o resto de nós. Essa gente é inimiga de seu país tanto quanto do meu. Se você morrer, morreu. Está bem?

— Está muito bem.

Quando Bond dizia essas palavras, veio um tilintar do telégrafo da casa das máquinas e a cobertura começou a tremer sob seus pés. Fazendo dez nós, o pequeno navio deu a volta ao cabo para entrar na baía.

Aconteceu como Colombo havia dito. Encostado no desembarcadouro de pedra, havia um navio, com suas velas trapeando ociosamente. De sua popa uma rampa de tábuas descia em direção à boca escura de um decrepito armazém de ferro corrugado, em cujo interior estavam acesas fracas luzes elétricas. O navio transportava na cobertura uma carga que parecia ser bobinas de papel de imprensa. As bobinas estavam sendo baixadas uma por uma sobre a rampa de onde rolavam por seu próprio peso através da boca do armazém. Havia uns vinte homens à vista. Só a surpresa poderia anular essa desvantagem. Agora o barco de Colombo estava a cinqüenta metros de distância do outro navio. Um ou dois dos homens pararam de trabalhar e olharam na direção do barco de Colombo. Um homem correu para dentro do armazém. Nesse instante Colombo deu uma ordem rápida. Os motores pararam e começaram a funcionar ao contrário. Um grande holofote foi aceso na ponta e iluminou brilhantemente toda a cena, enquanto o navio se encostava ao lado do pesqueiro albanês. Ao primeiro e violento contato, arpões foram lançados sobre o parapeito do navio albanês, na frente e atrás, e os homens do “Colombina” subiram pelo costado com Colombo à frente.

Bond havia feito seus próprios planos. Assim que seus pés pisaram na cobertura inimiga, correu diretamente através do navio, subiu no parapeito do outro lado e saltou. Havia uma distância de uns quatro metros

até o desembarcadouro e Bond nele caiu como um gato, sobre as mãos e as pontas dos pés. Ficou imóvel por um momento, agachado, planejando seu movimento seguinte. O tiroteio já começara na coberta. Um dos primeiros tiros apagara o holofote e agora só havia a luz cinzenta e luminosa da aurora. Um corpo, de um inimigo, caiu sobre as pedras à sua frente e ficou tombado de braços abertos, imóvel. Ao mesmo tempo, da boca do armazém, uma metralhadora leve começou a disparar, lançando rajadas curtas com toque altamente profissional. Bond correu em direção a ela na sombra escura do navio. O homem da metralhadora avistou-o e lançou-lhe uma rajada. As balas zuniram em volta de Bond, bateram no casco de ferro do navio e desapareceram na noite. Bond procurou a proteção da rampa de tábuas e mergulhou para a frente de barriga. As balas enterravam-se na madeira acima de sua cabeça. Bond rastejou para a frente no espaço estreito. Quando chegasse o mais perto possível, poderia escolher entre sair para a direita ou para a esquerda das tábuas. Houve uma série de pesadas batidas e o barulho de algo rolando rapidamente em cima de sua cabeça. Um dos homens de Colombo devia ter cortado as cordas, fazendo com que toda a pilha de bobinas de papel rolasse pela rampa. Agora era a oportunidade de Bond. Saltou para fora de seu esconderijo — para a esquerda. Se estivesse esperando por ele, o homem da metralhadora acreditaria que ia aparecer disparando pela direita. O homem da metralhadora lá estava, agachado e encostado à parede do armazém. Bond disparou duas vezes na fração de segundo antes que o cano brilhante da arma inimiga girasse em seu pequeno arco. O dedo do homem morto premiu o gatilho e, enquanto ele caía, a arma disparou uma curta rajada antes de soltar-se de sua mão e cair ao chão.

Bond estava correndo em direção à porta do armazém quando escorregou e caiu de cabeça. Ficou imóvel por um momento, estonteado, com o rosto em uma poça de melaço preto. Praguejou, ergueu-se sobre as mãos e os joelhos, e correu esconder-se atrás de um monte de bobinas de papel que haviam batido na parede do armazém. De uma delas, furada por uma rajada da metralhadora, escorria o melaço preto. Bond limpou o mais que pôde de suas mãos e de seu rosto. Tinha o cheiro adocicado e rançoso que Bond já sentira certa vez no México. Era ópio bruto.

Uma bala enterrou-se na parede do armazém não longe de sua cabeça. Bond limpou pela última vez a mão nos fundimos da calça e saltou para a porta do armazém. Ficou surpreso em não ser alvejado do in-

terior assim que sua silhueta apareceu na porta. Dentro estava silencioso e fresco. As luzes haviam sido apagadas, mas agora estava ficando mais claro lá fora. As claras bobinas de papel estavam empilhadas em fileiras metódicas, tendo no centro um espaço para servir como corredor. Na outra extremidade do corredor havia uma porta. Todo esse arranjo parecia olhá-lo de soslaio, desafiando-o. Bond sentiu o cheiro da morte. Recuou para a porta e saiu. O tiroteio tornara-se espasmódico. Colombo vinha correndo rapidamente em sua direção, com os pés perto do chão, como correm os homens gordos. Bond disse peremptoriamente:

— Fique nesta porta. Não entre e não deixe nenhum de seus homens entrar. Vou dar a volta por trás.

Sem esperar por resposta, deu a volta correndo no canto do prédio e avançou pelo lado.

O armazém tinha uns quinze metros de comprimento. Bond diminuiu o passo e caminhou silenciosamente até o outro canto. Encostou-se na parede de ferro corrugado e olhou rapidamente pelo canto. Recuou imediatamente. Havia um homem em pé na entrada do fundo. Tinha os olhos em alguma espécie de orifício para espionar dentro do armazém. Na mão tinha um pistão do qual saíam fios que se estendiam por baixo da porta. Um carro, um conversível preto Lancia Granturismo de capota baixada, estava a seu lado, com o motor roncando maciamente. O carro estava voltado para o interior, em uma estrada empoeirada e profundamente trilhada.

O homem era Kristatos.

Bond ajoelhou-se. Segurou a arma com as duas mãos para ter mais firmeza, inclinou-se para fora do canto do prédio e disparou um tiro contra os pés do homem. Errou. Quase no mesmo instante em que viu a poeira levantar-se a centímetros do alvo, houve o barulho estrondoso de uma explosão. A parede de latão atingiu-o e jogou-o longe.

Bond levantou-se cambaleando. O armazém entortara-se doidamente. Agora começava a ruir barulhentemente, como um maço de cartas de latão. Kristatos estava no automóvel. Já estava vinte metros distante, com as rodas traseiras jogando poeira para o alto. Bond assumiu a clássica pose de tiro de pistola e mirou cuidadosamente. A Walther rugiu e escoiceou três vezes. No último tiro, a cinquenta metros, a figura agachada sobre o volante sacudiu-se para trás. As mãos largaram a direção e estenderam-se para os lados. A cabeça espichou momentaneamente

para o alto e caiu para a frente. A mão direita continuou estendida para fora, como se o homem morto estivesse fazendo sinal de virar à direita. Bond começou a correr pela estrada, esperando que o carro parasse, mas as rodas estavam presas nos trilhos e, com o peso do pé direito do homem morto ainda sobre o acelerador, o Lancia continuou a correr em sua gritante terceira. Bond parou e ficou observando-o. O carro corria pela estrada plana que atravessava uma planície queimada e a nuvem de poeira branca erguia-se alegremente atrás dele. Bond esperava que a qualquer momento êle saísse da estrada, mas não saiu. Ficou olhando-o até perdê-lo de vista no nevoeiro da manhã que prometia um belo dia.

Bond travou sua arma e enfiou-a na cintura da calça. Quando se virou, viu Colombo aproximando-se. O homem gordo sorria encantado. Chegou até a Bond e, para horror deste, estendeu seus braços abertos, puxou Bond em sua direção e beijou-o em ambas as faces.

— Pelo amor de Deus, Colombo! — disse Bond.

Colombo estourou numa risada.

— Ah, o fleugmático inglês! Nada teme, senão as emoções. Mas eu — disse batendo no próprio peito — eu, Enrico Colombo, gosto deste homem e não tenho vergonha de confessá-lo. Se você não tivesse liquidado o homem da metralhadora, nenhum de nós teria sobrevivido. Perdi dois de meus homens e outros ficaram feridos. Mas só restou em pé meia dúzia de albaneses, que fugiram para a aldeia. Sem dúvida, a polícia os prenderá. E agora você mandou aquele maldito Kristatos de automóvel para o inferno. Que esplêndido fim para êle! Que acontecerá quando o pequeno esquife de corrida chegar à rodovia principal? Êle já está fazendo sinal com a mão de que vai virar à direita para entrar na auto-estrada. Espero que se lembre de entrar à direita.

Colombo deu um violento tapa no ombro de Bond.

— Vamos, meu amigo — disse êle. — É tempo de sairmos daqui. As válvulas estão abertas no navio albanês, que logo irá ao fundo. Não há telefone neste lugarzinho. Levaremos uma boa vantagem sobre a polícia. Demorarão algum tempo para conseguir saber alguma coisa dos pescadores. Falei com o chefe. Ninguém aqui gosta de albaneses. Mas precisamos ir embora. Temos uma boa vela ao vento e não há médico em que eu possa confiar deste lado de Veneza.

Chamas estavam começando a aparecer no desmoronado armazém e dele se desprendiam vagalhões de fumaça que cheiravam como

legumes doces. Bond e Colombo caminharam contra o vento. O navio albanês encostara-se no fundo e suas cobertas estavam inundadas. Atravessaram o navio andando sobre a água e subiram para bordo do “Colombina”, onde Bond precisou submeter-se a mais apertos de mão e tapas nas costas. Partiram imediatamente e rumaram para o cabo que guardava a baía. Havia um pequeno grupo de pescadores em pé ao lado de seus barcos puxados para a praia abaixo de um amontoado de cabanas de pedra. Causavam uma impressão desagradável, mas quando Colombo aceitou com a mão e gritou algo em italiano, a maioria deles ergueu a mão em despedida e um deles gritou em resposta algo que fez a tripulação do “Colombina” rir. Colombo explicou:

— Dizem que nós somos melhores que o cinema de Ancona e devemos voltar de novo.

Bond sentiu desaparecer toda sua excitação. Sentia-se sujo e barbudo. Podia sentir o cheiro de seu próprio suor. Desceu, tomou uma navalha e uma camisa limpa emprestadas de um dos tripulantes, despiu-se em sua cabina e lavou-se. Quando tirou a arma e jogou-a sobre a tarimba, sentiu um cheiro de cordite sair do cano. Isso lhe trouxe de volta o medo, a violência e a morte na madrugada cinzenta. Abriu a vigia. Fora, o mar dançava alegremente e o litoral que recuava, antes negro e misterioso, era agora verde e bonito. Um repentino e delicioso cheiro de toucinho frigindo foi trazido da cozinha pelo vento. Abruptamente, Bond fechou a viga, vestiu-se e foi para a sala.

Sobre um monte de ovos fritos e toucinho defumado, regados por café doce quente misturado com rum. Colombo pôs os pingos nos “ii” e os traços nos “tt”.

— Isso nós conseguimos, meu amigo — disse êle, mastigando torrada. — Era o suprimento de um ano de ópio bruto a caminho da indústria química de Kristatos em Nápoles. É verdade que eu tenho um negócio semelhante em Milão, que serve como conveniente depósito para algumas de minhas mercadorias. Mas não produz coisa alguma mais mortal do que cascara e aspirina. Em toda essa parte da história de Kristatos, onde está escrito Colombo deve-se ler Kristatos. Era êle quem transformava o material em heroína e era êle quem empregava os mensageiros que a levavam para Londres. Aquele enorme carregamento valia talvez um milhão de libras para Kristatos e seus homens. Mas sabe de uma coisa, meu caro James? Não lhe custava um único centavo. Por quê? Porque

era presente da Rússia. Presente de um maciço e mortal projétil para ser disparado contra as entranhas da Inglaterra. Os russos podem fornecer quantidades ilimitadas de carga para o projétil. Provém de suas culturas de papoula no Cáucaso e a Albânia é um entreposto conveniente. Mas eles não têm o aparelhamento para disparar o projétil. Kristatos criou o aparelhamento necessário e era ele quem, em nome de seus senhores na Rússia, apertava o gatilho. Hoje, entre nós, destruímos, em meia hora, toda a conspiração. Você pode voltar e dizer a sua gente na Inglaterra que o tráfico cessará. Pode também dizer-lhe a verdade: que a Itália não era a origem dessa terrível arma subterrânea de guerra. Ela provinha de nossos velhos amigos, os russos. Sem dúvida é parte de alguma guerra psicológica de seu aparelhamento de espionagem. Isso posso assegurar-lhe. Talvez, meu caro James — prosseguiu Colombo, sorrindo encorajadoramente — o mandem a Moscou para descobrir isso. Se tal acontecer, esperamos que encontre alguma garota tão encantadora quanto sua amiga *Fräulein* List Baum para pô-lo no caminho reto da verdade.

— Por que diz “minha amiga”? Ela é sua.

Colombo sacudiu a cabeça.

— Meu caro James, tenho muitos amigos. Você vai passar mais alguns dias na Itália escrevendo seu relatório e sem dúvida — Colombo deu uma risadinha — conferindo algumas das coisas que lhe contei. Talvez passe também uma agradável meia hora explicando as realidades da vida a seus colegas do serviço secreto americano. Entre esses deveres, precisará de companhia — de alguém que lhe mostre as belezas de minha terra adorada. Em países incivilizados, é um costume cortês oferecer uma de suas esposas ao homem que você ama e que deseja homenagear. Eu também sou incivilizado. Não tenho esposas, mas tenho muitas amigas, como Lisl Baum. Ela não precisará receber instruções nessa matéria. Tenho boa razão para acreditar que está esperando seu regresso esta noite.

Colombo enfiou a mão no bolso da calça e tirou algo que deixou cair barulhentosamente sobre a mesa em frente de Bond.

— Aqui está a boa razão — disse Colombo, pondo a mão no coração e olhando seriamente para os olhos de Bond. — Dou-a de coração. Talvez venha também do coração dela.

Bond apanhou o objeto. Era uma chave tendo presa a ela uma pesada chapa de metal. Na chapa de metal estava escrito: *Albergo Danielli. Quarto 68.*

a raridade de hildebrand

A arraia tinha uns dois metros de uma extremidade à outra das nadadeiras e talvez três metros de comprimento, desde a ponta rombuda de seu focinho até o fim de sua mortal cauda. Era cinzenta escura com aquele matiz roxo que é muitas vezes um sinal de perigo no mundo sub-marino. Quando se levantou da areia côm de ouro pálida e nadou por curta distância foi como se uma toalha preta estivesse sendo sacudida dentro da água.

James Bond, com as mãos estendidas ao longo do corpo e nadando apenas com um suave movimento de suas nadadeiras, seguiu a sombra preta através da laguna orlada de palmeiras, esperando oportunidade para um disparo. Raramente matava peixe a não ser para comer, mas havia exceções — as grandes moréias e todos os membros da família do peixe-escorpião. Agora pretendia matar a arraia porque parecia extraordinariamente má.

Eram dez horas da manhã de um dia de abril e a laguna Belle Anse, perto da extremidade sul de Mahe, a maior ilha do arquipélago das Seychelles, estava serena como vidro. A monção noroeste deixara de soprar meses antes e somente em maio começaria a monção sudeste. Agora a temperatura era de 27 graus à sombra e a umidade de noventa. Na laguna, a água fechada estava quase quente. Até os peixes pareciam entorpecidos. Um bodião verde de cinco quilos, mordiscando algas em

uma massa de coral, parou apenas para girar os olhos quando Bond passou por cima, e depois voltou à sua refeição. Um cardume de pequenos e chatos peixes cinzentos, nadando rapidamente, abriu-se ao meio com cortesia para dar passagem à sombra de Bond, depois voltou a fechar-se e continuou seu avanço na direção contrária. Uma fileira de seis pequenas lulas, normalmente tão ariscas quanto pássaros, nem sequer tentou modificar sua camuflagem quando Bond passou.

Bond avançava preguiçosamente, conservando a arraia ao alcance da vista. Logo ela se cansaria ou então se tranquilizaria vendo que Bond, o grande peixe à superfície, não atacava. Então pararia em um lugar de areia lisa, mudaria sua camuflagem para o cinzento mais pálido, quase translúcido, e, com suaves ondulações de suas nadadeiras, enterrar-se-ia na areia.

A linha de recifes estava chegando perto e agora havia afloramentos negros de coral e campinas de plantas marinhas. Era como chegar do campo aberto a uma cidade. Por toda parte os coloridos peixes dos recifes resplandeciam e cintilavam. As gigantescas anêmonas do Oceano Índico ardiam como chamas nas sombras. Colônias de espinhosos ouriços do mar formavam manchas em sépia como se alguém tivesse jogado tinta contra as pedras. As brilhantes antenas azuis e amarelas das lagostas agitavam-se para fora de suas fendas como pequenos dragões. De vez em quando, entre as algas marinhas no cintilante leito do mar, avistava-se o brilho sarapintado de um caurim maior que uma bola de golfe — o caurim leopardo e uma vez Bond viu os belos dedos estendidos de uma harpa de Vênus. Mas todas essas coisas já eram comuns para Bond, que continuou nadando firmemente interessado nos recifes apenas como esconderijo através do qual pudesse avançar pelo mar além da arraia e depois perseguir-la de volta na direção da praia. A tática deu resultado. Logo a sombra negra e o torpedo marrom que a perseguia estavam voltando através do grande espelho azul. Onde havia uns três metros e meio de água a arraia parou pela centésima vez. Bond parou também, movendo-se suavemente na água. Cautelosamente, ergueu a cabeça e esvaziou a água de seus óculos. Quando tornou a olhar, a arraia havia desaparecido.

Bond tinha uma espingarda de arpão Champion. O arpão tinha na ponta um tridente afiado como agulha — uma arma para curta distância, mas a melhor para operação em recifes. Bond soltou a trava e movimentou-se vagarosamente para a frente, com as nadadeiras oscilando suave-

mente logo abaixo da superfície para não fazer barulho. Olhou em roda, tentando perscrutar os nebulosos horizontes do grande salão da laguna. Procurava avistar algum corpo volumoso de emboscada. Não seria bom ter um tubarão ou um grande barracuda como testemunha do ataque. Os peixes às vezes gritam quando são feridos e, mesmo quando não gritam, a turbulência e o sangue resultantes de uma luta feroz atraem os limpadores. Mas não havia viva alma à vista e a areia estendia-se para os lados enfumaçados como as tábuas nuas de um palco. Agora Bond podia ver o vago contorno no fundo. Moveu-se até ficar diretamente sobre êle e permaneceu imóvel à superfície, olhando para baixo. Houve um ligeiro movimento na areia. Duas minúsculas fontes de areia dançavam acima dos orifícios semelhantes a narinas nos espiráculos. Atrás dos orifícios estava a ligeira protuberância do corpo. Aquele era o alvo. Dois centímetros e meio atrás dos orifícios. Bond calculou a possível chicotada da cauda para cima, virou vagarosamente a espingarda para baixo e puxou o gatilho.

Embaixo dele houve uma erupção de areia e, por um ansioso momento, Bond nada pôde ver. Depois a linha do arpão ficou esticada e a arraia apareceu, afastando-se dele enquanto sua cauda, em ação reflexa, chicoteava repetidamente sobre o corpo. Na base da cauda, Bond pôde ver os pontudos espinhos de veneno erguendo-se do tronco. Esses eram os espinhos que se supunha terem morto Ulisses, que Plínio dizia ser capaz de destruir uma árvore. No Oceano Indico, onde os venenos do mar são os mais virulentos, um arranhão do ferrão dessa arraia significa morte certa. Cautelosamente, mantendo a arraia em linha esticada, Bond nadou atrás do peixe que lutava ferozmente. Nadou para um lado a fim de desviar a linha da cauda chicoteante que poderia facilmente cortá-la. Essa cauda era o chicote do antigo feitor de escravos do Oceano Indico. Hoje em dia, em Seychelles, é ilegal até mesmo possuir uma cauda dessas, mas elas são transmitidas nas famílias para uso contra esposas infiéis. Quando circula a notícia de que esta ou aquela mulher *a eu la crapule*, nome provençal da arraia, vale dizer que a mulher não se levantará pelo menos por uma semana. Agora, as chicotadas da cauda estavam-se tornando mais fracas. Bond nadou em volta e por cima da arraia, arrastando-a atrás dele em direção à praia. No raso, a arraia amoleceu e Bond puxou-a para a praia, até um boa distância na água. Mas ainda se conservou longe dela. Fêz bem. De repente, devido a algum movimento de Bond ou talvez na esperança de apanhar desprevenido seu inimigo, a gigantesca arraia deu

um salto para o ar. Bond pulou de lado e arraia caiu de costas. Ficou imóvel com a barriga branca exposta ao sol e a grande e feia boca em forma de foice aspirando e ofegando.

Bond ficou parado olhando para a arraia e pensando o que iria fazer em seguida.

Um homem branco, baixo e gordo, com camisa e calça caquis, saiu debaixo das palmeiras e caminhou em direção a Bond através das plantas marinhas e restos de naufrágios ressecados pelo sol espalhados bem acima da marca da água. Quando estava bastante perto, disse rindo:

— O Velho e o Mar! Quem pescou e quem foi pescado?

Bond virou-se.

— Só poderia ser o único da ilha que não carrega um machete. Fidele, seja bonzinho e chame um de seus homens. Este animal não quer morrer e meu arpão está enterrado nele.

Fidele Barbey, o mais moço dos inúmeros Barbeys que eram donos de quase tudo quanto havia em Seychelles, aproximou-se e ficou olhando para a arraia.

— Essa foi boa. Foi sorte você ter acertado no lugar exato, senão ela o teria arrastado para os recifes e você precisaria largar a espingarda. Demoram como o diabo para morrer. Mas vamos. Preciso levá-lo de volta a Victória. Apareceu uma coisa. Coisa boa. Eu mandarei um de meus homens buscar a espingarda. Você quer a cauda?

Bond sorriu ao responder:

— Eu não sou casado. Mas que acha de uma *raie au beurre noir* para hoje à noite?

— Hoje à noite, não, meu amigo. Vamos. Onde estão suas roupas?

Enquanto rodavam na perua pela estrada costeira, Fidele disse:

— Já ouviu falar em um americano chamado Milton Krest? Bem, parece que êle é dono dos hotéis Krest e de um negócio chamado Fundação Krest. Uma coisa posso garantir-lhe. Êle é dono do melhor iate que se encontra no Oceano Indico. Chegou ontem. O “Wavekrest”. Quase duzentas toneladas. Trinta metros de comprimento. Há de tudo no barco, desde uma bela esposa até um grande gramofone transistorizado sobre balanço para que as ondas não sacudam a agulha. Tapetes de três centímetros de grossura de parede a parede. Ar condicionado em toda parte. Os únicos cigarros secos deste lado do continente africano e a melhor garrafa de champanha para depois do desjejum que já provei desde a última vez

que vi Paris.

Fidele Barbey riu satisfeito.

— Meu amigo, é um grande barco e se o Sr. Krest é um fanfarrão safado, quem se importa com isso?

— Quem se importa com êle, afinal de contas? Que tem êle a ver com você... ou comigo, para dizer a verdade?

— Só isto, meu amigo. Vamos passar alguns dias navegando com o Sr. Krest. . . e a Sra. Krest, a bela Sra. Krest. Concordei em levar o navio até Chagrin, a ilha de que já lhe falei. Fica a muitas milhas daqui, ao largo dos African Banks. Minha família nunca encontrou utilidade para ela, a não ser para colecionar ovos de atobá. Fica apenas um metro acima do nível do mar. Faz cinco anos que não vou àquele maldito lugar. Agora, esse Krest quer ir até lá. Está colecionando espécimes marinhos, coisas da sua fundação, e há uns malditos peixinhos que parecem existir apenas ao redor da ilha Chagrin. Pelo menos Krest diz que o único espécime conhecido no mundo veio de lá.

— Parece engraçado. Onde eu entro nessa história?

— Eu sabia que você estava entediado e que ainda tem uma semana antes de partir. Por isso, disse que você era o ás dos pescadores submarinos locais e que logo encontraria o peixe, se existisse. Além disso, tornei claro que não iria sem você. O Sr. Krest concordou. E é só isso. Sabia que você estava em algum lugar aí pelo litoral. Vim rodando até encontrar um pescador que me disse ter visto um homem branco maluco tentando suicidar-se sozinho na Belle Anse. Logo vi que só podia ser você.

Bond riu.

— É extraordinário como esta gente da ilha tem medo do mar. Já era tempo de terem chegado a um acordo com o mar. Dos habitantes de Seychelles são raros os que sabem até mesmo nadar.

— É a Igreja Católica Romana. Não gosta que eles tirem a roupa. Tolice, mas é assim. Quanto a ter medo, não se esqueça que você esteve aqui apenas um mês. Tubarão, barracuda. . . você não encontrou nenhum deles com fome. E o peixe-pedra? Já viu um homem pisar no peixe-pedra? Com a dor, seu corpo curva-se para trás como um arco. Às vezes, é tão horrível que os olhos literalmente saltam das órbitas. Raros são os que sobrevivem.

Bond disse sem a menor simpatia:

— Deviam usar sapatos ou amarrar os pés quando vão aos reci-

fes. No Pacífico também há desses peixes e o mexilhão gigante ainda por cima. É uma estupidez. Todos se queixam de como são pobres aqui, mas o mar está completamente cheio de peixes. E existem cinquenta variedades de caurim embaixo daquelas pedras. Podiam viver muito bem vendendo isso ao mundo.

Fidele Barbey riu animadamente.

— Bond para Governador! Essa é a chapa. Na primeira oportunidade, vou apresentar a idéia. Você é precisamente o homem para o cargo — longa visão, muitas idéias, abundância de entusiasmo. Caurins! É esplêndido. Equilibrarão o orçamento pela primeira vez desde a alta do patchuli depois da guerra. “Vendemos conchas marinhas das Seychelles”. Esse será nosso slogan. Farei com que você colha os louros. Em pouco tempo será Sir James.

— Ganha-se mais dinheiro assim do que tentando cultivar baunilha com prejuízo.

Continuaram a discutir com despreocupada violência até quando as palmeiras cederam lugar às gigantescas árvores sangue-de-drago nos subúrbios da decrépita capital de Mahe.

Quase um mês antes M dissera a Bond que ia mandá-lo às Seychelles.

— O Almirantado está tendo dificuldade com sua nova base nas Maldivias. Comunistas infiltraram-se do Ceilão. Greves, sabotagem. . . o quadro costumeiro. Talvez tenha de reduzir seus prejuízos e recuar para as Seychelles. Mil e quinhentos quilômetros mais ao sul, mas pelo menos parecem bastante seguras. Mas eles não querem ser apanhados de novo. O Departamento Colonial diz que são seguras como casas. Ainda assim concordei em mandar alguém para oferecer uma opinião independente. Quando Macário lá esteve fechado há alguns anos houve alguns bons sustos em questão de segurança. Barcos pesqueiros japoneses rondando as ilhas, um ou dois trapaceiros refugiados da Inglaterra, fortes ligações com a França. Vá dar uma boa olhada.

Olhando pela janela para a pesada neve de março, M acrescentara:

— Não vá ter insolação.

O relatório de Bond, concluindo que o único risco de segurança concebível nas Seychelles residia na beleza e acessibilidade das seychelloises, fora terminado uma semana antes e depois nada houve a fazer senão esperar o “SS. Kampala” para levá-lo a Mombasa. Estava completamente

cheio do calor, das palmeiras, do grito choroso das andorinhas do mar e da interminável conversa sobre copra. A perspectiva de mudança encantava-o.

Bond estava hospedado em sua última semana na casa dos Barbey e, depois de passar por lá a fim de apanhar suas malas, os dois rodaram até o fim do Long Pier e deixaram o carro no barracão da Alfândega. O iate branco e cintilante estava a uns oitocentos metros do ancoradouro. Tomaram uma carona com motor de popa, atravessaram a baía vidrada e passaram pela abertura nos recifes. O “Wavekrest” não era bonito — a largura da boca e o excesso de superestrutura prejudicavam suas linhas — mas Bond pôde ver imediatamente que era um verdadeiro navio, construído para navegar pelo mundo e não apenas pelas Florida Keys. Parecia deserto, mas quando encostaram a seu lado, dois marinheiros de aparência elegante, de camisetas e “shorts” brancos, apareceram e ficaram ao lado da escada com croques prontos para afastar a desprezível canoa da cintilante pintura do barco. Apanharam as duas malas e um deles empurrou uma portinhola de alumínio, fazendo um gesto para que descessem. Um sopro do que pareceu a Bond ser de ar quase gelado atingiu-o quando atravessou a porta e desceu alguns degraus para entrar no saguão.

O saguão estava vazio. Não era uma cabina. Era uma sala de sólida riqueza e conforto sem coisa alguma que a associasse ao interior de um navio. As janelas por trás das persianas semi-cerradas eram de tamanho natural, assim como as fundas poltronas ao redor da mesa central baixa. O tapete era de pelos compridos em azul pálido. As paredes eram cobertas de madeira prateada e o ferro era branco acinzentado. Havia uma mesa com o costumeiro material de escrever e um telefone. Perto do grande gramofone havia um aparador coberto de bebidas. Por cima do aparador via-se o que parecia ser um Renoir extremamente bom — a cabeça e os ombros de uma bela moça de cabelos escuros com uma blusa listrada de preto e branco. A impressão de uma luxuosa sala-de-estar em uma residência de cidade era completada por um grande vaso de jacintos brancos e azuis, sobre a mesa central, e pela bem arrumada prateleira de revistas de um dos lados da mesa.

— Não lhe disse, James?

Bond sacudiu a cabeça com ar de admiração.

— Esta é sem dúvida a maneira de tratar o mar — como se êle não existisse.

Respirou fundo e acrescentou:

— Que alívio ter um bocado de ar fresco. Já tinha quase esquecido seu gosto.

— O negócio lá fora é que é ar fresco, rapaz. Este é enlatado.

O Sr. Milton Krest entrara silenciosamente na sala e estava em pé olhando para eles. Era um homem rijo e coriáceo de pouco mais de cinqüenta anos. Parecia forte e sadio. As calças grosseiras de um azul desbotado, o corte militar da camisa e a larga cinta de couro sugeriam que para êle era um fetiche ser assim — parecer durão. Os olhos castanhos pálidos no rosto bronzeado pelo sol eram ligeiramente encobertos e seu olhar era sonolento e desdenhoso. A boca tinha uma curva para baixo que poderia ser humorística ou desdenhosa — provavelmente desdenhosa — e as palavras que lançara na sala, inócuas em si próprias, exceto pelo condescendente “rapaz”, haviam sido jogadas como pequenas moedas a um par de cules. Para Bond a coisa mais estranha no Sr. Krest era a voz. Era um cecear macio e muito atraente através dos dentes. Era exatamente a voz do falecido Humphrey Bogart. Bond correu os olhos pelo homem, desde os esparsos cabelos pretos e grisalhos cortados rente, como fios de ferro espalhados sobre a cabeça redonda, passando pela águia tatuada por cima de uma âncora entoucada no antebraço direito e indo até os pés coriáceos e descalços que assentavam nàuticamente sobre o tapete. Pensou: este homem gosta de considerar-se um herói de Hemingway. Não vou dar-me bem com êle.

O Sr. Krest avançou através do tapete e estendeu a mão.

— O senhor é Bond? Prazer em tê-lo a bordo, Senhor.

Bond estava esperando o aperto de esmagar ossos e enfrentou-o com músculos enrijecidos.

— Mergulho livre ou aqualung?

— Livre e não vou muito fundo. É só passatempo.

— Que faz no resto do tempo.

— Servidor civil.

O Sr. Krest deu uma risada curta e áspera.

— Civilidade e servidão. Vocês, ingleses, são os melhores mordomos e criados de quarto do mundo. Servidor civil, foi o que disse? Acho que provavelmente vamos dar-nos muito bem. Servidores civis é exatamente o que gosto de ter ao meu redor.

O barulho da portinhola da coberta sendo empurrada evitou que

Bond perdesse a calma. O Sr. Krest desapareceu de seu espírito quando uma jovem nua e queimada pelo sol desceu os degraus para o salão. Não, ela não estava completamente nua, mas o minúsculo biquíni de cetim marrom pálido tendia a fazer a gente pensar que estava.

— Alô, tesouro. Onde estava escondida? Há muito tempo que não a vejo. Estes são o Sr. Barbey e o Sr. Bond, os rapazes que vão conosco.

O Sr. Krest ergueu a mão na direção da moça e acrescentou:

— Rapazes, esta é a Sra. Krest. A quinta Sra. Krest. E, para que ninguém comece a ter idéias, ela ama o Sr. Krest. Não é, tesouro?

— Ora, não seja tolo, Milt. Você sabe que o amo — disse a Sra. Krest, sorrindo lindamente. — Prazer em conhecê-lo, Sr. Barbey. E Sr. Bond. É um prazer tê-los conosco. Tomam alguma coisa.

— Um minuto, tesouro. Quer deixar que eu cuide das coisas a bordo de meu próprio barco, sim?

A voz do Sr. Krest era suave e agradável. A mulher corou.

— Oh, pois não, Milt, naturalmente.

— Então, okay. Assim ficamos sabendo quem é o capitão a bordo do bom navio “Wavekrct”.

O sorriso divertido abrangia todos eles.

— Muito bem, Sr. Barbey. A propósito, qual é seu primeiro nome? Fidele, não? É um grande nome. Fiel — disse o Sr. Krest, rindo com bom humor. — Bem, agora, Fido, que tal você e eu subirmos à ponte para pôr em movimento este velho caixãozinho? Talvez seja melhor você levá-lo até o alto mar, depois traçar uma rota e entregar o resto a Fritz. Eu sou o capitão. Ele é o imediato e há mais dois homens para a casa das máquinas e a copa. Todos os três são alemães. Os únicos bons marinheiros que restam na Europa. E o Sr. Bond, qual é o primeiro nome? James, não? Bem, Jim, que tal praticar um pouco daquela civilidade e servidão com a Sra. Krest. A propósito, pode chamá-la de Liz. Ajude-a a arrumar os canapés e outras coisas para os drinques antes do almoço. Ela também era inglesa antigamente. Vocês podem bater um papo sobre Piccadilly Circus e as Dooks que ambos conhecem. Okay? Vamos, Fido.

Subiu correndo infantilmente os degraus, ao mesmo tempo que acrescentava:

— Vamos dar o fora daqui rápidos como o diabo. Quando a portinhola se fechou, Bond deixou escapar um fundo suspiro. A Sra. Krest disse em tom de desculpa:

— Por favor, não se aborreça com as piadas dele. É apenas seu senso de humor. E ele é um pouco do contra. Gosta de ver se consegue irritar as pessoas. É muita maldade dele. Mas tudo realmente é brincadeira.

Bond sorriu tranquilizadamente. Quantas vezes tivera ela de dizer essas mesmas coisas a pessoas, de procurar acalmar pessoas sobre as quais o Sr. Krest praticara seu “senso de humor”?

— Acho que seu marido precisa de uma pequena lição. Ele age desse jeito também nos Estados Unidos?

Ela respondeu sem rancor:

— Só comigo. Ele adora os americanos. Só é assim quando está no estrangeiro. Seu pai — sabe? — era alemão, realmente prussiano. Ele tem essa tola maneira alemã de pensar que os europeus etc. são decadentes, que não prestam mais. Não adianta discutir com ele. Ele é assim mesmo.

Então era isso! O velho huno de novo. Sempre a seus pés ou em sua garganta. Senso de humor, realmente! E que não precisaria suportar essa mulher, essa bela moça que ele arrumara para ser sua escrava — sua escrava inglesa? Bond perguntou:

— Há quanto tempo está casada?

— Dois anos. Eu trabalhava como recepcionista em um de seus hotéis. Ele é dono do Grupo Krest, sabe? Foi maravilhoso. Como uma história de fadas. Ainda preciso beliscar-me de vez em quando para ter certeza de não estar sonhando. Isto, por exemplo — mostrou com a mão a luxuosa sala — e ele é extraordinariamente bom comigo. Está sempre dando-me presentes. É um homem muito importante nos Estados Unidos, sabe? É bom a gente ser tratada como realeza em todo lugar aonde vai.

— Deve ser. Ele gosta dessas coisas, não?

— Oh, sim. — Havia resignação na risada. — Há muito de sultão nele. Fica impaciente quando não obtém o serviço apropriado. Diz que, depois de trabalhar arduamente para chegar ao alto da árvore, a gente tem direito ao melhor fruto que nela cresce.

A Sra. Krest achou que estava falando com excessiva liberdade. Acrescentou rapidamente:

— Mas, realmente, que estou dizendo? Poderiam pensar que nos conhecemos há anos.

Sorriu timidamente.

— Acho que é o ato de encontrar alguém da Inglaterra. Mas preciso mesmo ir vestir um pouco mais de roupa. Eu estava tomando banho de

sol no convés.

Um ronco surdo veio do fundo do barco, à meia-nau.

— Pronto. Já partimos. Por que não vai ao convés de ré observar o barco deixar a baía. Irei procurá-lo lá dentro de um minuto. Há tanta coisa que desejo ouvir a respeito de Londres.

Passou ao lado dele e abriu uma porta.

— Para dizer a verdade, se fôr sensato, procurará passar as noites aqui. Há estofados em abundância e as cabinas tendem a ficar um pouco abafadas, apesar do ar condicionado.

Bond agradeceu-lhe, saiu e fechou a porta depois de passar. Era um grande convés com piso de cânhamo e, na popa, um sofá semicircular de espuma de borracha côr de creme. Havia cadeiras de palhinha espalhadas e um bar a um canto. Passou pela idéia de Bond que o Sr. Krest talvez bebesse muito. Seria sua imaginação ou a Sra. Krest estaria aterrorizada por êle? Havia algo de dolorosamente servil em sua atitude com relação a êle. Sem dúvida, tivera de pagar muito caro por sua “história de fadas”. Bond observou as costas verdes de Mahe afastarem-se vagarosamente da popa. Calculou que desenvolviam uma velocidade de uns dez nós. Logo estariam na North Point, rumando para alto mar. Bond ouviu o glutinoso borbulhar do escapamento e pensou ociosamente na bela Sra. Elizabeth Krest.

Ela poderia ter sido modelo — provavelmente o fora antes de tornar-se recepcionista de hotel — aquela respeitável profissão feminina que ainda tem um ar de alto demi-monde — e ainda movia seu belo físico com o desembaraço de quem está acostumada a andar sem nada ou praticamente nada sobre o corpo. Mas nela nada havia da frieza do modelo — era um corpo quente e um rosto amável e confiante. Poderia ter uns trinta anos, não mais certamente, e sua boniteza, pois não passava disso, ainda era imatura. Sua melhor característica era a cabeleira loura acinzentada que caía pesadamente até a base do pescoço, mas ela dava a agradável impressão de não sentir vaidade nisso. Não a sacudia, nem mexia nela. Ocorreu a Bond que realmente não demonstrava o menor sinal de coquetismo. Permanecia quieta, quase dócil, com os grandes olhos azuis claros fixados no marido quase o tempo todo. Não havia batom em seus lábios, nem esmalte nas unhas das mãos e dos pés, e suas sobranceiras eram naturais. Ordenaria o Sr. Krest que fosse assim — que ela fosse uma filha germânica da natureza? Provavelmente. Bond encolheu os ombros.

Formavam sem dúvida um casal curiosamente dessemelhante — o Hemingway de meia-idade com voz de Bogart e a mulher bonita e simples. E havia tensão no ar — na maneira como ela se encolhera quando êle lhe chamara à atenção por ter oferecido bebidas e na forçada masculinidade do homem. Bond brincou ociosamente com a noção de que o homem era impotente e toda a firme e rude representação não passava de exagerada exibição de virilidade. Certamente não ia ser fácil viver com eles durante quatro ou cinco dias. Bond observou a bela ilha Silhouette afastar-se à distância e tomou a decisão de não perder a calma. Como era aquela expressão americana? “Comer corvo”. Seria um interessante exercício mental para êle. Comería corvo durante cinco dias e não deixaria que esse maldito homem interferisse no que deveria ser um bom passeio.

— Bem, rapaz. Descansando?

O Sr. Krest estava em pé no convés superior, olhando para baixo.

— Que fez com aquela mulher com quem eu vivo? Acho que deixou todo o serviço para ela. Bem e por que não? É para isso que elas servem, não é? Quer dar uma olhada no navio? Fido está cuidando um pouco do leme e eu tenho tempo de sobra.

Sem esperar pela resposta, o Sr. Krest agachou-se e desceu para o convés inferior, deixando-se cair no último metro da altura.

— A Sra. Krest foi vestir roupa. Sim, eu gostaria de ver o navio.

O Sr. Krest fixou em Bond seu olhar duro e desdenhoso.

— Okay. Bem, primeiro os fatos. Foi construído pela Bronson Shipbuilding Corporation. Acontece que eu tenho noventa por cento das ações, de modo que obtenho o que quero. Desenhado por Rosenblatts, os grandes arquitetos navais. Trinta metros de comprimento por seis e meio de largura, com dois metros de calado. Dois motores diesel Superior de quinhentos H.P. Velocidade máxima, quatorze nós. Faz quatro mil quilômetros com oito nós. Ar condicionado em toda parte. Carrier Corporation desenhou duas unidades especiais de cinco toneladas. Transporta alimentos congelados e bebidas suficientes para um mês. Só precisamos de água doce para os banheiros e chuveiros. Certo? Agora vamos até a frente e você verá os alojamentos da tripulação. Depois, viremos para trás. Não precisa preocupar-se com a cabeça. Em todo lugar há um metro e oitenta e cinco de altura.

Bond seguiu o Sr. Krest pelo estreito corredor que se estendia ao longo de todo o barco e, durante meia hora, fez comentários apropriados

sobre o que era sem dúvida o iate melhor e mais luxuosamente planejado que já vira. Em todos os pormenores, havia uma margem para conforto adicional. Até mesmo o banheiro e chuveiro da tripulação eram bem espaçosos e a cozinha de aço inoxidável era tão grande quanto o camarote de Krest. O Sr. Krest abriu a porta deste último sem bater. Liz Krest estava diante da penteadeira.

— Oh, tesouro — disse o Sr. Krest com sua voz macia — Pensei que estivesse arrumando a bandeja de bebidas. Você demorou um tempão para vestir-se. Pondo um pouquinho de Ritz extra para Jim, hem?

— Desculpe, Milt. Eu já ia sair. Um zíper ficou preso. A Sra. Krest apanhou apressadamente um estôjo de pó e encaminhou-se para a porta. Dirigiu aos dois um meio-sorriso nervoso e saiu.

— Lambris de bétula de Vermont. Abajures de vidro de Corning. Tapetes mexicanos. Aquela pintura de um veleiro é um genuíno Montague Dawson. . .

O catálogo do Sr. Krest prosseguiu sem parar. Mas Bond estava olhando algo que pendia quase escondido pela mesa de cabeceira do que era evidentemente o lado do Sr. Krest na enorme cama de casal. Era um fino chicote de cerca de um metro de comprimento com um cabo de tiras de couro. Era o rabo de arraia.

Com ar indiferente, Bond caminhou até o lado da cama e apanhou-o. Correu um dedo por sua superfície espinhenta. Só de fazer isso sentiu doer o dedo. Disse:

— Onde arranjou isto? Estive caçando um destes animais hoje de manhã.

— Em Bahrein. Os árabes usam-nos em suas esposas — respondeu o Sr. Krest, rindo facilmente. — Até agora não precisei dar mais que uma chicotada de cada vez em Liz. Resultados maravilhosos. Chamamo-lo de meu “Corretivo”.

Bond tornou a pôr o objeto no lugar. Olhou duramente para o Sr. Krest e disse:

— É assim? Nas Seychelles, onde os crioulos são bem durões, é ilegal até mesmo possuir um desses, quanto mais usá-lo.

O Sr. Krest encaminhou-se para a porta e disse em tom indiferente:

— Rapaz, acontece que este navio é território dos Estados Unidos. Vamos tomar alguma coisa.

O Sr. Krest tomou três “bullshots” duplos — vodca com consommé

gelado — antes do almoço e cerveja com a refeição. Os olhos pálidos escureceram um pouco e adquiriram um brilho aguado, mas a voz sibilar-te continuou macia e sem ênfase enquanto com absoluto monopólio da conversação, êle explicava o objetivo da viagem.

— O negócio é o seguinte, rapazes. Nos Estados Unidos, temos esse sistema de Fundação para os sujeitos de sorte que ganharam muito dinheiro e não querem entregá-lo ao Tesouro de Tio Sam. Você faz uma Fundação — como esta, a Fundação Krest — para fins de caridade — caridade para qualquer coisa, crianças, doentes, a causa da ciência. Simplesmente dá o dinheiro para qualquer pessoa ou qualquer coisa, menos para você mesmo e seus dependentes. Assim, escapa do imposto. Por isso, empatei coisa de dez milhões de dólares na Fundação Krest e, como gosto de viajar de iate e ver o mundo, comprei este iate com dois milhões do dinheiro e disse à Smithsonian — nossa grande instituição de história natural — que iria a qualquer lugar do mundo buscar espécimes para ela. Isso faz de mim uma expedição científica, entendem? Durante três meses do ano gozo férias maravilhosas que não me custam nada!

O Sr. Krest olhou para seus convidados, esperando aplausos.

— Entenderam? — perguntou.

Fidele Barbey sacudiu a cabeça com ar de dúvida.

— Parece ótimo, Sr. Krest. Mas e esses espécimes raros. É fácil encontrá-los? A Smithsonian pode querer uma panda gigante ou uma concha marinha. Será capaz de conseguir essas coisas quando ela não conseguiu?

O Sr. Krest sacudiu vagarosamente a cabeça. Disse com ar de pena:

— Rapaz, você parece ter nascido ontem. Dinheiro, só é preciso isso. Você quer um panda? Compre-o de algum maldito jardim zoológico que quer ter aquecimento central para sua casa de répteis, deseja construir um novo edifício para seus tigres ou coisa semelhante. A concha marinha? Você descobre um homem que tem uma delas e lhe oferece tanto dinheiro que êle acaba vendendo-a ainda que chore uma semana. Às vezes, a gente tem um pouco de dificuldade com governos. Um maldito animal é protegido ou coisa semelhante. Muito bem. Vou dar-lhes um exemplo. Cheguei ontem à sua ilha. Quero um papagaio preto da ilha Preslin. Quero uma tartaruga gigante de Aldabra. Quero uma coleção completa de seus caurins e quero este peixe que vamos procurar. Os dois primeiros são protegidos por lei. Faço imediatamente uma visita a seu governador

depois de realizar certas investigações na cidade. Excelência, digo eu, sei que deseja ter uma piscina pública para ensinar as crianças locais a nadar. Okay. A Fundação Krest contribuirá com o dinheiro. Quanto? Cinco mil, dez mil? Okay, seja dez mil. Aqui está meu cheque. E preencho o cheque na hora. Mais uma coisinha. Excelência, digo eu, segurando o cheque. Acontece que desejo um espécime desse papagaio preto que existe aqui e uma dessas tartarugas de Aldabra. Sei que são protegidos por lei. Faria questão se eu levasse um espécime de cada um para os Estados Unidos, para a Smithsonian? Bem, há um pouco de palavrório, mas, sabendo que é para a Smithsonian e sabendo que ainda estou segurando o cheque, acabamos fechando o negócio, trocamos apertos de mão e todos ficam felizes. Certo? Bem, na volta paro na cidade para combinar com seu encantador Sr. Abendana, aquele negociante, que arranje o papagaio e a tartaruga, e os guarde para mim. E começo a falar sobre os caurins. Bem, acontece que esse Sr. Abendana vem colecionando as malditas coisas desde criança. Mostra-me sua coleção. Maravilhosamente conservada — cada uma delas em seu pedacinho de algodão. Tudo em ótimo estado e várias daquelas Isabella e Mappa que me pediram particularmente para procurar. Sinto muito, diz êle, mas não posso nem pensar em vender. Significam tanto para mim etc. Bolas! Só olho para o Sr. Abendana e pergunto: quanto? Não, não. Não pode sequer pensar nisso. Bolas de novo! Tiro meu talão de cheques, preencho um cheque de cinco mil dólares e ponho embaixo de seu nariz. Êle olha o cheque. Cinco mil dólares! Não pode resistir. Dobra o cheque, guarda-o no bolso e depois o maldito maricas desanda a chorar! Acreditam nisso? — perguntou o Sr. Krest, abrindo as mãos num gesto de incredulidade. — Por causa de algumas malditas conchas marinhas. Então, digo-lhe que tenha calma, apanho as bandejas de conchas e dou o fora antes que o maluco se mate de remorso.

O Sr. Krest recostou-se na cadeira, satisfeito consigo mesmo.

— Bem, que me dizem disso, rapazes? Vinte e quatro horas na ilha e já consegui três quartos de minha lista. Bem esperto, eh, Jim?

Bond respondeu: — O Senhor provavelmente receberá uma medalha quando voltar. E quanto a esse peixe?

O Sr. Krest levantou-se e remexeu em uma gaveta de sua mesa. Trouxe de volta uma folha datilografada.

— Aqui está — disse, passando a ler: — Raridade de Hildebrand. Apanhada pelo professor Hildebrand, da Universidade de Witwaters-

rand, em uma rede ao largo da ilha Chagrin no arquipélago das Seychelles. Abril de 1925.

O Sr. Krest ergueu os olhos e explicou:

— Depois há uma porção de palavrório científico. Fiz com que traduzissem para o inglês comum e aqui está a tradução.

Voltou ao papel e continuou a ler:

— Este parece ser um singular membro da família do peixe-esquilo. O único espécime conhecido, chamado “Raridade de Hildebrand” como homenagem a seu descobridor, tem quinze centímetros de comprimento. A cor é rosa brilhante com listras transversais pretas. As nadadeiras anais, ventrais e dorsais são rosadas. A nadadeira da cauda é preta. Olhos grande e azuis escuros. Se encontrado, é preciso cuidado ao lidar com este peixe porque todas as nadadeiras têm espinhos ainda mais afiados do que é habitual no resto da família. O professor Hildebrand registra que encontrou o espécime em um metro de água à beira do recife sudoeste.

O Sr. Krest jogou o papel sobre a mesa e acrescentou:

— Bem, aí está, rapazes. Estamos viajando cerca de mil milhas a um custo de vários milhares de dólares para tentar descobrir um maldito peixe de quinze centímetros. E há dois anos o pessoal do fisco teve o atrevimento de sugerir que minha fundação era uma mistificação!

Liz Krest interveio ansiosamente.

— Mas é precisamente isso, Milt, não é? Desta vez, é realmente importante levar de volta bastante espécimes e outras coisas. Aqueles horríveis fiscais não estavam falando em cancelar os descontos referentes ao iate e às despesas e outras coisas dos últimos cinco anos se não apresentássemos alguma importante realização científica? Não foi isso que disseram?

— Tesouro — disse o Sr. Krest, cuja voz era macia como veludo. — Que tal se você fechasse essa irresponsável boquinha e não falasse em meus negócios particulares. Sim?

A voz era amável, despreocupada.

— Sabe o que você acaba de fazer, tesouro? Você acaba de ganhar um pequeno encontro com o Corretivo hoje à noite. Foi isso o que você fez.

A mulher levou a mão à boca. Seus olhos estavam arregalados. Disse em um sussurro:

— Oh, não, Milt. Oh, não, por favor.

Na madrugada do dia seguinte no mar avistaram a ilha Chagrin. Foi apanhada primeiro pelo radar — uma pequena saliência na linha plana da tela. Depois uma minúscula mancha no grande horizonte curvo cresceu com infinita lentidão até tornar-se um quilômetro de verde orlado de branco. Era extraordinário chegar à terra depois de dois dias nos quais o iate parecera ser a única coisa móvel, a única coisa viva em um mundo vazio. Bond nunca vira, nem sequer imaginara claramente a calmaria. Agora compreendia que perigo terrível deveria ter sido nos dias da navegação a vela — mar de vidro sob um sol de bronze, o ar viciado e pesado, a esteira de pequenas nuvens ao longo da orla do mundo, que nunca chegavam mais perto, nunca traziam vento ou a abençoada chuva. Quantas centenas de marinheiros não teriam abençoado esse minúsculo ponto no Oceano Índico, quando se curvavam sobre os remos que moviam o pesado navio talvez uma milha por dia! Bond ficou em pé na proa e observou os peixe-voadores saltarem de baixo do casco quando o azul-prêto do mar se transformou vagarosamente no marrom, branco e verde do baixio profundo. Como seria maravilhoso poder em breve andar e nadar ao invés de ficar apenas sentado e deitado. Como seria maravilhoso ter algumas horas de solidão — algumas horas longe do Sr. Milton Krest!

Ancoraram para fora do recife em dez braças de água e Fidele Barbey conduziu-os através da abertura na lancha. Em todos os detalhes, Chagrin era o protótipo da ilha de coral.

Eram uns vinte acres de areia, coral morto e vegetação baixa, cercados, depois de cinqüenta metros de laguna rasa, por um colar de recifes sobre o qual as ondas calmas e compridas se quebravam com uma suave sibilar. Nuvens de pássaros ergueram-se quando desembarcaram — andorinhas do mar, atobás, fragatas — mas logo pousaram de novo. Havia um forte cheiro amoniacal de guano, que enbranquecia também a vegetação. As únicas outras coisas vivas eram os caranguejos que corriam entre a *liane sans fin* e os chama-marés que viviam na areia.

O clarão da areia branca era ofuscante e não havia sombra. O Sr. Krest mandou armar uma tenda e sentou-se dentro dela fumando um charuto, enquanto instrumentos de várias espécies eram transportados para terra. A Sra. Krest nadava e apanhava conchas enquanto Bond e Fidele Barbey punham máscaras e, nadando em direções opostas, começavam a examinar sistematicamente os recifes em toda a volta da ilha.

Quando se está procurando determinada espécie embaixo d'água

— concha, peixe, alga marinha ou formação de coral — é preciso conservar o cérebro e os olhos focalizados naquele padrão individual. A orgia de cores e movimentos, a incessante variedade de luz e sombra lutam o tempo todo contra a concentração da pessoa. Bond arrastou-se vagorosamente através do país das maravilhas tendo na mente uma única imagem — um peixe rosado de quinze centímetros com listras pretas e olhos grandes — o segundo desses peixes a ser visto pelo homem. “Se avistá-lo”, recomendara o Sr. Krest, “basta soltar um grito e ficar perto dele. Eu tenho na tenda uma coisinha que é o melhor negócio que você já viu para apanhar peixes.”

Bond parou para descansar os olhos. A água estava tão fluutuável que podia ficar deitado de bruço na superfície sem se mover. Ociosamente partiu um ouriço do mar com a ponta de sua lança e observou a horda de cintilantes peixes dos recifes investindo sobre os pedaços de carne amarela entre os espinhos pretos afiados como agulhas. Como era infernal o fato de beneficiar apenas o Sr. Krest se encontrasse a Raridade! Deveria ficar quieto se a encontrasse? Seria uma infantilidade e, além disso, estava sob contrato, por assim dizer.

Bond moveu-se devagar, com os olhos reiniciando automaticamente a busca enquanto seu espírito voltava a considerar a mulher. Ela havia passado o dia anterior na cama. O Sr. Krest dissera que era uma dor de cabeça. Não se voltaria contra êle um dia? Não arranjaría uma faca ou um revólver e, certa noite, quando êle estendesse a mão para aquele maldito chicote, não o mataria? Não. Ela era mole demais, maleável demais. O Sr. Krest escolhera bem. Era do mesmo material com que são feitos os escravos. E os ornamentos de sua “história de fadas” eram preciosos demais. Não perceberia ela que um júri certamente a absolveria se aquele chicote de arraia fosse apresentado no tribunal? Ela poderia ficar com os ornamentos sem esse horrível e odioso homem. Deveria Bond dizer-lhe isso? Não seja ridículo! Como poderia expressá-lo? “Oh, Liz, se quiser matar seu marido, está tudo bem.” Bond sorriu dentro de sua máscara. Que fosse para o inferno! Não interfira na vida dos outros. Provavelmente ela gosta disso. É masoquista. Mas Bond sabia que essa era uma resposta fácil demais. Ali estava uma mulher que vivia amedrontada. Talvez também vivesse odiando. Não se podia ler muita coisa naqueles suaves olhos azuis, mas as janelas tinham-se aberto uma ou duas vezes e através delas aparecera um lampejo de algo semelhante a ódio infantil. Teria sido ódio?

Provavelmente fora indigestão. Bond tirou os Krests da cabeça e ergueu os olhos para ver até que ponto da ilha já avançara. O schnorkel de Fidele Barbey estava apenas a uns cem metros de distância. Já tinham quase completado o circuito.

Os dois se encontraram, nadaram até a praia e deitaram na areia. Fidele Barbey disse:

— Nada do meu lado da propriedade, exceto todos os peixes do mundo, menos um. Mas tive um golpe de sorte. Encontrei uma grande colônia de caramujos verdes. É a concha almiscarada grande como uma bola de futebol. Vale um monte de dinheiro. Vou mandar um de meus barcos atrás deles qualquer dia destes. Vi um peixe-papagaio azul que devia pesar bem uns quinze quilos. Manso como um cão, do mesmo modo que todos os peixes daqui. Não tive coragem de matá-lo. E se o matasse, poderia ter havido encrenca. Vi dois ou três tubarões-leopardos rondando do outro lado dos recifes. Sangue na água poderia tê-los atraído. Agora, estou pronto para um drinque e alguma comida. Depois, poderemos trocar de lado e fazer outra tentativa.

Levantaram-se e caminharam pela praia até a tenda. O Sr. Krest ouviu suas vozes e saiu para encontrá-los.

— Nada, não? — perguntou, cocando furiosamente uma axila. — Um maldito mosquito me picou. Esta é uma ilha amaldiçoada. Liz não pôde suportar o cheiro. Voltou para o barco. Acho que é melhor fazer mais uma tentativa e depois dar o fora daqui. Comam alguma coisa. Encontrarão cerveja na bolsa de gelo. Dêem-me uma dessas máscaras. Como é que se usa essa maldita coisa? Acho que posso dar uma olhada no fundo do mar já que estou aqui.

Sentaram-se na tenda quente, comeram salada de galinha e beberam cerveja. Carrancudamente, observaram o Sr. Krest Tateando e esquadrinhando na água rasa. Fidele Barbey disse:

— Ele tem razão, naturalmente. Estas pequenas ilhas são lugares horríveis. Nada além de caranguejos e excremento de pássaros com muito mar em roda. São só os pobres e gelados europeus que sonham com ilhas de coral. A leste de Suez, você não encontra um homem de juízo que dê qualquer coisa por elas. Minha família possui umas dez delas — algumas também de tamanho decente, com pequenas aldeias e boa renda de copra e tartaruga. Bem, se quiser pode ficar com todo o maldito lote em troca de um apartamento em Paris ou Londres.

Bond riu.

— Ponha um anúncio em “The Times” e receberá pilhas ... — começou Bond, quando, a cinqüenta metros de distância, o Sr. Krest passou a fazer frenéticos sinais.

— Ou o bastardo encontrou-o ou pisou em uma viola — disse Bond, apanhando sua máscara e correndo para o mar.

O Sr. Krest estava com água até a cintura entre os rasos começos dos recifes. Bateu o dedo excitadamente na superfície. Bond nadou suavemente para frente. Um tapete de plantas marinhas terminava em coral e ocasionais afloramentos negros. Uma dúzia de variedades de borboletas e outros peixes de recifes brincava entre as pedras e uma pequena lagosta sondou na direção de Bond com suas antenas. A cabeça de uma grande moréia verde saiu de um buraco, com as mandíbulas meio abertas mostrando fileiras de afiados dentes. Seus olhos dourados observaram Bond cuidadosamente. Bond divertiu-se ao ver que as pernas cabeludas do Sr. Krest, ampliadas para pálidos troncos de árvores pela água vidrada, não estavam a mais de uns trinta centímetros das mandíbulas da moréia. Deu um encorajador empurrão na moréia com seu arpão, mas a enguia limitou-se a morder as pontas de metal e desaparecer de novo. Bond parou e ficou flutuando, com os olhos perscrutando a brilhante selva. Uma mancha vermelha materializou-se no nevoeiro distante e avançou em sua direção. Deu uma volta bem por baixo dele, como se estivesse exibindo-se. Os olhos azuis escuros examinaram-no sem medo. O pequeno peixe ocupou-se quase constrangido com algumas algas na parte de baixo de um afloramento negro, deu uma corrida em direção a algo suspenso na água e, depois, como se deixasse o palco após exhibir seus passos, nadou lânguidamente de volta para o nevoeiro.

Bond afastou-se do buraco da moréia e pôs os pés no chão. Tirou a máscara. Dirigindo-se ao Sr. Krest, que o fitava impacientemente através de seus óculos de mergulho, disse:

— Sim, é êle mesmo. É melhor afastar-se silenciosamente daqui. Êle não irá embora a menos que se assuste. Esses peixes de recifes conservam-se sempre nos mesmos lugares.

O Sr. Krest tirou sua máscara.

— Diabo, eu o encontrei! — exclamou reverentemente. — Bem, fui eu mesmo.

Seguiu vagarosamente Bond até a praia. Fidele Barbey estava espe-

rando por eles. O Sr. Krest disse impetuosamente:

— Fido, encontrei aquele maldito. Eu. ... Milton Krest. Que acha disso? Depois que vocês dois, malditos especialistas, procuraram a manhã inteira. Peguei aquela sua máscara — e foi a primeira vez que usei uma dessas máscaras, veja bem — entrei na água e encontrei o maldito peixe em quinze minutos. Que diz a isso, eh, Fido?

— Muito bem, Sr. Krest. Ótimo. Como vamos apanhá-lo agora?

— Ah, ah, ah — fez o Sr. Krest, pestanejando vagarosamente. — Eu tenho a solução para isso. Arranjei-a com um químico amigo meu. Um negócio chamado rotenona. Feito de raiz de timbó. É com isso que os nativos pescam no Brasil. Basta derramá-lo na água, onde flutua sobre aquilo que você está procurando e o apanha infalivelmente. Uma espécie de veneno. Constringe os vasos sangüíneos nas guelras dos peixes. Sufoca-os. Não exerce efeito sobre seres humanos porque eles não têm guelras, entendem?

O Sr. Krest virou-se para Bond.

— Escute, Jim. Você vai até lá e fica vigiando. Não deixe o maldito peixe desaparecer. Fido e eu levaremos o material para lá — disse, apontando a área de onde a água corria para o local vital. — Eu soltarei a rotenona quando você disser. Ela será arrastada na sua direção. Certo? Mas, com os diabos, dê o sinal na hora certa. Eu só tenho uma lata de cinco galões desse negócio. Okay?

Bond respondeu “Está bem” e caminhou vagarosamente, entrando na água. Nadou preguiçosamente para onde estivera antes. Sim, todos ainda estavam lá, cuidando de sua vida. A cabeça pontuda da moréia estava de novo na beirada de seu buraco, a lagosta estendeu novamente as antenas em sua direção. Um minuto depois, como se tivesse encontro marcado com Bond, a Raridade de Hildebrand apareceu. Desta vez nadou até bem perto de seu rosto. Olhou através dos óculos para seus olhos e depois, como se tivesse ficado assustada com o que vira, disparou para colocar-se fora de alcance. Brincou entre as pedras por algum tempo e depois entrou no nevoeiro.

Vagarosamente o pequeno mundo submarino dentro da visão de Bond começou a aceitá-lo como coisa natural. Um pequeno octópode que se camuflara como um pedaço de coral revelou sua presença e avançou cuidadosamente na direção da areia. A lagosta azul e amarela saiu de baixo da pedra e deu alguns passos, admirando-o. Alguns peixes muito

pequenos, como os barrigudinhos, mordiscaram suas pernas e seus dedos dos pés, fazendo cócega. Bond partiu um ouriço do mar para eles, que avançaram sobre a comida melhor. Bond ergueu a cabeça. O Sr. Krest, segurando a lata, estava vinte metros à sua direita. Logo começaria a deramar, quando Bond desse o sinal, de modo que o líquido se espalhasse bem sobre a superfície.

— Okay? — perguntou o Sr. Krest. Bond sacudiu a cabeça e respondeu:

— Levantarei o polegar quando ele aparecer de novo aqui. Então você terá de derramar depressa.

— Okay, Jim. Você está na mira da bomba.

Bond afundou a cabeça. Lá estava a pequena coletividade, todos cuidando de sua vida. Logo, para apanhar um peixe que alguém desejava vagamente em um museu a oito mil quilômetros de distância, cem, talvez mil pessoazinhas iam morrer. Quando Bond desse o sinal, a sombra da morte desceria sobre a água. Quanto tempo duraria o veneno? Até que ponto avançaria pelos recifes? Talvez não morressem milhares, mas dezenas de milhares.

Um pequeno baiacu apareceu, com suas minúsculas nadadeiras ruflando como hélices. Um par dos inevitáveis beijupirás listrados de preto e amarelo apareceu de repente, atraído pelo cheiro do ouriço do mar partido.

Dentro dos recifes, quem era o predador no mundo dos pequenos peixes? Quem temiam eles? O pequeno barracuda? Um ocasional peixe-agulha? Agora um grande predador, plenamente crescido, um homem chamado Krest, estava parado nos bastidores, esperando. E esse nem sequer tinha fome. Ia simplesmente matar — quase por divertimento.

Duas pernas marrons apareceram no campo de visão de Bond. Este ergueu os olhos. Era Fidele Barbey com um grande cesto amarrado ao peito e uma rede de cabo comprido.

Bond ergueu a máscara e disse:

— Sinto-me como o bombardeador em Nagasaki.

— Peixes têm sangue frio. Nada sentem.

— Como é que você sabe? Ouvi dizer que gritam quando são feridos.

— Não serão capazes de gritar com esse negócio — disse Barbey indiferentemente. — Estrangula-os. Que há com você? São apenas peixes.

— Sei, sei.

Fidele Barbey passara a vida matando animais e peixes. Enquanto êle, Bond, às vezes não hesitara em matar homens. Por que estava agora fazendo barulho? Não se importara em matar a arraia. Sim, mas aquele era um peixe inimigo. Estes aqui embaixo eram pessoas amigas. Pessoas? A patética ilusão.

— Eh! — exclamou a voz do Sr. Krest. — Que está acontecendo aí? Não é hora de conversa mole. Afunde a cabeça n'água, Jim.

Bond puxou a máscara para baixo e deitou-se de novo sobre a superfície. Imediatamente viu a bela sombra vermelha saindo do nevoeiro distante. O peixe nadou rápido em sua direção, como se o considerasse algo muito natural. Ficou embaixo dele, olhando para cima. Bond disse dentro de sua máscara: “Vá-se embora daqui, seu imbecil!” Deu uma cutilada rápida em direção ao peixe com seu arpão. O peixe fugiu novamente para o nevoeiro. Bond levantou a cabeça e furiosamente ergueu o polegar. Era um ridículo e mesquinho ato de sabotagem, do qual já se sentia envergonhado. O líquido oleoso marrom escuro estava sendo derramado na superfície da laguna. Ainda havia tempo de fazer o Sr. Krest parar antes que acabasse tudo — tempo de dar-lhe outra oportunidade de apanhar a Raridade de Hildebrand. Bond ficou imóvel olhando, até pingar a última gota. O Sr. Krest que fosse para o inferno!

Agora o negócio estava sendo vagorosamente arrastado pela correnteza — uma mancha brilhante que se espalhava, refletindo o céu azul com um lustre metálico. O Sr. Krest, o segador gigante, estava avançando com a mancha.

— Pronto, rapazes — disse êle, alegremente. — Já está aí com vocês.

Bond enfiou de novo a cabeça dentro da água. Tudo estava como antes na pequena coletividade. Mas depois, com desnorteante instantaneidade, todos ficaram loucos. Foi como se todos tivessem contraído a dança de São Guido. Vários peixes deram cambalhotas malucas e depois caíram como pesadas folhas sobre a areia. A moréia saiu vagorosamente do buraco no coral, com as mandíbulas abertas. Ficou cuidadosamente em pé sobre a cauda e depois caiu delicadamente de lado. A pequena lagosta deu três sacudidelas com a cauda e virou de costas. O octópode desprendeuse do coral e deixou-se cair para o fundo, de cabeça para baixo. Depois foram arrastados para a arena os cadáveres vindos mais

de cima — peixes de barriga branca, camarões, minhocas, caranguejos, moréias mosqueadas e verdes, lagostas de todos os tamanhos. Como soprados por uma ligeira brisa de morte, os corpos desengonçados, com suas cores já desbotando, passaram vagorosamente. Um peixe-agulha de três quilos batia o bico, lutando contra a morte. Mais abaixo, ao longo dos recifes, havia batidas na superfície, onde peixes ainda maiores tentavam fugir para lugar seguro. Um a um, diante dos olhos de Bond, os ouriços do mar caíram das pedras para fazer manchas de tinta preta na areia.

Bond sentiu um toque em seu ombro. Os olhos do Sr. Krest estavam vermelhos do sol e da cintilação. Havia passado nos lábios uma pasta branca contra queimaduras do sol. Gritou impacientemente para a máscara de Bond:

— Onde, diabo, está nosso maldito peixe?

Bond ergueu a máscara.

— Parece que conseguiu afastar-se exatamente antes de descer o negócio. Ainda o estou procurando.

Não esperou para ouvir a resposta do Sr. Krest, mas tornou a afundar rapidamente a cabeça na água. Ainda mais carnificina, ainda mais corpos mortos. Mas agora, certamente, o negócio já havia passado. Certamente a área estava segura, se acaso voltasse o peixe, seu peixe, pois êle o havia salvo. No nevoeiro distante houve um lampejo cômico de rosa. Êle tinha ido. Agora estava de volta. Preguiçosamente, a Raridade de Hildebrand nadou em direção a Bond através do labirinto de canais entre os postos avançados dos recifes.

Sem importar-se com o Sr. Krest, Bond ergueu a mão livre para fora da água e deixou-se cair com uma forte batida. Ainda assim o peixe continuou vindo. Bond soltou a trave de sua espingarda de arpão e disparou-a na direção do peixe. Não adiantou. Bond baixou os pés e começou a andar em direção ao peixe através da confusão de cadáveres. O belo peixe vermelho e preto pareceu parar e estremecer. Depois disparou diretamente através da água na direção de Bond e mergulhou na areia a seus pés, lá ficando parado. Bond só precisou curvar-se para apanhá-lo. Não houve sequer uma última sacudidela da cauda. Simplesmente encheu a mão de Bond, picando ligeiramente a palma com a espinhenta nadadeira dorsal preta. Bond levou-o embaixo d'água, como para preservar suas cores. Quando chegou perto do Sr. Krest, disse "Aqui está" e entregou-lhe o pequeno peixe. Depois nadou em direção à praia.

Naquela noite, com o “Wavekrest” navegando de volta sob uma enorme lua amarela, o Sr. Krest deu ordem para o que chamava de “wingding”.

— Precisamos comemorar, Liz. Isto é tremendo, um dia tremendo. Atingimos o último objetivo e podemos dar o fora destas malditas Seychelles a fim de voltar para a civilização. Que diz de irmos a Mom-basa, depois de termos recebido a bordo a tartaruga e aquele maldito papagaio? Voar para Nairobi e tomar o grande avião para Roma, Veneza, Paris... qualquer lugar que você queira. Que diz, tesouro?

Apertou-lhe o queixo e as faces com sua grande mão, fazendo saltar os lábios. Beijou-os secamente. Bond observava os olhos da mulher. Estavam bem fechados. O Sr. Krest soltou. A moça fez massagem no rosto. Ainda estava branco com as marcas dos dedos.

— Puxa, Milt — disse ela meio rindo — você quase me amassou. Você não conhece a própria força. Mas vamos comemorar. Penso que será muito divertido. E aquela idéia de Paris parece grande. Vamos fazer isso, sim? Que devo encomendar para o jantar?

— Diabo. . . caviar, naturalmente. — disse o Sr. Krest, estendendo as mãos. — Uma daquelas latas de duas libras de Hammacher Schlemmer e todos os acompanhamentos. E aquele champanha rosado.

Virou-se para Bond e perguntou:

— Isso lhe convém, rapaz?

— Parece uma boa refeição — respondeu Bond, mudando de assunto depois. — Que fez com a prenda.

— Formalina. Está lá em cima no convés superior com alguns outros frascos de coisas que recolhemos aqui e acolá. . . peixes, conchas. . . Tudo seguro em nosso necrotério doméstico. Foi assim que nos disseram para guardar os espécimes. Remeteremos por via aérea aquele maldito peixe quando voltarmos à civilização. Primeiro darei uma entrevista à imprensa. Deverá sair com grande destaque nos jornais lá da terra. Já dei a notícia pelo rádio à Smithsonian e às agências noticiosas. Meus contadores ficarão muito contentes em ter alguns recortes de jornais para mostrar àqueles malditos rapazes do fisco.

O Sr. Krest ficou muito bêbado naquela noite. Mas não demonstrou muito. A macia voz de Bogart tornou-se mais macia e lenta. A cabeça redonda e pesada virou-se mais deliberadamente sobre os ombros. A chama do isqueiro levou mais tempo para tornar a acender o charuto e um

copo foi jogado para longe da mesa. Mas transparecia nas coisas que o Sr. Krest dizia. Havia no homem uma violenta crueldade, um desejo patológico de ferir, bem perto da superfície. Naquela noite, depois do jantar, o primeiro alvo foi James Bond. Teve de ouvir uma explicação em voz mansa sobre as razões pelas quais a Europa, incluindo a Inglaterra e a França, perdia cada vez mais seu valor para o mundo. Hoje em dia, disse o Sr. Krest, só existem três potências: Estados Unidos, Rússia e China. Esse era o grande jogo de pôquer e nenhuma outra nação tinha fichas ou cartas para entrar nele. De vez em quando, algum agradável paisinho — que ele admitia ter sido bastante grande no passado — como a Inglaterra, recebia um pouco de dinheiro emprestado para poder jogar uma mão com os adultos. Mas isso era apenas delicadeza, como a gente às vezes precisa ter — com um amigo do clube que ficou arruinado. Não. A Inglaterra — bela gente, entenda-me, grande espírito esportivo — era um lugar onde se ia para ver edifícios antigos, a Rainha e outras coisas. A França? Só valia pela comida boa e pelas mulheres fáceis. A Itália? Sol e espaguete. Uma espécie de sanatório. A Alemanha? Bem, os alemães ainda tinham um pouco de fibra, mas duas guerras perdidas haviam-lhes tirado o ânimo. O Sr. Krest desfez-se do resto do mundo com alguns chavões semelhantes e depois pediu a opinião de Bond.

Bond estava completamente cansado do Sr. Krest. Disse que achara o ponto de vista do Sr. Krest excessivamente simplificado — ingênuo mesmo, poderia dizer. Acrescentou:

— Seus argumentos fazem-me lembrar um aforisma bastante mordaz que ouvi certa vez a respeito dos Estados Unidos. Quer ouvir?

— Claro, claro.

— É no sentido de que os Estados Unidos progrediram da infância para a senilidade, sem ter passado por um período de maturidade.

O Sr. Krest olhou pensativamente para Bond. Finalmente disse:

— Puxa, Jim, isso é bem direto.

Seus olhos cobriram-se ligeiramente quando os voltou para sua esposa.

— Acho que você concorda com essa observação de Jim, não, tesouro? Lembro-me de tê-la ouvido dizer certa vez que achava que havia algo de bem infantil nos americanos. Lembra-se?

— Oh, Milt — disse Liz Krest, cujos olhos revelavam ansiedade, mostrando que ela soubera ler os sinais. — Como pode trazer isso à baila?

Você sabe que foi apenas uma coisa casual que eu disse sobre as histórias em quadrinhos dos jornais. Naturalmente, não concordo com o que James diz. De qualquer maneira, foi apenas uma piada, não foi, James?

— Exatamente — respondeu Bond. — Como o que o Sr. Krest disse da Inglaterra, que nada tem além de ruínas e uma rainha.

Os olhos do Sr. Krest ainda estavam voltados para a mulher. Disse maciamente:

— Bobagens, tesouro. Por que está parecendo tão nervosa. Naturalmente que foi uma piada.

Fêz uma pausa e acrescentou:

— Uma piada de que eu me lembrarei, tesouro. De que certamente me lembrarei.

Bond calculou que o Sr. Krest já tinha dentro uma garrafa inteira de várias bebidas alcoólicas, principalmente uísque.

Parecia a Bond que, se êle não perdesse a consciência, não demoraria muito o momento em que teria de acertar o Sr. Krest, só uma vez, mas bem forte, no queixo. Fidele Barbey estava agora recebendo o tratamento.

— Essas suas ilhas, Fido. Quando olhei para elas no mapa pela primeira vez, pensei que fossem apenas algumas sujeiras de mosquitos sobre a página — disse o Sr. Krest, dando uma risadinha. — Tentei mesmo limpá-las com as costas da mão. Depois li um pouco sobre elas e tive a impressão de que minha primeira idéia acertara em cheio. Não prestam para grande coisa, não é, Fido? Admira-me como um rapaz inteligente como você não dá o fora daqui. Mariscar pelas praias não é vida que se leve. Verdade que ouvi dizer que um dos membros de sua família deixou mais de cem filhos ilegítimos. Talvez seja essa a atração, hem, rapaz?

O Sr. Krest sorriu como quem conhece bem as coisas. Fidele Barbey respondeu serenamente:

— Esse foi meu tio Gaston. O resto da família não aprova isso. Fêz um grande furo na fortuna da família.

— Fortuna da família, hem? — disse o Sr. Krest, piscando para Bond. — Em que estava empregada essa fortuna? Em conchas de caurim?

— Não exatamente. — Fidele Barbey não estava acostumado com o tipo de rudeza do Sr. Krest. Parecia ligeiramente embaraçado. — Embora tenhamos ganho muito dinheiro com carapaças de tartaruga e mardrepérola há uns cem anos quando havia enorme procura dessas coisas.

Copra sempre foi nosso principal negócio.

— Usando os bastardos da família como mão-de-obra, suponho eu. Boa idéia. Gostaria de poder arrumar alguma coisa assim em meu círculo doméstico.

O Sr. Krest olhou para sua esposa. Os lábios de borracha viraram-se ainda mais para baixo. Antes da chacota seguinte poder ser proferida, Bond empurrara sua cadeira para trás e saíra para o convés, fechando a porta depois de passar.

Dez minutos depois, Bond ouviu o barulho de pés que desciam a escada do convés superior. Virou-se. Era Liz Krest. Veio até onde ele estava na popa. Disse com voz tensa:

— Eu disse que ia para a cama. Mas depois pensei em voltar aqui para ver se quer mais alguma coisa. Não sou muito boa dona de casa, acho. Tem certeza que não faz questão de dormir aqui fora?

— Gosto disto. Gosto mais desta espécie de ar que da coisa enlata lá dentro. E é maravilhoso ter todas essas estrelas para olhar. Nunca tinha visto tantas estrelas.

Ela disse ansiosamente, aproveitando o assunto amistoso:

— Gosto mais da constelação de Orion e do Cruzeiro do Sul. Quando era pequena — sabe? — pensava que as estrelas eram na realidade buracos no céu. Pensava que o mundo era cercado por uma espécie de envoltório grande e preto, fora do qual o universo era cheio de luz brilhante. As estrelas eram apenas buracos no envoltório, que deixavam passar pequenas faíscas de luz. A gente tem idéias terrivelmente tolas quando criança.

Ergueu os olhos para Bond, desejando que ele não a decepcionasse.

— Você provavelmente tem razão — disse Bond. — A gente não deve acreditar em tudo quanto os cientistas dizem. Eles querem tornar tudo monótono. Onde você vivia nessa época?

— Em Ringwood, na New Forest. Era um bom lugar para a gente crescer. Um bom lugar para crianças. Gostaria de voltar lá um dia.

— Você sem dúvida percorreu um longo caminho desde então — disse Bond. — Provavelmente o achou muito monótono.

Ela estendeu a mão e tocou a manga de Bond.

— Por favor, não diga isso. Você não compreende... — havia uma nota de desespero na voz suave. — Não posso suportar o fato de não ter

o que outras pessoas têm — pessoas comuns. Quero dizer — disse ela, rindo nervosamente — você não vai acreditar em mim, mas conversar assim durante alguns minutos, ter alguém como você com quem conversar, é coisa de que já quase me esquecera.

De repente, segurou a mão de Bond e apertou-a bem.

— Desculpe. Só queria fazer isto. Agora vou para a cama.

A voz macia veio de trás deles. A fala era pastosa, mas cada palavra era cuidadosamente separada da seguinte.

— Bem, bem. Quem diria? Namorando com o criado submarino!

O Sr. Krest estava enquadrado na portinhola do salão. Firmava-se sobre as pernas bem abertas e tinha os braços estendidos para a padieira em cima de sua cabeça. Com a luz por trás, tinha a silhueta de um cinocé-falo. O ar frio e aprisionado do salão passou por êle e por um momento resfriou o ar quente da noite no convés inferior. O Sr. Krest deu um passo para fora e empurrou delicadamente a porta para trás.

Bond deu um passo em direção a êle, com as mãos caídas dos lados. Mediu a distância que o separava do plexo solar do Sr. Krest.

— Não tire conclusões apressadas, Sr. Krest — disse. — E cuidado com a língua. Teve a sorte de não machucar-se até agora. Não abuse da sorte. O senhor está bêbado. Vá para a cama.

— Ho, ho, ho! Ouçam o atrevido rapaz.

O rosto do Sr. Krest, iluminado pela lua, voltou-se vagarosamente de Bond para sua esposa. Fêz uma careta desdenhosa. Tirou do bolso um apito de prata e girou-o em sua corrente.

— Êle evidentemente não está compreendendo, não acha, tesouro? Você não lhe disse que aqueles hunos estão lá na frente só como enfeite?

Voltou-se de novo para Bond.

— Rapaz, aproxime-se mais e eu soprarei isto... só uma vez. E sabe o que acontecerá? Será o sepultamento do Sr. maldito Bond — disse êle, fazendo um gesto em direção ao mar — pelo costado. Homem ao mar. Uma pena. Voltamos para dar uma busca e sabe o que acontece, rapaz. Por acaso recuamos sobre você com aquelas duas hélices. Parece incrível! Que falta de sorte teve aquele belo rapaz Jim de quem todos nós gostávamos tanto!

O Sr. Krest balançou-se sobre os pés.

— Entendeu, Jim? Okay, então vamos ser amigos de novo e dormir

um pouco.

Segurou na padieira da portinhola e virou-se para sua esposa. Ergueu a mão livre e fez um gesto vagaroso com o dedo.

— Ande, tesouro. É hora de ir para a cama.

— Sim, Milt. — Os olhos largos e assustados viraram-se de lado. — Boa-noite, James.

Sem esperar pela resposta, mergulhou por baixo do braço do Sr. Krest e atravessou quase correndo o salão. O Sr. Krest ergueu uma mão.

— Calma, rapaz. Nada de rancores, eh?

Bond nada disse. Continuou olhando duramente para o Sr. Krest.

O Sr. Krest riu hesitantemente. Depois disse:

— Então, okay.

Entrou no salão e fechou a porta. Através da janela, Bond observou-o caminhando vacilante pelo salão e apagando as luzes. Foi para o corredor e houve um clarão momentâneo na porta do camarote particular. Depois a porta também ficou escura.

Bond encolheu os ombros. Santo Deus, que homem! Debruçou-se no peitoril da popa e observou as estrelas e os lampejos de fosforescência na esteira cremosa. Pôs-se então a clarear o espírito e relaxar as tensões de seu corpo.

Meia hora mais tarde, depois de tomar um banho de chuveiro no banheiro da tripulação, Bond estava arrumando uma cama entre as almofadas Dunlopillo empilhadas quando ouviu um angustioso grito. O grito cortou a noite por um instante e depois foi sufocado. Era a mulher. Bond atravessou correndo o salão e desceu pelo corredor. Com a mão na porta do camarote, parou. Podia ouvir os soluços dela e, acima deles, a voz macia e monótona do Sr. Krest. Tirou a mão do trinco. Diabo! Que tinha com isso? Eram marido e mulher. Se ela estava disposta a suportar essa espécie de coisa sem matar seu marido ou abandoná-lo, não adiantava Bond fazer o papel de Sir Galahad. Bond voltou vagarosamente pelo corredor. Quando estava atravessando o salão, o grito, desta vez menos pungente, ecoou de novo. Bond praguejou fluentemente, saiu, deitou-se em sua cama e tentou focalizar seu espírito no suave roncar dos diesels. Como podia uma mulher ter tão pouca coragem? Ou será que as mulheres eram capazes de suportar quase tudo de um homem? Tudo, exceto a indiferença? O espírito de Bond recusava desembaraçar-se. O sono distanciava-se cada vez mais.

Uma hora mais tarde, Bond chegara à beira da inconsciência quando, acima dele no convés superior, o Sr. Krest começou a roncar. Na segunda noite após terem saído de Port Victoria, o Sr. Krest deixara sua cabina no meio da noite e subira para a rede que ficava pendurada para êle entre a lancha e o pequeno bote. Mas naquela noite não havia roncado. Agora estava roncando com aquele barulho profundo e estrondoso que resulta de grandes pílulas azuis de sedativo em cima de álcool em excesso.

Aquilo já era demais. Bond olhou para seu relógio. Uma e meia. Se o ronco não parasse em dez minutos, Bond desceria para a cabina de Fidele Barbey e dormiria no chão, ainda que tivesse de acordar duro e gelado na manhã seguinte.

Bond observou o ponteiro cintilante dar vagarosamente a volta no mostrador. Agora! Levantou-se e estava apanhando sua camisa e seu “short” quando, do convés superior, veio o barulho de uma forte batida. A batida foi seguida imedia-mente por ruídos de luta e um som horrível como de alguém sendo sufocado e gorgolando. Teria o Sr. Krest caído de sua rede? Relutantemente, Bond deixou suas coisas cair de novo no convés e subiu a escada. Quando seus olhos atingiram a altura do convés superior, os sons cessaram. Em seu lugar, houve outro som, ainda mais horrível — o rápido bater de calcanhares. Bond conhecia esse som. Saltou os últimos degraus e correu em direção à figura caída de costas e de braços abertos sob o brilhante luar. Parou e ajoelhou-se devagar, horrorizado. O horror do rosto estrangulado já era bem feio, mas não era a língua do Sr. Krest que saía de sua boca aberta. Era o rabo de um peixe. As cores eram rosa e preto. Era a Raridade de Hildebrand!

O homem estava morto — horrivelmente morto. Quando o peixe fora enfiado em sua boca, êle devia ter estendido a mão e tentado desesperadamente arrancá-lo para fora. Mas os espinhos das nadadeiras dorsais e anais haviam-se prendido por dentro das bochechas e algumas das pontas espinhosas projetavam-se agora através da pele manchada de sangue em roda da boca obscena. Bond estremeceu. A morte devia ter sobrevivendo em um minuto. Mas que minuto!

Bond pôs-se em pé vagarosamente. Caminhou até as prateleiras de frascos de vidro e espreitou por baixo do toldo protetor. A tampa de plástico do frasco da ponta estava caída no convés a seu lado. Bond limpou-a cuidadosamente na lona e depois, segurando-a com as pontas das unhas, colocou-a de novo solta sobre a boca do frasco.

Voltou e ficou em pé ao lado do cadáver. Qual dos dois fizera isso? Havia um toque de diabólico ódio no uso da valiosa prenda como arma. Isso sugeria a mulher. Ela certamente tinha suas razões. Mas Fidele Barbey, com seu sangue crioulo, teria tido a crueldade e ao mesmo tempo o macabro senso de humor. *“Je lui ai foutu son sacré poisson dans la gueule.”* Bond podia ouvi-lo proferindo as palavras. Se, após Bond ter deixado o salão, o Sr. Krest tivesse alfinetado mais um pouquinho os seychellois — particularmente no que se referia à sua família ou suas adoradas ilhas — Fidele Barbey não o teria atacado lá na hora ou usado uma faca. Teria esperado e planejado.

Bond correu os olhos pelo convés. O ronco do homem poderia ter sido um sinal para qualquer dos dois. Havia escadas para o convés superior partindo de ambos os lados das cabinas. O timoneiro na casa do leme nada teria ouvido com o barulho da sala de máquinas. Bastariam segundos para tirar o pequeno peixe de seu banho de formalina e enfiá-lo na boca aberta do Sr. Krest. Bond encolheu os ombros. Quem quer que tivesse feito aquilo não pensara nas conseqüências — no inevitável inquérito, talvez um julgamento, no qual êle, Bond, seria outro suspeito. Sem dúvida, iam todos meter-se em uma encrenca dos diabos a menos que pudesse arrumar as coisas.

Bond olhou pela beirada do convés superior. Embaixo ficava a faixa de um metro de coberta que se estendia por todo o comprimento do navio. Entre ela e o mar havia um peitoril de uns sessenta centímetros de altura. Supondo-se que a rede tivesse partido e o Sr. Krest tivesse caído, rolando sobre a lancha e pela beirada do convés superior, poderia ter chegado ao mar? Dificilmente, com o mar tão calmo, mas isso é o que êle iria fazer.

Bond pôs-se em ação. Com uma faca de mesa do salão, esfiapou cuidadosamente e depois partiu uma das principais cordas da rede, de modo que esta ficou realisticamente caída no convés. Em seguida, com um pano úmido, limpou as manchas de sangue na madeira e as gotas de formalina que tinham escorrido desde o frasco do peixe. Depois, veio a parte mais difícil — lidar com o cadáver. Cuidadosamente, Bond puxou-o para a beirada do convés, desceu a escada e, erguendo o corpo, segurou-o. O cadáver desceu por cima dele, com um pesado abraço de bêbado. Bond caminhou cambaleante até o peitoril baixo e soltou o cadáver. Houve um último e medonho vislumbre do rosto obscenamente inchado, um

enjoativo cheiro de uísque azedo, uma pesada batida e o corpo rolou vagarosamente, levado pelas pequenas ondas da esteira. Bond agachou-se encostado à escotilha do salão, pronto para escorregar por ela se o timoneiro viesse da proa para investigar. Mas não houve movimento na frente do barco e os diesels continuaram roncando firmemente.

Bond suspirou fundo. O “coroner” precisaria ser muito encenqueiro para pensar em outra coisa além de acidente. Voltou para o convés superior, deu uma última olhada em roda, jogou ao mar a faca e o pano úmido, e desceu a escada para sua cama no convés inferior. Eram duas e quinze. Dez minutos depois, Bond estava dormindo.

Aumentando a velocidade para doze nós, às seis horas da tarde estavam em North Point. Atrás deles, o céu coruscava de raios vermelhos e dourados sobre água-marinha. Os dois homens, com a mulher entre eles, estavam encostados no peitoril do convés inferior e observavam a praia brilhante além do mar, que parecia um espelho de madrepérolas. Liz Krest usava um vestido de linho branco com cinto preto e um lenço preto e branco enrolado no pescoço. As cores da manhã combinavam com a pele dourada. As três pessoas mantinham-se reservadas e quase constrangidas, cada uma delas alimentando seu próprio conhecimento secreto, cada uma delas ansiosa por transmitir às outras duas que seus segredos particulares estavam bem guardados com ela.

Naquela manhã parecia ter havido entre os três uma conspiração para dormir até tarde. Mesmo Bond não fora acordado pelo sol antes das dez horas. Tomou um banho de chuveiro no alojamento da tripulação e conversou com o timoneiro antes de descer para ver o que aconteceria com Fidele Barbey. Este ainda estava na cama. Disse que estava de resaca. Havia sido muito rude com o Sr. Krest? Não conseguia lembrar-se de muita coisa, recordando apenas que o Sr. Krest fora rude com êle.

— Lembra-se do que eu disse sobre êle desde o começo, James? Um fanfarrão safado. Agora concorda comigo? Qualquer dia destes alguém vai tapar para sempre aquela sua feia boca mole.

Inconclusivo. Bond arrumou alguma coisa como desjejum na cozinha e estava comendo quando Liz Krest entrou para fazer o mesmo. Vestia um quimono de xantungue azul pálido até os joelhos. Havia anéis escuros embaixo de seus olhos e ela tomou seu desjejum em pé. Mas parecia perfeitamente calma e à vontade. Segredou com ar de conspiração:

— Desculpe o que aconteceu ontem à noite. Acho que eu também bebi um pouco demais. Mas perdoe Milt. Ele é realmente muito amável. Só quando bebe um pouco demais é que fica um tanto difícil. Sempre se arrepende na manhã seguinte. Você vai ver.

Quando já eram onze horas e nenhum dos outros dois mostrava sinais de abrir o jogo, por assim dizer, Bond decidiu forçar a parada. Olhou fixamente para Liz Krest que estava deitada de bruço no convés inferior lendo uma revista e disse:

— A propósito, onde está seu marido? Ainda dormindo?

Ela franziu a testa.

— Acho que sim. Ele foi para sua rede no convés superior. Não tenho idéia que horas eram. Tomei um comprimido de sedativo e dormi até de manhã.

Fidele Barbey tinha uma vara de pesca estendida para fora do barco. Sem voltar os olhos, disse:

— Provavelmente está na casa do leme.

— Se ainda estiver dormindo no convés superior — disse Bond — vai queimar-se como o diabo.

— Oh, pobre Milt! — exclamou Liz Krest. — Eu não havia pensado nisso. Vou lá ver.

Subiu a escada. Quando sua cabeça estava acima do nível do convés superior, parou. Gritou para baixo, ansiosamente:

— Jim. Ele não está aqui. E a rede está partida.

— Fidele provavelmente tem razão — respondeu Bond. — Vou olhar lá na frente.

Foi até a casa do leme. Fritz, o imediato, e o mecânico estavam lá. Bond perguntou:

— Alguém viu o Sr. Krest?

Fritz pareceu perplexo.

— Não, senhor. Por quê? Há alguma coisa errada?

Bond assumiu uma expressão de ansiedade.

— Ele não está lá atrás. Vamos, dêem uma olhada por toda parte. Ele estava dormindo no convés superior. Não está lá e sua rede está partida. Estava bem ruim ontem à noite. Vamos! Procurem-no!

Quando se chegou à inevitável conclusão, Liz Krest teve curto, mas convincente acesso de histeria. Bond levou-a para sua cabina e deixou-a lá chorando.

— Está tudo bem, Liz — disse êle. — Fique fora disso. Eu cuidarei de tudo. Teremos de avisar Port Victória pelo rádio e outras coisas. Direi a Fritz para aumentar a velocidade. Acho que não adianta voltar atrás para olhar. Já faz seis horas que nasceu o dia, quando êle não poderia ter caído de bordo sem ser ouvido ou visto. Deve ter sido durante a noite. Acho que umas seis horas nestes mares é o fim.

Ela o fitou, com os olhos muito abertos.

— Quer dizer. . . quer dizer tubarões e outras coisas?

Bond fêz que sim com a cabeça.

— Oh, Milt! Pobre e querido Milt! Oh, por que teria de acontecer isso?

Bond saiu e fechou suavemente a porta.

O iate deu a volta em Cannon Point e diminuiu a velocidade. Conservando-se bem longe dos recifes esparsos, deslizou serenamente através da larga baía, agora côr de limão e cinzenta escura na última luz do dia, em direção ao ancoradouro. A pequena Prefeitura embaixo das montanhas já estava escura com sombras côr de anil nas quais apareciam borrifos de luz amarela. Bond viu a lancha da Alfândega e Imigração sair do Long Pier para encontrá-los. A pequena comunidade já devia estar comentando ativamente a notícia, que devia ter transpirado rapidamente da estação de rádio para o Seychelles Club e de lá, através dos sócios, motoristas e empregados, para a cidade.

Liz Krest virou-se para êle.

— Estou começando a ficar nervosa. Você me ajudará até o fim disto. . . destas horríveis formalidades e outras coisas?

— Naturalmente.

— Não se preocupem demais — disse Fidele Barbey. — Toda essa gente é minha amiga. E o juiz é meu tio. Todos nós teremos de prestar depoimento. Provavelmente farão a audiência amanhã. Você poderá partir no dia seguinte.

— Pensa mesmo assim? — perguntou Liz Krest, sob cujos olhos o suor parecia orvalho. — O mal é que realmente não sei para onde partir ou que fazer. Suponho — acrescentou, hesitando, sem olhar para Bond — suponho, James, que você não gostaria de ir até Mombasa? Quero dizer, você vai para lá de qualquer jeito e eu poderia levá-lo até lá um dia antes desse seu navio, essa Camp qualquer coisa.

— “Kampala” — esclareceu Bond, acendendo um cigarro para ocul-

tar sua hesitação. Quatro dias em um belo iate com essa mulher? Mas havia o rabo daquele peixe projetando-se da boca! Teria ela feito aquilo? Ou fora Fidele, sabendo que seus tios e primos em Mahe dariam um jeito de nada lhe acontecer de mal? Se pelo menos um deles cometesse uma indiscrição. Bond disse com naturalidade:

— É muita bondade sua, Liz. Naturalmente, eu gostaria de ir.

Fidele Barbey riu baixinho.

— Bravo, meu amigo — disse êle. — E eu gostaria de estar em sua pele, menos por uma coisa. Aquele maldito peixe. É uma grande responsabilidade. Gosto de imaginar vocês dois recebendo torrentes de cabogramas da Smithsonian. Não se esqueçam de que agora vocês dois são curadores de um Koh-i-noor científico. E sabem como são aqueles americanos. Matarão vocês de aborrecimento até terem o bicho nas mãos.

Os olhos de Bond estavam duros como pedra enquanto a observava. Sem dúvida, isso apontava para ela. Agora teria de dar alguma desculpa, para tirar o corpo da viagem. Havia certa coisa naquela maneira particular de matar um homem. . .

Mas os belos olhos cândidos não vacilaram. Ela ergueu os olhos para o rosto de Fidele Barbey e disse, serenamente, encantadoramente:

— Isso não será problema. Decidi doá-lo ao Museu Britânico.

James Bond notou que agora se juntava orvalho de suor nas têmporas. Mas, afinal de contas, era uma tarde desesperadamente quente. . .

O ronco dos motores cessou e a corrente da âncora baixou rangendo para a calma baía.



IAN FLEMING

**A Serviço Secreto de Sua Majestade
Espião e Amante
Moscou Contra 007
Gold-Finger**

